



CHRISTINE HURLEY DERISO

Então, conheci minha irmã



A MORTE AS SEPAROU,
UM DIÁRIO AS UNIU

 GUTENBERG

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CHRISTINE HURLEY DERISO

Então,
conheci
minha
irmã

A MORTE AS SEPAROU,
UM DIÁRIO AS UNIU

Tradução: CRISTINA CALDERINI TOGNELLI



GUTENBERG

Copyright © 2011 Christine Hurley Deriso
Copyright © 2011 Flux, um selo de Llewellyn Worldwide Ltd.
Copyright © 2014 Editora Gutenberg
Título original: ...*Then I Met My Sister*

 Leitura Fácil

GERENTE EDITORIAL

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITOR ASSISTENTE

Denis Araki

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Karina Danza

REVISÃO

Camile Mendrot

Patrícia Vilar

Malvina Tomáz

CAPA

Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Moraes

PRODUÇÃO DO E-BOOK

Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Deriso, Christine Hurley

Então, conheci minha irmã : a morte as separou, um diário as uniu / Christine Hurley Deriso ; tradução Cristina Calderini Tognelli. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.

Título original: ...*Then I Met My Sister*

ISBN 978-85-8235-151-2

1. Ficção juvenil I. Títul.

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoragutenberg.com.br

*Para Anne e Cecília, que sempre
facilitaram meu caminho.
Amo demais minhas irmãs.*

Sumário

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Um

— Sua mãe.

Gibs indica a plateia com a cabeça e eu sigo a direção do seu olhar.

Mamãe está sentada ao lado da mãe de Leah Rollins, no meio do auditório lotado. Trocam algumas palavras discretamente, inclinándose na direção uma da outra, ambas seguram a programação do Dia de Premiação da Chapel Heights High School diante da boca. Mamãe se apega à fantasia de que Leah Rollins e eu ainda somos amicíssimas (Leah se afastou de mim no nono ano), e sem dúvida está dizendo à mãe dela que nós, garotas, *temos* de nos encontrar um dia desses.

Enquanto mamãe inspeciona a nossa turma de segundo ano do ensino médio, que já está acomodada no palco para encarar aquela parte da programação, seu olhar cruza com o meu. Ela acena, com a mão perto do peito, enquanto os dedos de unhas muito bem-feitas se agitam.

Gibs viu minha mãe apenas umas poucas vezes, contudo, ela é facilmente reconhecível no meio de uma multidão: corpo esbelto, terninho bem alinhado, cabelos loiros e lisos, olhos azuis reluzentes, bronzeado artificial. Aos 57 anos, ela é mais velha que a maioria das mães dos meus colegas, porém seus cuidados habituais com a aparência surtem bastante efeito. A única coisa que a envelhece é sua expressão. Seus olhos são ansiosos, e o sorriso, tenso.

– Por que ela está aqui? – sussurra Gibs. E, em seguida, tenta consertar: – Quero dizer...

No entanto, não há como consertar, por isso ele repete:

– Por que ela *está* aqui?

– Porque é lunática.

A voz do diretor se arrasta, e ele não demora a chamar Gibs pela enésima vez.

– Maior média geral em História, Gibson Brown.

Gibs me lança um olhar de desculpas e segue para o centro do palco, para receber seu certificado, o rabo de cavalo castanho balançando a cada passo desengonçado. Quando ele retorna para perto de nós, afrouxa a gravata e junta mais aquele certificado à pilha que se acumula debaixo da cadeira.

– Maior média geral *na* história, Gibs? – pergunto, arrumando uma mecha longa de cabelo loiro atrás da orelha. – Quer dizer que ninguém, em toda a história, conseguiu uma média geral maior do que você? Bem impressionante!

Ele dá um sorriso torto.

– É a matéria, Summer – diz ele. – História, a matéria.

O diretor volta a falar em seu tom monótono.

– Maior média geral em Inglês da turma avançada, Gibson Brown.

A plateia ri quando Gibs tem de voltar ao centro do palco.

– Talvez Gibson e eu devamos trocar de lugar – o diretor brinca. Mais risadas.

Gibs, por fim, tem a chance de descansar um pouco quando o diretor segue para os Prêmios de Maior Empenho. Pode parecer lógico que as excelentes notas de Gibs indiquem empenho exemplar, mas não, os Prêmios de Maior Empenho vão para os perdedores que passam raspando com notas C e deixam os professores contentes, ao se manter calados durante as aulas.

Eu passo raspando com Cs, mas não fecho a boca na sala de aula, portanto, nada de Prêmio de Maior Empenho para mim.

O que nos leva de volta à pergunta de Gibs: *por que* minha mãe está aqui?

Isso foi o motivo de uma discussão acalorada durante o café da manhã:

– Então... a cerimônia do Dia de Premiação começa às nove, certo, Summer?

Olhei para minha mãe cheia de suspeitas, enquanto ela lavava a louça na pia.

– Por que quer saber?

– Porque eu vou, claro!

O garfo retiniu, quando escorregou dos meus dedos e caiu no prato.

– E por quê?

– Ora, Summer. Fique quieta e termine de comer.

– Odeio desapontá-la, mãe, mas vou sair de mãos abanando.

Mamãe evitou meu olhar, só continuou a esfregar o prato até ele brilhar, enquanto me dizia que estaria lá para dar apoio a *todos* os alunos, inclusive a mim, nem que fosse somente pelos esforços de cada um.

Portanto, meu fracasso nas categorias de empenho deve tê-la atingido com tudo.

Eu deveria sentir culpa. Deus bem sabe que *minha mãe* merece um Prêmio de Maior Empenho por toda a reclamação, insistência, barganha e súplica às quais recorre na tentativa de me empurrar para o *status* de estudante-modelo.

Gibs acredita que meus resultados medíocres vêm de uma atitude passivo-agressiva, e eu aceito essa teoria, uma vez que ela é muito mais interessante do que a verdade, isto é, que sou uma preguiçosa.

Some a isso o fato de eu ser péssima em Matemática – sou realmente muito ruim em Matemática. Eu até tento, mesmo que seja só para evitar os olhares aflitos de mamãe enquanto me debato com a lição de casa, tentando resolver os malditos problemas. Simplesmente

não consigo, o que torna a teoria passivo-agressiva de Gibbs ainda mais interessante.

A cerimônia finalmente chega ao fim, com a observação do diretor de quanto *todos* nós somos excelentes, com ou sem prêmio; mas, excelência à parte, nós, os alunos deficientes em premiação, devemos aspirar receber nossa pilha de certificados na cerimônia do ano seguinte. Discursos motivadores, porém, sempre têm o efeito contrário em mim.

Priscilla Pratt inicia ao piano uma versão entusiasmada de *Ode à alegria*, de Beethoven, como música de encerramento. Priscilla e eu costumávamos ir juntas às aulas de piano. Contudo, desisti das aulas, e lá está Priscilla, entretendo multidões com seu virtuosismo arduamente conquistado. *Ela* praticou as escalas. Mamãe move os lábios, dizendo algo desse tipo.

Concordo com a cabeça: “Sim, mãe. Priscilla é demais.”

Mas ela tem de bater nas teclas com tanta força? O som é estridente, aqueles acordes minúsculos se chocando contra as paredes do auditório tal qual balas de uma metralhadora.

– Que bom que Beethoven era surdo, ou ele estaria revirando no túmulo – sussurro para Gibbs, enquanto caminhamos lentamente na fila para sair do palco.

– As principais religiões diriam que Deus restaura todos os sentidos após a morte – diz Gibbs por sobre o ombro.

– Então Beethoven está sofrendo agora, o que é bem desalentador.

– Psiiiiu!

Sempre que a senhora Treat nos repreende para ficarmos quietos, ela o faz mais alto do que qualquer conversa que esteja tentando silenciar, atraindo todos os olhares para si. Sem necessidade, ela empurra nossos braços para nos indicar a direção, como se ficássemos fora de rumo sem o seu braço gorducho nos guiando para fora do palco. Quando ela franze o cenho (e naquele momento o estava fazendo para mim), ela se parece com Mao Tsé-Tung. Com certeza, mamãe vai dar um jeito de se deparar com a senhora Treat durante a

recepção, a fim de se derramar em elogios quanto ao excelente trabalho de organização do maravilhoso evento.

Nós nos infiltramos no átrio do auditório (sem alegria nenhuma, apesar dos esforços de Priscilla e de Beethoven), onde vejo a cabeça da minha mãe se erguendo para me procurar. Ela está ao lado da mãe de Leah Rollins, que começa a balançar o programa do Dia de Premiação no ar quando me vê. Gemo enquanto as duas mães abrem caminho em meio à multidão, vindo ao meu encontro.

– Summer!... – chama a mãe de Leah. Parece ser a primeira palavra de uma frase, mas o que ela diria, pois Leah e eu não somos mais amigas, especialmente depois da minha desanimadora participação na premiação? Por isso ela só diz o meu nome.

– Olá, senhora Rollins.

– Leah não estava *maravilhosa*? – comenta minha mãe, como se tivéssemos acabado de vê-la na Broadway.

A senhora Rollins dispensa o elogio com um gesto e diz:

– Ela não conseguiu tantos prêmios quanto eu esperava. – Em seguida, nota Gibs, que paira nervoso perto de mim. – Mas quem é que tem chance com *esse* rapaz na turma?

Verdade, Gibs detonou tudo quando se transferiu para Chapel Heights no início do ano. Ele ter tirado Leah do primeiro lugar na classificação da turma deve ter irritado demais a senhora Rollins.

– Sim, meu jovem, você certamente foi muito impressionante – diz mamãe para Gibs. A única coisa que faz com que ela pare de prestar atenção no rabo de cavalo dele é a mão cheia de premiações.

– Obrigado – diz ele, tímido.

– Summer, não vai nos apresentar ao seu amigo? – ela pergunta .

– É o Gibs – respondo. – Gibson Brown. Vocês já se encontraram.

– Verdade? Quando?

– Algumas vezes – digo, impaciente. – No café da manhã da Associação de Pais e Mestres de cinco dias atrás, por exemplo.

Foi na época em que o rabo de cavalo ainda a distraía, antes que mamãe soubesse que ele era brilhante.

– Você o *conhece*, Susanne – incita a senhora Rollins. – A família dele se mudou de Cleveland para cá no meio do ano letivo. O pai dele é um cirurgião renomado.

Com ou sem rabo de cavalo, o prestígio de Gibs subiu vertiginosamente até o teto.

– Hummm... – murmura mamãe, erguendo uma única sobrancelha bem delineada.

– Bem, Gibson, continue assim – diz a senhora Rollins, mas desejando mesmo é que ele vá para o inferno.

– Barbara, precisamos reunir nossas meninas em breve – diz minha mãe para ela.

– Ah, falando em Leah – responde a senhora Rollins, ficando na ponta dos pés para espiar o outro lado da multidão –, lá está ela com todos os seus... amigos. – Ela prende a respiração antes da última palavra, mas já é tarde demais, por isso me lança um olhar sem graça.

Eu sorrio corajosamente.

– É melhor me apressar – ela disse, corando e partindo na direção de Leah.

O olhar da minha mãe a segue, melancólico. Depois, ela se vira para Gibs e para mim.

– Bem – ela diz –, estou muito orgulhosa por vocês dois.

Acho que ela acabou de declarar Gibs como sendo “seu”.

Graças a Deus, ela tem algo com que se alegrar.

Dois

— **Q**ue cê tá fazendo?

Preste atenção na cadência: *que cê tá fazendo*. Essa é mamãe querendo ser casual. Imagino que ela pense que isso é menos desconcertante do que: “Por que, em nome de Deus, você está desperdiçando a sua vida nesse computador?”.

O que estou *fazendo* é o que sempre faço quando ela entra e me vê no computador: saindo da tela. Normalmente, não tenho nenhum motivo constrangedor para fazer isso; é apenas um hábito. O fato de isso enlouquecê-la é um bônus. Ela insiste em manter o computador em um “local central” (a sala de estar), portanto não tenho nenhuma privacidade quando estou trocando mensagens, ou jogando paciência, ou fazendo qualquer outra coisa relacionada ao computador que seja definida como desperdiçar a vida. Papai tentou me defender alguns anos atrás, dizendo que eu deveria ter meu notebook ou que deveríamos, ao menos, colocar o computador em um lugar mais reservado, mas mamãe o interrompeu no ato, dizendo: “Está louco? E os molestadores sexuais?”. O que, convenhamos, tem o efeito de esfriar qualquer conversa.

— Hum? — insiste mamãe, quando não respondo à pergunta “que cê tá fazendo”, que deduzi, muito inocentemente, fosse apenas retórica. Ela se inclina para fitar a tela do computador.

– Nada. – Aperto uma tecla qualquer, à espera de que ela se afaste para terminar minha conversa com Gibs.

Ela estala a língua, o que normalmente significa que vai sair, só para virar a cabeça de repente na minha direção, após poucos passos, e, assim, garantir que nada passa por ela, que está sempre alerta, sempre vigilante em relação ao computador estrategicamente localizado. Quer garantir que está na cola desses molestadores infantis, que é *uma boa mãe*. Contudo, em vez de sair, ela se senta na poltrona reclinável ao lado do computador. A poltrona fica de frente para a televisão, mas ela a gira, e fica observando as minhas costas e a tela em branco do computador.

Inclino a cabeça de leve para ela e a olho de relance:

– Precisa de alguma coisa, mãe?

– Preciso da sua atenção – responde ela. Toda aquela camaradagem do “que cê tá fazendo” já era.

Reviro os olhos enquanto ainda posso, depois, me viro de frente para ela.

– Oi – respondo seca.

– Seu amigo, Gibson, certamente se destacou na cerimônia do Dia de Premiação – diz.

Concordo.

– É. Ele é ótimo. Na verdade, ele vem para cá depois do jantar para me ajudar com a prova final de História. Tudo bem?

O rosto de mamãe se ilumina.

– Ora, mas é claro. É uma excelente ideia. Summer, esse é o tipo de coisa que você deveria fazer com mais frequência. Quem sabe se você tivesse começado antes... Quero dizer, estamos na metade de maio, e o ano letivo está quase no fim, e...

– Antes tarde do que nunca, certo? – Tenho um sorriso forçado colado no rosto.

– Summer, não vou mentir – diz mamãe de modo direto –, sei que a escola nunca foi seu ponto forte, mas foi um tanto difícil ficar sentada

em outra cerimônia do Dia de Premiação com resultados tão... tão desapontadores.

Meu sorriso some.

– Eu lhe disse para não ir. Você sabia que eu não receberia nada.

A raiva cintila nos seus olhos azuis metálicos.

– Você será último anista no ano que vem – diz, num tom gélido. – Tudo o que fizer agora pavimenta seu caminho no futuro. Você deveria estar tirando notas máximas, acumulando horas de voluntariado, fazendo projetos extracurriculares na escola, e... – Ela suspira, atormentada. – Você sabe, quando Shannon tinha a sua idade, ela...

Meu olhar devastador a interrompe no ato. Mamãe não é a única que sabe ser gélida.

– Ah, pare de ser tão sensível – ela replica. – Não estou comparando vocês duas, só estou...

Eu dou um tempo para ela sofrer. Ela fica sem saída.

– Só estou *observando* – continua bravamente – que sua irmã era... que ela era muito...

A palavra seguinte não sai: “inteligente”. O superlativo diz tudo. Shannon era “muito”. Eu não sou.

– Não sei o que quer que eu faça, mãe – digo. – Como você mesma disse, o ano escolar está quase no fim.

Ela cruza os braços e mexe a cabeça com firmeza.

– Quero que vire a página – ela responde. – Quero que peça tarefas extras aos seus professores neste verão. Quero que se aplique no ano que vem, para ser a aluna que só tira notas A, que nós duas sabemos que você consegue ser. Quero que faça trabalhos voluntários. Quero que pense no seu *futuro*, Summer.

O que é irônico, pois, até onde sei, tudo o que Shannon fez foi pensar no futuro. E acabou sem ter um.

Qualquer que seja o olhar que estou lançando para mamãe, ele a está frustrando imensamente. Ela pula da poltrona em um jorro de adrenalina.

– E se *não* fizer isso... – Ela aponta o dedo com a unha afiada tal qual uma adaga em minha direção. – Não pense que vai ficar aqui sentada o verão inteiro sem fazer nada. Se não consegue encontrar nada construtivo para fazer, então *eu* encontrarei algo por você.

Ela sai a passos largos da sala, deixando um rastro de perfume Shalimar em seu rastro. Continuo sentada imóvel por um segundo, congelada pelo aroma que ela deixa para trás, depois, me volto para o computador.

Vejo uma potencialidade real em continuar sentada ali durante todo o verão, sem fazer nada.

Tres

— Você tem uma irmã?

Gibs e eu nos tornamos amigos desde que ele se mudou para a cidade, há alguns meses. Um dia, na escola, ele me viu lendo Nietzsche na hora do almoço e se perguntou por que alguém que lia Nietzsche por prazer não estava na turma avançada. Ele é bem tímido, mas acabamos criando um elo por meio de divertidos sorrisos furtivos durante uma sessão de leitura de poesia particularmente sofrível (é melhor nem comentar as ideias arfantes de Priscilla Pratt a respeito dos poetas, ou as opiniões inovadoras de Leah Rollins sobre a importância da honestidade), e Gibs passou a me convidar para ir à casa dele para algumas aulas de guitarra ou assistir a filmes alternativos.

No entanto, aquela era a sua primeira vez na *minha* casa; a tendência de mamãe de fazer com que meus amigos se sintam sob a supervisão do FBI minimiza meus convites. Agora, porém, ela está no trabalho, e eu preciso mesmo de ajuda para a prova de História, portanto, aqui está Gibs.

Percebo, de repente, que deve ser muito estranho para ele eu nunca ter mencionado a minha irmã. Acabamos de passar pelo Corredor da Fama de Shannon para entrar no covil em que o retrato em aquarela em tamanho real de Shannon sorri para nós, da parede em maior evidência da sala.

— Tive — respondo. — *Tive* uma irmã. Ela morreu.

– Ah – diz Gibs. – Sinto muito.

– Tudo bem. Nunca a conheci. Ela morreu antes de eu nascer. Na verdade, ela é *a razão* de eu ter nascido.

Gibs estreita o olhar, esperando que eu fale mais; contudo, não há muito mais a dizer. Tiro a mochila do ombro e a deixo cair no tapete, abro o zíper e pego o livro de História. Largo-me no sofá fofo, florido, e começo a folhear as páginas.

– Estou bem enferrujada nos prussianos – declaro, depois de encontrar a página.

– O que quer dizer com ela ser a razão de você ter nascido? – insiste Gibs.

Dou de ombros.

– Meus pais ficaram arrasados quando ela morreu, por isso me tiveram. Sou a filha de segunda mão deles.

Gibs ajeita uma mecha de cabelo atrás da orelha e se senta na outra ponta do sofá.

– Você é o quê?

– A filha de segunda mão. Shannon era perfeita, a vida deles era perfeita, tudo era mais que perfeito, então, ela morreu. E minha mãe achou que, se engravidasse de novo, teria outro bebê perfeito. Mas ela me teve.

Volto a folhear as páginas, mas Gibs tira os tênis e se acomoda para ouvir mais detalhes.

– Como ela morreu?

Estreito o olhar no glossário.

– Acidente de carro.

As sobrancelhas de Gibs se juntam.

– O que aconteceu?

Olho firme para ele.

– Não acabei de contar? Acidente de carro. Um acidente que envolveu um automóvel.

Ele balança a cabeça, com impaciência.

– Mas *o que* aconteceu?

Suspiro, jogo o livro para o lado e abraço os joelhos contra o peito.

– Ela estava dirigindo para ir à escola. Era o primeiro dia do seu último ano escolar. Um cachorro apareceu na frente do carro... ou um gato, ou um esquilo... um bicho qualquer... e ela desviou, batendo o carro em uma árvore.

Gibs fica olhando para seus dedos.

– Uau! – Ele cora. – Sinto muito mesmo.

Cutuco o braço dele, brincando.

– Eu não a conheci, lembra? Você dizer que lamenta que ela tenha morrido é o mesmo que dizer que lamenta a morte de Abraham Lincoln. E, falando em História... – indico o livro com a cabeça.

– Não é nada parecido – argumenta Gibs, olhando para o retrato dela na parede. – Ela era a sua irmã. Deus, vocês parecem gêmeas. Ela é, sei lá, um pedaço de você.

– Bem, seu tataravô também era meio que um pedaço seu. Mas você não tem como sentir falta de alguém que nunca conheceu.

Os olhos azuis escuros de Gibs piscam em minha direção.

– Uma irmã não é como um antepassado distante. É de esperar que tataravôs *estejam* mortos. Irmãs, não.

Reflito sobre a declaração dele, mas, na verdade, estou irritada por estar falando sobre aquele assunto, para início de conversa.

– Eu sei – digo, pacientemente. – É triste que ela tenha morrido. Por outro lado, se ela não tivesse morrido, eu não teria nascido, portanto não estaria aqui falando com você sobre como não se pode sentir saudades de alguém que nunca se conheceu, conseqüentemente...

– Como sabe disso? – pergunta Gibs, dessa vez com os olhos cravados nos meus.

– Sei *o quê?*

– Que não estaria aqui se ela não tivesse morrido?

Dou de ombros.

– Meus pais só me tiveram porque estavam arrasados por terem perdido ela.

Gibs olha para além de mim.

– O que nos faz pensar... Quero dizer, a vida pode ser totalmente ao acaso... Mas, se existe um plano maior, se você tinha de estar aqui, é como se Shannon tivesse de morrer para que isso acontecesse.

Dou uma bufada e me sento mais ereta.

– História. Nós deveríamos estar estudando História.

Gibs apoia o queixo no punho.

– Para que, se tudo é aleatório? Mais estranho ainda, de que adiantaria, se tudo é predeterminado? De que adianta aprender História, se não temos controle sobre o nosso destino? Talvez você esteja destinada a ser reprovada em História, e nada do que fizermos pode mudar isso. Ou talvez um asteroide caia em algum lugar da Terra daqui a dez segundos, e nada disso importará, de qualquer forma.

Pego uma almofada e jogo na cabeça dele.

– Ou talvez meu professor de História se transforme num vulcano e nos rapte para a nave estelar *Enterprise*. Mas, só para o caso de eu ter de passar na prova de História, você pode, por favor, me ajudar a estudar?

Gibs me fita, com tranquilidade.

– Então, você nunca pensa nela?

Jogo a cabeça para trás e gemo.

– Por que temos de falar nisso?

– Você *pensa* nela – deduz Gibs. – Tem de pensar. Ela é a sua irmã.

Olho para o ventilador de teto e noto uma teia de aranha se estendendo do teto até uma das pás. De algum modo, a teia permanece intacta, mesmo com o ventilador girando de leve.

– Não tenho como não pensar nela – digo-lhe, ainda olhando para o teto. – Ainda mais com amigos como você.

É verdade. Shannon tem sido o pano de fundo da minha vida desde o instante em que nasci... desde o momento em que fui concebida. Minha lembrança mais antiga é a da minha avó ficando com os olhos marejados enquanto eu estava sentada à mesa da cozinha enfiando os tubinhos de macarrão nos dentes do garfo.

– Exatamente como Shannon costumava fazer – disse vovó numa voz entrecortada e, a partir dali, eu parei de enfiar os tubinhos no garfo para começar a cortá-los em pedacinhos. Pensei que isso faria vovó rir, mas, em vez disso, ela ficou séria. – Coma seu almoço – ralhou ela.

“Comerei meu almoço”, lembro-me de ter pensado, “mas vou fazer isso do meu jeito”.

Nossa casa é como um museu de Shannon, com destaque para o Corredor da Fama, com uma foto emoldurada para cada ano escolar. Conforme se anda pelo corredor, em direção à sala, parte-se de uma menina do primeiro ano, sem dentes, para chegar a uma estonteante loira em poucos passos. O efeito é o mesmo de uma bolha que cresce, cresce, cresce até estourar.

As *minhas* fotos escolares estão na parede oposta. Shannon nunca olha diretamente para a câmera, sempre além dela, mas meus olhos apontam direto para a lente... bem para *Shannon*, como se a acusasse por ela ser muito mais fabulosa. Os olhos cintilantes de Shannon, olhando além de mim, não se dão conta.

Este ano, a quantidade de fotos se equipará. Quando minha mãe pendurar a décima primeira foto oposta à de Shannon, uma perfeita simetria será conquistada. A foto do meu último ano arruinará esse efeito. E claro, não terei ninguém em quem fincar meu olhar.

O corredor do segundo andar exhibe nossos certificados e placas emoldurados. Aquilo jamais será simétrico. “Shannon Elizabeth Stetson, Primeiro Lugar.” “Shannon Elizabeth Stetson, Grande Prêmio.” “Shannon Elizabeth Stetson, Perfeição Personificada.” Shannon me superou ainda na segunda série. Não sei como havia horas suficientes para ela acomodar a dança, os treinos da equipe de líderes de torcida, os debates, os prêmios, a liderança em futuros negócios, o vôlei, as turmas avançadas e a sua vasta grandeza, de modo geral. Pode-se afirmar em um relance que mamãe tinha a estética em mente ao começar a afixar os quadros de Shannon. Nos primeiros, ela deu especial atenção à colocação, garantindo equidistância entre as molduras. No entanto, conforme os prêmios de Shannon se

acumulavam, o olhar decorativo de mamãe foi substituído pela praticidade, com as molduras se apertando cada vez mais, formando camadas desordenadas que, no fim, cobriram toda a superfície, como papel de parede.

A parede oposta – o meu corredor da vergonha – é triste e esparsa, algumas menções de honraria por arte e escrita, umas fotocópias do mesmo certificado que qualquer criança do time de futebol recebe só por ter pulsação e ter comparecido.

Ter pulsação. Lá está a punhalada de culpa que sinto quando penso em Shannon por tempo demais ou com muita intensidade. Posso ser superficial num rompante, mas minha consciência se faz viva em intervalos mais longos.

– Você *pensa* nela. – A voz de Gibbs reverbera na minha mente. – Tem de pensar. Ela é a sua irmã.

Ele, porém está errado. Não penso tanto nela, principalmente porque não tenho muito em que pensar. Verdade, a grandiosidade dela me enfrenta a todo segundo da minha vida, mas é uma grandeza abstrata, tão genérica e unidimensional como os certificados na parede. Nossa casa pode ser o Museu de Shannon, mas minha família nunca partilha nada verdadeiro sobre ela. Algum dia ela adotou um gato perdido? Fez birra por não ter recebido o presente de Natal que queria? Não sei de nada disso. Mamãe e papai nunca tocam no assunto.

Tudo o que sei de verdade é como enfiava o macarrão no garfo, e outras informaçõezinhas que meus parentes cochicham em vozes reverentes, do mesmo modo como se fala dos santos.

Vindo de papai e mamãe, entretanto, não sei nada. As fotos e os certificados, pelo visto, dizem tudo.

Lembro-me de ter ido ao zoológico quando tinha uns cinco anos. Minha mãe me segurava pela mão enquanto caminhávamos diante dos elefantes e eu perguntei se eles tinham levado Shannon até lá. O aperto dela se tornou letal. As juntas dos meus dedos embranqueceram quando mamãe me deu um puxão e me arrastou depressa. Papai teve de se apressar para nos alcançar.

E perdi a chance de ver de perto os elefantes, meus animais prediletos.

Eles nunca responderam à minha pergunta, ou a qualquer outra sobre Shannon que me viesse à mente.

Então, parei de perguntar.

– Prussianos – lembro Gibs, soando mais séria do que pretendia.

– Certo – concorda ele. – Prussianos.

Quatro

Estou sonhando que caí em um bueiro e que ratos estão mordiscando meus dedos dos pés.

Dou um grito alto. Algo *está mesmo* beliscando meus dedos.

Ah, é mesmo. É o meu aniversário.

Abro os olhos e os aperto contra a luz da manhã que atravessa as frestas da persiana. Mamãe está ao pé da cama, sorrindo para mim.

– Oito, nove, dez! Todos aqui.

Afasto meu pé da mão gelada. Isso não são modos de começar o fim de semana.

– Mãe, hoje é *sábado*!

Ela dá a volta na cama e me beija na testa.

– Sabe que tenho de começar seu aniversário contando os dedos das mãos e dos pés. É uma tradição... Foi a primeira coisa que fiz quando você nasceu.

Sonolenta, esfrego os olhos.

– Não podemos simplesmente deduzir que todos os meus dedos permanecem no mesmo lugar de um ano para o outro? Quero dizer, se eu tivesse perdido um dedo, eu provavelmente teria mencionado, em vez de esperar que você descobrisse durante a contagem de aniversário.

Mamãe afasta meu cabelo da testa e sorri.

– Minha Summer, esperta e tolinha. – Ela me olha fixamente – Não consigo acreditar que já tem dezessete anos.

A voz se contrai nas últimas palavras.

– Japonês, hoje à noite? – pergunto, ansiosa em mudar de assunto.

– Temos reserva para as sete horas – diz mamãe, com sua voz firme e forte mais uma vez. – Vovô e vovó também irão, tia Nicole e tio Matt, e... Ah, você quer convidar algum amigo seu? O filho do médico?

– Gibbs? Não sei. Acho que sim. Ele está me ajudando a estudar para a prova final de História, então, acho que estou lhe devendo uma. Tudo bem?

– Claro que sim. Nós adoraríamos que ele fosse. Então... vocês dois estão levando a coisa a sério?

Eu me ergo sobre os cotovelos.

– A prova de História? Sim, estou levando isso bem a sério.

Mamãe ergue uma sobrancelha.

– Você sabe muito bem do que estou falando.

Infelizmente, sei sim. Mamãe fica louca por eu não me relacionar com quase ninguém. Fala sério, eu prefiro sair com anfíbios a sair com a metade dos garotos da minha escola. Gibbs é diferente, claro – é inteligente, doce, engraçado –, o que o torna um excelente amigo, e é por isso que ficamos assistindo a filmes do Monty Python no porão da casa dele, em vez de ir ao baile da escola.

– Somos só amigos, mãe – respondo.

– Hum. – O *hum* da minha mãe quer dizer *veremos*.

E ela continua sentada lá, como se eu estivesse ligada a uma máquina para respirar ou algo assim.

Pisco os cílios, para sinalizar que, agora que já verificou que todos os dedos continuam intactos, ela bem que poderia me deixar voltar a dormir, levando em consideração que ainda são sete horas da manhã de sábado. Mas ela não recua.

– Bem – finaliza –, hora de trabalhar.

Olho para ela, intrigada.

– Tenho um emprego?

– Ah, não se faça de engraçadinha. Eu lhe disse que sua tia Nicole precisa de ajuda na floricultura.

Meu queixo cai.

– Hum, *não*.

– Disse, *sim*. Lembro-me perfeitamente de ter discutido o assunto com você.

Bufo, indignada.

– Eu estava presente no momento? Ou “discutimos” o assunto enquanto eu dormia? Deus do céu, mãe! – Ela não passa de uma controladora compulsiva.

Contudo, mamãe não está prestando atenção. Já pôs um plano em ação e tudo o que precisa fazer é mover as peças do xadrez conforme suas especificações. Sou apenas um peão. Ela perambula pelo meu quarto, levantando as persianas, tirando roupas do armário, dando um tapinha na minha perna.

– Levante, levante, depressa! – diz ao mesmo tempo em que espirra desodorizador de ambientes indutor de asma, só para garantir. – O seu café da manhã estará pronto quando descer – declara com vivacidade. – Depressa! Você começa às nove horas.

– Mãe! – finalmente consigo exclamar, mas ela já está passando pela porta, com a leveza dos passos ligeiros e uma saia rodopiante. Controlar os outros a deixa de ótimo humor.

Gemo, tomo o caminho do chuveiro, volto para o quarto, tusso por causa do perfume do desodorizador, visto um jeans e uma camiseta, depois escovo meu cabelo. Mamãe olha preocupada para meu cabelo algumas vezes por dia, às vezes segura uma mecha, estudando-a como se fosse um espécime de laboratório, para, depois, soltá-la de novo. Meu cabelo tem uma “textura fina”, ela me explica com paciência, fazendo isso parecer com um tipo de diagnóstico, e requer “cuidados extras”, que, tragicamente, não me empenho em aplicar. Por isso só o deixo crescer e o jogo na direção dela toda vez que tenho chance.

Desço as escadas e me junto a mamãe e papai na cozinha. Mamãe olha para mim de relance, faz uma careta, depois volta a se concentrar nos ovos no fogão.

– Feliz aniversário, querida – diz papai, sem desviar o olhar do jornal. – Algum plano especial para hoje?

– Além de trabalho escravo? – pergunto, sentando-me à mesa.

– Summer conseguiu um emprego na floricultura de Nicole – diz mamãe, estranhamente sugerindo que tenho qualquer participação no meu destino.

– Hum – murmura papai. Sua função naquele lar se resume a saber dos fatos.

– Precisa de ajuda com seu cabelo? – pergunta mamãe, ao colocar os ovos no meu prato. – Usar um secador daria um certo volume a ele.

– O que vou ter de fazer na floricultura? – pergunto, golpeando os ovos com o garfo.

– O que sua tia Nicole pedir que faça – responde mamãe.

– Sim, e o que exatamente isso pode... abranger? – Já visualizo uma pobre noiva carregando um punhado de dentes-de-leão com um maço de cebolinhas ao entrar pela nave da igreja, depois de eu ter recebido a ordem de preparar o buquê.

– Não sei – murmura mamãe, colocando mais ovos no meu prato. – Talvez ela peça para você ajudar na contabilidade ou algo assim.

– Ajudar na *contabilidade*?

– Não seja sarcástica, Summer.

Suspiro.

– Eu só repeti o que você disse.

– Tenho certeza de que tia Nicole vai colocá-la para trabalhar em algo útil. Você aprenderá coisas novas e receberá um dinheirinho para os seus gastos. Será ótimo.

Papai se volta para mamãe:

– Ela precisa começar no dia do aniversário?

– Bem, não é que ela tenha planos *muito* elaborados. – Mamãe torce o nariz.

Touché! Nada de encontros estaduais de literatura, treinos para uma competição ou chás de aniversário informais para mim hoje.

Papai pisca para mim.

– Às vezes, o melhor plano é não ter plano nenhum.

Mamãe bate o prato com estrondo atrás de mim. Papai nunca segue o programado. Adoro isso nele.

– Saúde!

– Obrigada – agradeço tia Nic, enxugando um olho.

Espirrei acho que umas oitenta vezes desde que entrei na floricultura. Estive ali um milhão de vezes antes, mas desconfio que ficar mergulhada até os cotovelos em amarantos atacou meu sistema imunológico. Caramba, onde está a “contabilidade” para eu cuidar?

Passei a manhã nos fundos da loja, arrastando flores de um refrigerador para uma mesa de trabalho, tirando terra dos braços assim que me livrava do fardo, para que tia Nic pudesse arranjá-las numa coroa ou colocá-las num vaso.

– Vamos ter de mantê-la abastecida com remédios para alergia – diz tia Nic, pegando um punhado de rosas cor de pêssego dos meus braços marcados por espinhos.

Que coisa. Eu tinha esperanças de que ela dissesse: “Teremos de mantê-la longe, bem longe desta armadilha”.

O sino da porta toca, um freguês entra e diz “Oláaaaaa!”.

– Quer que eu vá atender? – pergunto.

Tia Nic me avalia, apressada, e balança a cabeça. Ela é muito menos ansiosa que minha mãe, mas acho que meus braços arranhados, os olhos marejados e as roupas sujas de terra não são exatamente o visual de alguém que vá atender os clientes. Ela me lança um sorriso breve e sai para atender o freguês.

Eles dão início a uma conversa animada – todos os que entram numa floricultura, aparentemente, estão de ótimo humor –, e eu pego meu celular para ligar para o Gibs.

– Alô?

– Estou sendo mantida como refém, *atchim*, na floricultura da minha tia.

– Que coisa. Estou pintando o quarto dos meus pais.

Droga. Gibbs consegue sempre me passar a perna.

– A minha mãe está me obrigando a trabalhar aqui. Tive um sobreaviso de uns quinze minutos hoje de manhã, quando ela me contou que eu começaria hoje. No meu *aniversário*.

– Hoje é o seu aniversário?

– É.

– Feliz aniversário!

– Obrigada. Quer comer comida japonesa com a minha família hoje à noite?

– Hum... Sim. Tem certeza?

– *Atchim!* Sim. Minha mãe é a sua maior fã, agora que descobriu que você é brilhante.

– Ela não está esperando que eu recite poesia, nem explique algoritmos ou algo assim, está?

– Talvez. É melhor vir preparado. Na minha casa às seis?

– Claro, e...

– *Atchim!*

– ... obrigado.

Tia Nic retorna ao fundo da loja assim que volto a guardar o celular no bolso.

– Ei, vocês vão ao japonês hoje à noite, certo? – pergunto a ela.

– Sim, claro. Você vai pagar?

Enrugo o nariz.

– Vou ter de gastar todo o meu salário em antialérgicos.

Ela faz uma pausa, junta as sobrancelhas e inclina a cabeça na direção de um sofazinho xadrez amarrotado.

– Vamos nos sentar um segundo.

Curiosa, estreito o olhar, ela, porém, já segue para o sofá. Eu a acompanho e, quando me sento, vejo que está segurando uma sacola em papel pardo. Ela se senta ao meu lado, com a sacola no colo.

– Hum... – diz tia Nic, hesitante. – Tio Matt e eu vamos lhe entregar seu presente de aniversário no restaurante, hoje à noite. Mas

há outra coisa que eu gostaria que você tivesse.

– O que é? – tento olhar dentro da sacola.

Tia Nic faz uma pausa. Ela parece estar se debatendo com as palavras, testando-as antes de dizê-las em voz alta. Por fim, ela me entrega a sacola.

– Feliz aniversário, querida – a voz dela está trêmula.

– O que foi? – pergunto, mas já com a mão na sacola, em vez de esperar pela resposta. Tiro um livro de lá. Ele tem uma capa em tecido cor de lavanda. Está gasto e, mesmo sem nada escrito na capa, parece antigo.

– Querida... – Tia Nic segura minhas mãos, libertando o livro, que cai no meu colo com um baque.

– Sim?

– Você não precisa ler, se não quiser.

Olho para o livro, repentinamente muito curiosa. Todo professor de literatura deveria prefaciar um projeto desse modo: “Vocês não precisam ler, se não quiserem”. O projeto se tornaria imediatamente irresistível.

– O que foi?

Tia Nic fica mais pálida. Ela abre a boca, depois a fecha, e abre mais uma vez.

– A sua irmã escreveu um diário, no último verão da vida dela.

O livro parece mais pesado no meu colo.

Vasculho o olhar da minha tia.

– Do tipo... “perdi três quilos nesta semana”? Esse tipo de coisa?

Ela consegue sorrir.

– Tenho certeza de que deve haver algo do tipo aí. Mas há outras coisas também.

– Você leu? – que pergunta estúpida. É claro que ela leu.

Entretanto, tia Nic balança a cabeça.

– Eu o peguei umas mil vezes para ler durante todos esses anos. Mas... isso não foi escrito para mim. Acho que Shannon não gostaria

que eu lesse. Sinto, porém, que ela teria vontade de partilhar isso com a irmã dela.

A *irmã dela*. Estranho, sempre pensei em Shannon como a *minha* irmã (a história da minha vida), mas jamais pensei em *mim* como a irmã *dela*.

Toco na capa, com cuidado.

– Você não precisa ler – diz tia Nic com firmeza. – Ou, não sei, talvez você comece, depois resolva deixá-lo de lado... Como eu fiz. O importante é que a escolha é sua.

Seguro o livro com força.

– Por que eu não haveria de querer lê-lo?

Tia Nic dá de ombros.

– Sempre senti como se você estivesse à sombra de Shannon, de algum modo. Por isso, talvez prefira deixar o passado no passado. – Ela respira fundo. – Mas o fato é que esse diário *existe*. Não posso negar a você a chance de conhecer um pouco melhor a sua irmã, se desejar fazê-lo.

Inclino a cabeça.

– Eu vivo no templo da Shannon, lembra? Eu sei de tudo.

Os olhos de tia Nic brilham, com um véu de lágrimas.

– Não, não sabe.

Estremeço de leve.

– Você está me assustando. Ela era uma vampira ou algo assim?

Tia Nic sorri e seu olhar se suaviza.

– Não que eu saiba, mas era uma pessoa de verdade, sabe.

– Pensei que isso fosse óbvio. Eu deveria acreditar que ela era uma heroína imaginária?

Pensei que ela fosse rir... quis que ela risse... mas tia Nic se aproxima e me olha mais séria do que nunca.

– Se quer saber mais sobre a sua irmã, aqui está a sua chance.

Meus olhos passam do rosto dela para o diário, em seguida para ela novamente.

– Por que *você* está com o diário dela?

Tia Nic inspira fundo.

– Depois que Shannon morreu, ajudei sua mãe com as coisas dela. Não fizemos isso de imediato; durante meses, ela deixou tudo exatamente como estava. Mas, quando ela começou a cuidar dos preparativos do seu quarto, sabia que tinha chegado a hora. – Tia Nic fecha os olhos e uma lágrima escorre pelo rosto. – De qualquer modo, fui eu que o encontrei. Shannon o mantinha escondido no quarto. Sua mãe estava em outro canto da casa quando o achei. Comecei a chamá-la, mas, quando abri e comecei a ler...

– O que aconteceu?

Ela dá de ombros.

– Não consegui mostrar para ela. Talvez eu devesse ter mostrado. Só... não consegui.

O sino da porta da frente soa. Eu dou um pulo, assustada.

– Alôooooo? – chama um freguês.

Tia Nic respira fundo, enxuga os olhos e me dá um beijo no rosto.

– A escolha é sua – ela diz. – Leia se quiser, me faça perguntas se quiser, nunca mais toque neste assunto se quiser... o que decidir. Eu não lhe daria isto se não confiasse no seu juízo, Summer. Você é uma menina inteligente.

Ela se levanta, e eu ainda estou imobilizada no sofá, segurando o diário como se fosse o Santo Graal.

Depois, ela pisca para mim.

– Ei, por que não tira o restante do dia de folga? É o seu aniversário, pelo amor de Deus! – Ela vai para a frente, para receber o cliente, deixando-me sozinha.

Sozinha com a minha irmã.

Cinco

Passo a escova nos cabelos, enquanto consulto o relógio, impaciente. Onde está o Gibs?

Pedi a ele que chegasse uma hora antes da nossa reserva no restaurante japonês, e ele está atrasado. Bem, não de verdade. Ainda faltam seis minutos para que ele chegue na hora marcada. No entanto, sinto como se ele estivesse atrasado.

Fiquei sem ter o que fazer a tarde inteira, deitada na cama, olhando para a mesma linha do livro de Espanhol até ficar entediada, indo em seguida para a sala, para ficar mudando de canal sem pensar. Depois, fui para o porão. Mais tarde, voltei para o quarto.

É o diário. Minha cabeça está fervilhando por conta de um livro de capa cor de lavanda e da tinta da caneta esferográfica preta que preenche suas páginas.

Depois que voltei da floricultura, coloquei o diário de Shannon na cômoda. Bem, não logo de cara. No começo, tive a intenção de devorá-lo numa só sentada. Quando cheguei ao quarto, abri na primeira página, mas não conseguia me focar. Folheei-o, mas meus olhos continuaram vagos. Qual era o meu problema? Talvez fosse a mesma sensação que impediu tia Nic de lê-lo. Como resistiu? Como *eu* estou resistindo?

E onde foi que Gibs se enfiou?

Ouço a voz suave de mamãe na base da escada. Ela deve ter visto Gibs entrando pelo portão e abriu a porta antes que ele tocasse a campainha. Ela o está recebendo no hall de entrada, elogiando sua camisa. Ele costuma se apresentar bem, para um cara de rabo de cavalo. Como no caso do terno no Dia de Premiação. Aposto que a mãe dele nem teve de convencê-lo a usar.

Desço as escadas e ergo os dedos, fazendo o sinal de paz. Ele está vestindo uma camisa social, desabotoada no colarinho, mas enfiada em calças cáqui. Só o Gibs mesmo, para conseguir um visual tradicional e descolado simultaneamente. Seu rosto se ilumina num sorriso tímido, porém doce. Puxa, ele está lindo, mas acho que vai demorar mais uns cinco anos até ele perceber que as garotas ficam caídas pelo seu sorriso. Sei muito bem disso, então, nem penso em desperdiçar meu tempo com uma paixonite.

Ele pigarreia e me deseja feliz aniversário.

– Obrigada.

– Gibson não está elegante? – diz mamãe, inspecionando meu jeans surrado, minhas sandálias de dedo e meu moletom de capuz, para enfatizar a comparação.

– Hum. – Eu indico as escadas com a cabeça. – Porão? – digo para Gibs.

– Isso! – concorda mamãe. – Por que vocês dois não descem para o porão e ficam assistindo um pouco de TV? Só precisamos sair daqui a quarenta e cinco minutos. Aceitam pipoca?

Eu a lembro de que logo estaremos nos enchendo de arroz com diversas toneladas de carne de porco, camarão e legumes. Não é de admirar que os japoneses sejam tão magros. Eles nos enviaram toda a comida deles...

Tiro o cabelo de dentro do moletom, enquanto Gibs me segue pelas escadas até o porão. Largamo-nos no sofá xadrez marrom. Olho de soslaio, enquanto ele se acomoda contra o braço do sofá.

Abraço uma almofada.

– Já recebi um dos meus presentes de aniversário – digo, tentando parecer casual. – Minha tia Nic me deu este... presente.

Ele acena com a cabeça, educadamente.

– É mesmo?

– É.

Gibs levanta uma sobrancelha, dando-me a deixa para continuar.

Ah, caramba, por que me fazer de tímida?

– A minha irmã escreveu um diário no verão antes de morrer – digo. – Minha tia entregou-o para mim hoje. Ela disse: “Leia se quiser, não leia se não quiser”, por isso acho que...

Os olhos grandes e arredondados de Gibs cravam-se nos meus.

– Só agora sua tia contou isso para você?

– É. Quem haveria de imaginar, minha tia florista, uma mulher cheia de mistérios. – Bato o dedo no queixo. – Acha que devo ler o diário?

Gibs pensa na minha pergunta.

– Sim – responde. – Acho que deve lê-lo, sim.

Concordo com a cabeça.

– É, foi o que pensei.

Gibs balança a cabeça.

– Por que estamos tendo esta conversa? Por que isso chega a ser um problema? Quem é que tem a chance de encontrar o diário da irmã falecida e não vai querer lê-lo?

– É o que se espera, certo? – digo com intensidade, inclinando-me na direção dele. – Quando minha tia me deu o diário, pensei: “Vou me deitar na minha cama pelas próximas quatro horas e lê-lo do começo ao fim”. Mas não foi isso o que aconteceu.

Gibs parece curioso.

– Por que não?

– Não sei. Mas eu *deveria*. Quero dizer, deveria lê-lo mesmo... não é?

Gibs se apoia nos cotovelos.

– Por que essa pergunta me parece uma pegadinha?

Suspiro e jogo a cabeça para trás.

– Não sei. Acho que estou um pouco assustada.

Gibs fica calado, mas depois diz com cautela:

– Posso lê-lo por você, se quiser.

A doçura do seu gesto me aperta a garganta. Vou precisar *mesmo* procurar Gibs daqui a uns cinco anos.

– Obrigada, mas... não acho que essa seja a solução. Acho que tenho de entrar na cabeça dela. Sozinha. Entende?

– Hum. Não fique assustada. Vai ficar tudo bem. Talvez ele só esteja repleto de receitas, ou de poesia de má qualidade, como as de Priscilla Pratt.

Seus olhos prendem os meus, para ver como reajo às suas palavras.

– Era esse tipo de coisa que eu estava antecipando – digo. – Mas dei uma folheada e... Gibs, é um tipo de *Guerra e paz*¹. O que quer que estivesse ocupando a mente da minha irmã durante aquele verão, parecia pesar uma tonelada.

– Então, você tem que ler. Vai pesar na *sua* consciência se não o fizer. Só acho que tem de ir devagar.

Mordo uma unha e fico olhando o vazio.

– E se eu descobrir mais do que quero saber?

Gibs dá de ombros.

– Então, você vai saber. É como na Ciência. Não saber não faz com que a coisa inexistia. Se há algo a descobrir, você precisa saber.

Ele avalia minha expressão por um segundo.

– Leia-o – diz ele, com simplicidade. – Ou guarde-o no fundo da gaveta de meias e esqueça-o. Eu, no seu lugar? Leria.

Ouvimos passos na escada, e logo a minha mãe entra com uma tigela de pipoca.

Enrugo o nariz.

– Mãe, por que não pergunta ao Gibs o que ele me deu de presente de aniversário? – Brinco, e o rosto dele fica cor de fúcsia. Estou caçoando dele. Nem em um milhão de anos ele pensaria em me trazer um presente de aniversário.

– O que deu a ela? – pergunta minha mãe, toda jovial, e com isso o rubor some do rosto dele, que fica extremamente pálido.

– Hum... – Gibs olha para mim, à procura de um bote salva-vidas, mas eu apenas sorrio para ele.

Ele titubeia, lutando com as palavras. Aí, eu parto para o resgate.

– Conselho – respondo. – Ele me deu um conselho de presente de aniversário.

Minha mãe parece intrigada, depois sorri.

– Que atencioso. Você deve vir de uma dessas famílias que dá presentes com o coração, em vez de bens materiais. Coisas como poemas e desenhos.

Gibs faz uma careta.

– Considero isso adorável – diz mamãe. – Você é tão sensível, Gibson. Não me admira que você e Summer sejam tão bons... amigos.

Ela sobe as escadas, e eu caio na risada. Gibs cobre o rosto com as mãos.

– Você é cruel – ele geme.

– Eu sei, mas você vai me perdoar. Não vai?

Ele me espia, depois, olha para as mãos.

– Eu *deveria* ter trazido um presente.

Dou de ombros.

– Da próxima vez. Eu adoraria um poema. Ou um desenho. Ou talvez você consiga produzir uma escultura com galhinhos...

Ele cora mais uma vez.

– Você me deu um presente, seu bobo – digo. – Falei sério quanto ao conselho. E, a propósito, pretendo segui-lo. – Torço uma mecha de cabelo no dedo, distraída. – Vou ler o diário de Shannon.

1 *Guerra e Paz* é um famoso romance escrito pelo russo Leon Tolstói. É uma das obras mais extensas da história da literatura universal. A riqueza e realismo de seus detalhes, assim como suas numerosas descrições psicológicas, fazem com que seja considerado um dos maiores livros da história da Literatura. (N.T.)

Seus

Meus aniversários sempre tiveram momentos estranhos, mas o deste ano é pior. O jantar japonês fica carregado de sorrisos aflitos e olhares tristes. Sim, é o meu aniversário e blá-blá-blá, mas meus parentes só conseguem pensar em Shannon. Neste ano chego à idade *dela*. À última idade dela. À idade congelada no tempo. Ninguém menciona seu nome em voz alta, mas é possível vê-lo em seus rostos. Vovó fica se inclinando, sussurrando à direita para o vovô e à esquerda para a tia Nic. Ela para, por fim, quando tia Nic lhe dispensa um olhar paciente, porém firme. Até a hora de o chef fazer o vulcão com anéis de cebola, sinto como se estivesse num funeral.

– Como anda a escola, Summer? – pergunta vovó, toda empertigada. Ela está desesperada mesmo por uma conversa.

– Vai bem – responde minha mãe, entrelaçando os dedos.

– Então estará no mural de honra neste período escolar?

– pergunta vovó, esperançosa.

Período escolar. Um termo bem típico da vovó.

– Ela está se saindo muito bem – diz mamãe, com uma pontada de mau humor se infiltrando na falsa alegria.

Papai prende o olhar do garçom e aponta para a garrafa de cerveja vazia. Mamãe nota e ergue uma sobrancelha.

– Hum, outra para mim também – pede tio Matt, baixinho, para o garçom.

– Eu adoraria ver seu nome no mural de honra – diz vovó, continuando a farsa de que estou participando dessa conversa de alguma forma.

– Ela pode não ter ido para o mural de honra – diz mamãe, agora evidentemente irritada –, mas os professores não se cansam de dizer como ela é inteligente. No ano *que vem*. Aí Summer atingirá o ápice de sua vida acadêmica.

Gibs tenta prender meu olhar, mas eu resisto, sabendo que vou rir descontroladamente se olhar para ele.

– O ano que vem será seu último – observa vovô com secura, deixando claro que mamãe está sempre contando com o ano seguinte para que sua filha faça parte do mural de honra, mas que o gongo está para soar.

O garçom volta com as cervejas de papai e tio Matt. Papai dá um longo gole, enquanto observa o chef jogando os legumes sobre um pedaço de toucinho que parecerá muito menos intimidador quando derreter.

– Shannon sempre esteve no mural de honra – observa vovó.

– Mãe! – Tia Nic inspira fundo e sussurra.

– O que foi? – pergunta vovó, na defensiva. – Não estamos falando sobre o mural de honra? É algum crime sequer mencionar o nome dela?

– Tenho certeza de que escola é a última coisa que Summer e Gibson querem discutir em um sábado à noite – diz mamãe. A irritação em sua voz agora é indisfarçável. Vovó está avisada.

– Gibson – comenta vovô. – Que espécie de nome é esse?

Ele não está perguntando para Gibs, que é quem deve saber que tipo de nome tem. Vovô está falando com todos nós, como se fizéssemos parte de um comitê organizado para chegar a um consenso sobre que tipo de nome Gibson é.

– É um nome de família – diz mamãe, resoluta, e, depois, se volta para Gibson, se certificando. – Certo, Gibson?

– Hum... – Gibs murmura.

– Pode ser um nome de família, mas é um sobrenome – diz vovô, rabugento. Por que vovô ficaria rabugento, indignado na verdade, a respeito do nome de uma pessoa que ele mal conhece está além da minha compreensão.

– Fred! – Vovó o repreende.

– É um nome adorável! – rebate mamãe. – Admiro nomes de família. Eles têm muita presença.

Tia Nic e eu trocamos um sorriso conspiratório. Ela é só três anos mais nova do que mamãe, mas sua personalidade afável faz com que pareça ser zilhões de anos mais jovem.

– Bem, por certo, jamais entendi por que batizou Summer com o nome de uma estação do ano – diz vovó para mamãe.

– Claro que me acostumei a ele. – Ela olha para mim e diz em voz alta: – É um nome adorável, querida.

Sorriso com doçura, mordendo a bochecha para não explodir numa gargalhada, ainda mais que Gibs está me cutucando no joelho.

O chef começa a jogar espátulas repletas de comida nos nossos pratos.

A orgia gastronômica começa. As pilhas em nossos pratos logo se assemelham aos escombros de um terremoto. Não há mais nenhum indício do toucinho, mas ele não pode ter simplesmente evaporado no ar. Olho para a minha comida com suspeita.

– Outra cerveja, senhor? – pergunta o garçom ao meu pai.

– Hum, sim, por que não? – responde ele, como se fosse rude recusar.

– A última – diz mamãe, bem baixinho.

– Então... Gibson – diz vovó –, você e Summer estão de namoro?

Muito bem, essa última observação é a gota d'água. Abaixo a cabeça e começo a rir incontrolavelmente contra o peito.

– Summer! – ralha minha mãe, o que me faz rir ainda mais. – Mãe, Summer e Gibson são *amigos* – ela diz, enunciando cautelosamente.

Isso também me soa hilário.

Mamãe me cutuca na lateral, com o cotovelo.

– As pessoas estão olhando – diz, entre dentes.

Respiro fundo, levanto a cabeça e olho de relance para Gibs, que parece estar sendo preparado para uma neurocirurgia.

– Desculpe – digo, para em seguida desabar a rir de novo.

Papai toma mais um gole de cerveja, vovó parece confusa, vovô, entediado, e mamãe me lança adagas com o olhar.

Gibs ainda está petrificado, mas também parece estar à beira de um acesso de riso.

– Desculpe, desculpe! – repito. – Podem me dar licença um segundo?

Seguro o braço de Gibs e ele não tem escolha a não ser me seguir, quando levanto e sigo para a entrada do restaurante.

O sol está começando a se pôr quando cambaleio para fora, com Gibs na minha cola, e me sento nos degraus da entrada. Ele se senta ao meu lado. Entreolhamo-nos e continuamos a rir. Depois que nos acalmamos, impulsivamente beijo-o no rosto.

– Estou tão feliz que esteja aqui.

Ele sorri e afasta uma mecha de cabelo do rosto.

– Sua família é... – ele hesita, em busca de um adjetivo.

– Cansativa? Insana? Disfuncional? – sugiro.

Ele ri.

– Eu estava para dizer “legal”.

Olho para o sol poente e balanço a cabeça.

– Não. Isso definitivamente não os define.

Encostamos nossas pernas, para dar espaço para um casal passar por nós.

– Eles *são* legais – insiste Gibs, quando uma brisa sopra em nosso rosto. – E exímios conversadores, tenho de acrescentar. Eu simplesmente adoro debates longos sobre o significado do meu nome.

Enrugo o nariz e voltamos a rir.

– Podemos simplesmente chamá-lo de Joe daqui por diante? – digo.

Gibs balança a cabeça.

– Vamos de Fred. É o nome do seu avô, certo? Quem sabe assim não ganho alguns pontos?

Fito os olhos dele.

– Você está corando – digo, com leveza. – Por que está envergonhado?

Uma pergunta que o faz corar ainda mais. Ainda estou avaliando sua expressão, mas ele fica olhando para os dedos.

“Quem sabe assim não ganho alguns pontos?” Será que Gibs acha que eu estou achando que ele está me paquerando? Será que ele *está*?

Nem pensar! Como já disse, ele ainda não está nesse ponto. E, por mim, tudo bem. Quero dizer, a última coisa que quero é arruinar essa grande amizade com luxúria. Além disso, luxúria não serve para mim nem na melhor das circunstâncias. Não fiquei gamada por nenhum cara desde que Leah Rollins roubou Josh DuBois de mim sem nenhum escrúpulo no nono ano.

Estremeço ante a lembrança, mas não por ainda estar apaixonada por Josh DuBois (e não estou mesmo), ou porque odeio Leah Rollins pela sua traição (e ainda odeio, e daí?), mas porque todo esse cenário pueril me faz querer vomitar.

Com isso, concluo que, se Gibs ainda tem uns cinco anos até perceber o quanto é sexy, eu tenho cinco anos antes de ter de enfrentar *Josh DuBois, parte dois*.

É. A amizade me serve muito bem.

Mais um casal passa por nós, e Gibs e eu nos aproximamos, desculpando-nos com o olhar.

– Acho que é melhor entrarmos – observa Gibs.

Inspiro fundo e exalo pela boca.

– Pronto para o segundo *round*? – Indico a porta.

Ele se levanta e me oferece a mão. Eu a seguro, e ele me puxa.

– Vamos nessa – diz ele.

Sete

Eu me ajeito na cama, ainda de estômago cheio, porém não pretendo apagar a luz.

Olho de relance para o diário na mesinha de cabeceira, faço uma pequena pausa, depois o pego. Respiro fundo, abro-o e começo a folheá-lo.

A letra arredondada e exuberante de Shannon vai do alto a baixo, de margem a margem, página após página. Meu Deus! O que tanto tinha ela para escrever? Será que ela estava tentando encontrar a cura para o câncer nos intervalos dos treinos de vôlei?

Não... As palavras aleatórias sobre as quais meus olhos pousam eliminam a possibilidade de uma importância intelectual, apesar das suas notas exemplares. *Líder de torcida... Shopping... Namorado...* Caramba. Será que a minha irmã não tinha nada em comum comigo?

No entanto, continuo a virar as páginas, sorrindo apesar de tudo. Sinto uma... conexão. Quero dizer, Shannon escreveu aquelas palavras no fim do corredor de onde estou deitada agora. Tudo bem, ela estava num quarto cor-de-rosa, enquanto eu estou cercada por pôsteres do Death Cab, mas mesmo assim... são só alguns metros. Será que ela ouvia mamãe ao telefone com a tia Nic enquanto escrevia? Ou ela era embalada pelo mesmo som da lava-louça que eu ouço todas as noites? Pelos ancestrais dos grilos que cricrilam no jardim?

Um tremor percorre minha espinha, porém é um tremor suave, agradável, como se um dedo conhecido percorresse minhas costas languidamente. Nenhuma das fotos e nenhum dos certificados de Shannon surtiu esse efeito em mim antes. Na verdade, surtiram o efeito *contrário*, tornando-a sem alma e unidimensional. Sua escrita, em toda a sua glória juvenil, acrescenta-lhe sombreados e dimensões.

Um nó se forma repentinamente na minha garganta. Eu queria tanto poder correr pelo corredor e sacudi-la para acordá-la.

Idiota! Você não pode sentir saudades de quem nunca conheceu.

Engulo o nó, balanço a cabeça com impaciência, e continuo virando as páginas do diário.

Como já disse, a maioria das páginas está entulhada de palavras, por isso, quando chego numa página mais para o fim, ela se destaca por sua escassez.

Apenas poucas palavras, escritas em tinta preta e pesada, em letras de forma maiúsculas, centralizadas na página em branco.

Pressiono o polegar na página, para mantê-la aberta, e estreito os olhos para ver melhor. No começo, as palavras não fazem sentido. Ainda tenho o mesmo meio sorriso tolo estampado no rosto. Contudo, quando as releio, o sorriso desaparece. De olhos arregalados, formo as palavras com a boca.

Quero me matar.

Quero me matar.

Quero me matar.

Respire, tento lembrar a mim mesma, enquanto meu cérebro continua processando as mesmas três palavras num *looping* infundável. Inspiro, prendo a respiração. Expiro.

Fecho o diário e pego o celular da mesinha de cabeceira; pressiono as teclas. No entanto, quando estou para completar o número do celular de Gibs, desligo o telefone.

O que vou dizer? “Gibs, lembra que mencionei um acidente de carro que matou a minha irmã? Acidente sendo a palavra crucial? Bem, é que, talvez não tenha sido...”

Lágrimas ardem nos meus olhos.

– Você se matou, Shannon? – sussurro para ninguém. – Você bateu naquela árvore de propósito?

Uma lágrima escorre pelo meu rosto. O que, de fato, quero saber sobre essa minha irmã? Afinal, a vida dela não era perfeita?

Minha cabeça gira, mas existe uma coisa que quero saber, com certeza, e a única maneira de descobrir é continuar lendo. E o início, resolvo, é o melhor lugar para começar.

Oito

Viro a primeira página do diário de Shannon, afofo o travesseiro, sento-me um pouco mais ereta na cama, e me acomodo para ser apresentada à minha irmã.

Quinta-feira, 3 de junho de 1993.

Mamãe me deu este caderno para que eu pudesse “diaricizar” este verão. Juro por Deus, foi o que ela disse. Fico me perguntando se o clube do livro verbalizou a palavra “diário”. Tenho de amar o clube do livro da mamãe. Tenho de amá-la por me dar uma tarefa de verão que me lembrará que não sou boa o suficiente. Ao que tudo indica, só notas A nas turmas avançadas não garantem uma folga no verão.

Opa! Cá estou eu, falando mal de mamãe quando sei muito bem que só cinco minutos depois de guardar o diário, ela vai ler cada palavra. Certo, mãe? Você fuçou bastante para encontrá-lo, não foi? Continue assim. Seus amigos da Associação de Pais e Mestres não a chamam de “Sue, a Investigadora”, à toa.

Observo atentamente as palavras e aperto a capa de tecido gasto. Tenho de me lembrar que Sue, a Investigadora, é a *minha* mãe também. Clube do livro? Associação de Pais e Mestres? Desde quando mamãe é tão social? E desde quando Shannon a odeia? Nenhum dos certificados no Corredor da Fama me indicou nada disso.

Bem, mãe, pior para você, porque você nunca vai colocar as mãos nisto. Isso vai arrasá-la, não é? Você compra este diário para mim, para poder bisbilhotar a minha vida, e o que eu faço? Escondendo-o no meu... Bem, isso é um segredo meu, não?

Mas se você o encontrou, mãe (mas sei que não conseguirá), aqui vai uma dica de como pretendo passar o meu verão:

- *Não vou romper com Chris.*
- *Não vou me livrar de Jamie.*
- *Não quero mais saber de ir à igreja. Já passo tempo demais com hipócritas nesta casa. (Boa sorte para explicar como a “filha se tornou pagã” para o coral, mãe.)*
- *Não quero mais saber da Eve. Vou amá-la até o dia em que eu morrer, mas não aguento mais seus sermões. Sinto muito que ela tenha ciúmes do meu relacionamento com o Chris, mas isso não justifica as coisas horríveis que ela diz a respeito dele. Talvez, se um dia ela conseguir ter um namorado, ela finalmente entenda (cuide da sua vida, Evie!). E mais uma notícia: é possível ser uma boa amiga e uma amiga DIVERTIDA ao mesmo tempo (pare de julgar Jamie, Evie!). E, já que toquei no assunto: amigos de verdade não tiram informações das pessoas e as contam para os pais dessas pessoas só para ganhar alguns pontos, por puxa-saquismo (pare de me dedurar, Evie!).*

Eu posso até tingir meu cabelo de roxo, ou tatuar um búfalo. Desculpe se não sigo seu estilo, mãe, mas planejo viver perigosamente este verão. É melhor se acostumar.

Fecho o diário e respiro fundo. Quem é essa pessoa? Até cinco minutos atrás, Shannon tinha tanta profundidade quanto umas das pessoas estampadas nas caixas de cereal... Era uma figura sorridente e cheia de conquistas em um recorte de papelão. Já a pessoa que escreveu esse diário... essa detonadora de mães, sarcástica... essa pessoa é uma desconhecida. Puxa, e eu que pensava que pegava pesado com mamãe. Claro, ela é um pé no saco, mas tem de se dar um desconto

para uma pessoa que perdeu um filho. Ah, é mesmo, a mãe de Shannon não tinha perdido nenhum filho. Ainda.

Mesmo assim, mamãe achava que Shannon estava sobre um pedestal, e lá estava a filhinha acabando com ela. Onde estão aquelas odes aos gatinhos filhotes que eu esperava encontrar?

Reabro o diário, com cautela, e viro a página.

Sexta-feira, 4 de junho de 1993.

Ok, já parei de chorar.

Tudo bem, confesso, tirei conclusões apressadas, mas o que eu deveria pensar depois de o Chris me dar o bolo ontem à noite? Até me dei ao trabalho de arranjar um alibi. Jamie, também conhecida como senhora Collins, deixou um recado na secretária eletrônica me lembrando do meu encontro no “Comitê da Juventude sobre Reciclagem”. Golpe de mestre, se é que posso dizer.

Mas, depois de todo esse trabalho, Chris não apareceu no parque. Esperei por ele mais de uma hora.

Passei o resto da noite tentando falar com ele, mas ninguém atendeu, por isso chorei até dormir. Toda vez que mamãe batia na porta para me perguntar o que havia de errado, eu lhe dizia que estava assistindo a um filme triste. (Passei dezessete anos sem contar uma mentira sequer; atualmente, parece que conto dezessete mentiras por dia.)

De qualquer modo, final feliz. Tudo não passou de um mal-entendido. Chris me ligou hoje cedo e disse que pensou que deveríamos nos encontrar HOJE À NOITE, e não ontem, quando ele passou a noite no churrasco na casa dos avós. Tentei ficar brava (ele é tão avoado!), mas ele se mostrou tão gentil quando percebeu quanto eu estava brava... Quando lhe disse quanto fiquei preocupada – afinal, até onde eu sabia, ele podia ter morrido –, ele disse que preferia morrer a me deixar preocupada. Ai, que liiiindo!

Fico de queixo caído. Eu era mais esperta aos doze anos do que, pelo visto, Shannon era aos dezessete. Será que ela era mesmo tão

ingênua quanto parecia? Continuo lendo.

O desfecho é que minhas lágrimas secaram, Chris está são e salvo, e meu coração está feliz.

Deus do céu, ela era ingênua mesmo!

Portanto, estou prontíssima para um fim de semana de arrasar. Ah, e mais uma coisa: decidi contar sobre papai para o senhor Kibbits.

Papai? Meu pai? O que tem o nosso pai? Engulo em seco.

Ninguém na minha família nunca fala nada de importante e, se eu não falar com alguém, meus órgãos internos vão explodir. Graças a Deus que o senhor Kibbits existe.

Continuo deitada por uns bons cinco minutos, o diário congelado nas mãos. Fico fitando as palavras de Shannon, mas meus olhos não se mexem. Não sei o que pensar dessa irmã a quem acabei de ser oficialmente apresentada. O ventilador de teto gira preguiçosamente e lança sombras angulares nas paredes do quarto.

Jogo o diário para o lado, pego o celular, e envio uma mensagem de texto para Gibs:

“Está acordado? Liga para mim.”

Meu telefone toca poucos segundos depois.

– O que foi? – pergunta Gibs.

Pressiono uma unha contra a boca.

– Estou lendo o diário da Shannon.

– Até onde chegou?

– Só algumas páginas... Algumas anotações. As duas primeiras, 3 e 4 de junho.

– O que elas dizem? – pergunta ele, tentando reprimir um bocejo.

Decido na hora não contar sobre a ameaça de suicídio. Não posso falar sobre isso.

– Hum – suspiro. – Não sei se consigo continuar lendo.

– Por que não?

Puxo a colcha até o queixo.

– Esse tipo de coisa não foi escrita para alguém ler. Eu me sinto como um *voyeur* ou algo assim.

– Ela nem está por perto para se zangar com isso – responde Gibs.

– Isso quase torna tudo ainda pior... ler seus pensamentos particulares quando ela nem está aqui para se defender.

Gibs faz uma pausa.

– Quer dizer que ela precisa de defesa?

Minhas sobrancelhas se unem.

– Não sei... Talvez. Ela é toda irritadinha. E sorradeira. Ela estava brava com mamãe quando escreveu, e mais se parece com um tipo de princesinha mimada. Não é nada parecida com o modo como as pessoas a descrevem.

– Mas você só leu algumas passagens – Gibs me lembra.

– Talvez você só a tenha pegado de mau humor.

– Shannon não era dada a *maus humores* – digo, irritada.

Gibs ri.

– Está certo...

– Quero dizer... – Suspiro, depois deixo as palavras verterem da minha boca. – Não sei o que quero dizer. Este diário faz com que ela se pareça com uma pessoa real. E nem é uma pessoa muito agradável, pelo menos até aqui. Não tenho certeza se sei lidar com isso.

– Que tipo de pessoa pensou que ela fosse? – pergunta Gibs, com cautela.

– Do tipo que recebe prêmios.

– O tempo todo?

Sorriso, abatida.

– Acho que nunca pensei muito nisso. Na minha cabeça, Shannon sempre trazia prêmios para casa, fazendo papai e mamãe convulsionarem de felicidade por ser tão fabulosa.

– Irritadinha parece mais interessante do que isso – observa Gibs, com sensatez.

– É... mas tem segredos também. Ela diz, numa passagem, que vai falar com o senhor Kibbits sobre papai. O que tem papai? É tudo tão estranho.

Pausa.

– Uau – diz Gibs, por fim. – Está ficando interessante.

– Interessante desde que não seja com o *seu* pai.

– Senhor Kibbits... – diz Gibs para si mesmo. – O professor de Inglês da turma avançada?

– Ah, é mesmo! – Eu sabia que esse nome me era familiar. Professores de turmas avançadas e eu não circulamos exatamente nos mesmos ambientes.

– Vou ficar na aula de redação avançada dele no ano que vem – diz Gibs. – Ele faz parte do clube de escritores...

– Clube – interrompo-o. – Essa é outra coisa. Shannon fala que a minha mãe participa de clubes, como o clube do livro, e pertence a todo tipo de grupo, como o coral da igreja, a Associação de Pais e Mestres e...

– E? – insiste Gibs.

– E desde quando ela é do tipo que participa? Ela é totalmente neurótica com relação aos meus deveres escolares e sempre puxa o saco dos meus professores, mas não faz parte de *clubes*.

– Mas, ao que tudo indica, um dia ela participou.

– Que seja. – Não sei por que estou irritada.

– Voltando ao assunto clube do senhor Kibbits... – continua Gibs. – Eles se reúnem na biblioteca aos domingos à tarde. Fui algumas vezes. Eles debatem livros e, às vezes, leem para o restante do grupo as coisas que estão escrevendo.

– E?

– E amanhã é domingo. Devemos ir. Podemos ficar até o fim e perguntar a ele o que a sua irmã lhe contou sobre o seu pai.

Sinto o estômago se contrair.

– Como é que ele vai se lembrar de uma conversa que aconteceu há dezoito anos? – pergunto.

– Depende de quão picante era o assunto.

Outra pausa.

– Desculpe – diz Gibs, com suavidade.

– Tudo bem. – Posso contar qualquer coisa para o Gibs, certo? Eu conto tudo. Por que, então, me sinto tão exposta de repente? Isso põe um fim à minha dúvida; definitivamente, não vou mencionar a ameaça de suicídio.

– Vamos combinar assim – diz Gibs –, vamos ao clube dos escritores amanhã. Eu a apresento ao senhor Kibbits, depois desapareço para que você converse a sós com ele.

Abro a boca para falar, porém percebo que minha garganta ficou apertada. Sinto lágrimas nos olhos.

– Summer? Ainda está aí?

Faço que sim com a cabeça, mas as palavras ainda estão presas na garganta.

– Summer?

– Isso tudo é um pouco... estranho.

Ele faz uma pausa.

– Você está *chorando*?

Balanço a cabeça rápido.

– Estou bem.

Gibs faz mais uma pausa antes de dizer:

– Talvez você tenha razão. Talvez seja melhor esquecer esse diário.

Entretanto, no instante em que ele diz isso, sei que não há como recuar. Estou presa em uma montanha-russa, o passeio já começou, e o vagão está começando a subir. Estou aterrorizada por chegar ao topo e começar a descer, mas não há como voltar.

– Vou ficar bem – digo, encurtando a última sílaba para acalmar a voz trêmula.

– Só vá devagar – diz Gibs. – Talvez seja bom ler um pouco de cada vez. Com isso, a coisa não fica tão importante. Serão apenas poucos minutos do seu dia.

– Está bem. – Sorrio diante de sua preocupação. – Obrigada, Gibs.

– Então, estamos combinados para amanhã? Que tal se eu passar para pegá-la às três horas?

De modo estúpido, concordo com a cabeça, temerosa de que minha voz suma de novo.

Não sei como, mas Gibs entende.

– Lá pelas três, então – diz ele, com gentileza.

Concordo mais uma vez, ele diz um boa-noite na voz mais doce que já ouvi. Nunca na minha vida senti tanta gratidão por ter um amigo como ele.

E Deus bem sabe como nunca precisei tanto de um.

Nove

– Bom dia, querida.

O rosto de papai está escondido atrás do jornal. Ele está sentado à mesa da cozinha, vestindo uma camiseta branca e calças de pijama de flanela, comendo os restos do jantar japonês.

– Fritura no café da manhã?

– Hum – diz papai, ainda sem me olhar.

Fico sem saber se esse *hum* quer dizer que a comida está boa ou se ele está me ignorando completamente. Na verdade, sei, sim. Sento-me à mesa com ele e cutuco o jornal de brincadeira. Papai o abaixa e sorri, os óculos se equilibrando na ponta do nariz.

– Gostou do seu aniversário? – pergunta ele, mastigando mais um pouco do resto do jantar.

– Hum.

Ele balança a cabeça. Como engenheiro químico de uma fábrica de papel, papai é brilhante com um transferidor e uma calculadora, mas não compreende ironia.

As palavras de Shannon ainda flutuam na minha mente. Seria ela tão irritadiça com papai quanto era com mamãe, especialmente com o segredo dele que ela escondia? E que segredo seria esse? Papai é tão previsível e tão excitante quanto os números que ele aperta em sua calculadora. Então, o que Shannon poderia saber? Que ele jogou a

precaução para os ares e um dia leu a seção de esportes antes do cotidiano?

Estremeço de leve. Quero dizer, que diabos *eu* sei? Pelas poucas passagens que li do diário, Shannon está cada vez mais parecida com uma personagem de Sylvia Plath² do que com uma líder de torcida sorridente. O que sei de fato sobre qualquer coisa, ainda mais se levarmos em consideração que minha família é tão aberta e acessível quanto Fort Knox?³ Eu os conheço de fato? Será que quero conhecê-los?

Não quero, porém, dar pistas sobre o diário de Shannon, tampouco quero assustar papai, partindo do zero para noventa em percentual de comunicação. “Ei, pai, sei que nunca falamos sobre nada importante antes, mas você acha que Shannon se suicidou? E você tem algum segredo suculento do seu passado que gostaria de partilhar?”

Mesmo assim, preciso testar essas águas. Meu hábito de seguir as regras do jogo da família – ficar calada, fingindo que está tudo bem – é o motivo pelo qual as palavras de Shannon me atordoaram por completo. Não acredito mais que esse jogo funcione comigo.

Olho de soslaio para papai. Ele percebe e me lança um sorriso desconfiado.

Respiro fundo. Ok, lá vamos nós, Introdução a Papai, nível básico. Resolvo começar pela informação mais inócua a que tive acesso no diário.

– Costumávamos frequentar a igreja? – pergunto.

Tente responder a essa pergunta com um “hum”.

– Nós? – pergunta papai, passando a mão pelos cabelos castanhos salpicados de branco.

– Sim. A nossa família. Você, mamãe... e Shannon, acho. Não me lembro de ter frequentado a igreja, mas íamos? Vocês iam?

Distraído, papai raspa a comida do prato.

– Sua mãe foi criada no catolicismo.

– *Disso* eu sei. – Não quero parecer impaciente, uma vez que ele está conversando, mas vovô e vovó também são católicos; a casa deles é praticamente decorada num estilo crucifixo contemporâneo. O fato de mamãe ter sido criada no catolicismo é quase a única coisa que eu sei.

Papai apoia o garfo no prato.

– Eu fui criado na igreja metodista – diz ele. – E me converti quando nos casamos. Isto é, não exatamente. Apenas comecei a ir à igreja com a sua mãe. Fomos por diversos anos, até...

Sutilmente, aproximo-me.

– Até Shannon morrer?

Os seus lábios se contraem e ele fixa o olhar na comida.

– Acho que foi mais ou menos nessa época que paramos de ir. É a sua mãe quem decide esse tipo de coisa.

Parece loucura mamãe decidir a religião da família inteira, mas a verdade é que mamãe decide tudo.

– Por que pararam de ir? – pergunto.

Ele muda de posição e esfrega a nuca.

– Você quer ir? – pergunta ele, cansado, parecendo torcer para que minha resposta fosse não. Não acredito que papai seja contra qualquer religião. Só acho que ele é contra tudo o que mude sua rotina.

– Só quero saber por que vocês pararam de ir – repito.

Seus olhos viram-se rapidamente para mim, depois voltam-se para o prato. E ele começa a remexer com o garfo.

– Acho que vai ter de perguntar isso a sua mãe.

Abro a boca, e depois a fecho, resignada. Papai mastiga novamente.

Fico olhando enquanto ele come e limpa a boca com o guardanapo. Ele sempre parece meio amarrotado logo de manhã, mas ainda é bem bonito com seu maxilar quadrado e seus olhos misteriosos. Apoio o queixo nas juntas dos dedos.

– Como você e mamãe se conheceram? – pergunto de pronto, surpreendendo a mim mesma. Não me lembro de já ter formulado essa pergunta.

Papai alisa a camiseta e pigarreia.

– Como nos conhecemos?

– É.

Ele faz uma careta.

– Isso você já sabe, querida.

Ele volta a se esconder atrás do jornal.

Bato nele de novo com o polegar.

– Não. Não sei, não.

Ele respira fundo e deixa o jornal de lado.

– Claro que sabe. Sua mãe vive falando sobre esse tipo de coisa.

– Não vive, não.

Ninguém na minha família nunca fala nada de importante.

Papai olha em volta da cozinha, como se estivesse procurando uma rota de fuga.

– Claro que ela fala – repete, tentando não se mostrar irritado. – Foi na escola. Nós nos conhecemos na escola. – Ele espeta um pedaço de frango com o garfo e o enfia na boca.

– Na faculdade, certo?

– *Sim* – diz ele, parecendo vingado. – Eu *disse* que você já sabia.

Distraída, enrolo uma mecha de cabelo.

– Quando a viu pela primeira vez? Numa sala de aula?

– Foi... numa festa, acho.

Sorriso.

– Gostou dela de cara? Você a achou bonita?

Ele fixa o olhar no vazio.

– Acho que foi meu colega de quarto que nos apresentou.

– E você a convidou para sair naquela noite?

Uma pontada fugidia de impaciência passa pelo rosto de papai, mas então, inesperadamente, seus olhos se suavizam, e ele sorri.

– O que foi? – pergunto.

Ele fica vermelho.

– É meio embaraçoso.

Dou um pulo na cadeira.

– O quê?

Ele cobre a boca de leve com a mão.

– Eu queria convidá-la para sair, mas era tímido demais. Eu tinha um emprego de meio período no departamento administrativo da faculdade e disse a ela que foi uma sorte nos encontrarmos na festa, porque eu tinha verificado o histórico dela e havia algumas “discrepâncias” nos seus trabalhos.

Meu queixo cai de leve.

– Você é a única pessoa que conheço a usar a palavra “discrepância” em uma cantada.

Meu pai faz uma careta jocosa.

– Bem, funcionou. Ela passou no departamento alguns dias depois. Eu falei para ela que devia ter confundido a pasta dela com a de outra pessoa, pois a papelada dela estava toda em ordem... E o resto você já sabe.

Mamãe entra na cozinha, apertando o cinto do roupão. Ela nos cumprimenta com a cabeça e segue para a cafeteira.

– Mãe – digo –, você sabia que papai a enganou para que o visse novamente depois de terem se encontrado pela primeira vez, dizendo que havia algo de errado com os seus trabalhos?

– Claro – responde ela, com praticidade.

– Você não sabia – protesta papai.

Mamãe dá uma bufada de leve e se serve de café.

– Você *sabia* – digo, mais para mim mesma do que para ela –, mas tudo bem, porque você também queria vê-lo novamente, não é?

Papai fica olhando para mamãe, esperando pela resposta. Ele está curioso de verdade. Nunca o vi curioso a respeito de nada além de golfe.

– E então? – pressiono.

Mamãe faz um gesto de dispensa no ar e toma um gole de café.

– Isso é ridículo – diz, decidida. – Randall, a grama está alta. É melhor cortá-la de manhã, antes que esquente demais.

Papai esconde o rosto no jornal.

– Hum – é a resposta dele.

– Mãe, por que vocês não vão mais à igreja? – pergunto, num impulso.

Seus ombros enrijecem, e ela vasculha meu rosto, procurando uma pista do motivo que me fez trilhar o caminho das lembranças.

– Você *quer* ir à igreja, Summer?

– Só estou me perguntando por que não vamos – respondo. – Quero dizer, papai disse que costumávamos ir. Ou melhor, que *vocês* iam. Não me lembro de ir, a não ser nos dias santos.

– Você sabe que pode ir à igreja quando bem quiser – diz mamãe, na defensiva. – Posso levá-la agora de manhã, se quiser.

– Não, não é que eu *queira* ir. Eu só...

– A grama, Randall. – Mamãe me interrompe, lançando-me um olhar entediado. – Não se esqueça de cortar a grama de manhã.

Suspiro quando mamãe sai da cozinha com o seu café, o roupão rodopiando ao seu redor. Fixo o olhar um segundo no jornal que esconde a cabeça de papai, desejando que ele continuasse conversando, e me pergunto se eu conseguiria atraí-lo novamente para uma conversa.

Não. Ele mais do que cumpriu sua cota por hoje.

A magia se foi.

2 Sylvia Plath (1932-1963) foi poetisa, romancista e contista norte-americana. Reconhecida principalmente por sua obra poética e pelo gênero confessional que sua poesia apresentava; ela escreveu também um romance semiautobiográfico. (N.T.)

3 Fort Knox é uma pequena cidade norte-americana e base do Exército dos Estados Unidos. Durante a Guerra de Secessão a área ao redor da cidade foi fortificada para que ela ficasse protegida. (N.T.)

Dez

— Ah, então esta é a biblioteca?

Gibs para de pronto e me encara de queixo caído e sobrancelhas arqueadas.

— Estou brincando. — Eu o acalmo.

Entramos no hall, passamos pela catraca de segurança e, depois, pelas fileiras bem iluminadas de livros, bancadas de computadores, mesas, cadeiras e rostos sérios das pessoas que passam as tardes de domingo em bibliotecas. (Está bem, nem todos são sérios, mas me parecem bem pálidos.)

— Por aqui — indica Gibs numa voz baixa, guiando-me além da mesa de informações até uma porta fechada. Ele abre a porta pesada de carvalho com um rangido, e eu o sigo.

— ...com isso vocês concluiriam que a tundra, ou mais especificamente o gelo, é uma metáfora — diz um rapaz com uma jaqueta esporte e camisa desabotoada no colarinho, inclinando-se sobre o microfone. O rapaz mais parece um gerente de supermercado chamando um funcionário para limpar o corredor seis.

Gibs e eu nos sentamos nas cadeiras do fundo.

— Ele vem lendo capítulos do seu romance nos últimos encontros — Gibs sussurra para mim, indicando com a cabeça o rapaz à frente.

Cerca de uma dúzia de pessoas estão nas outras cadeiras, parecendo... ora, vamos direto ao ponto: austeras. Quem além de uma

pessoa sem uma vida de verdade passaria o domingo ouvindo um cara discorrer em tom monótono sobre metáforas relacionadas ao clima?

Lanço olhares para Gibs para expressar minha preocupação a respeito da condição de perdedoras daquelas pessoas todas, mas ele me conhece bem o bastante para não morder a isca. Gibs fixa o olhar adiante, prestando atenção.

Alguém levanta a mão e pergunta se os sapatos do romance também são uma metáfora, e o “gerente do supermercado” responde indefinidamente no mesmo tom tedioso. Meus ombros pendem. Tento de novo, sem sucesso, manter contato visual com Gibs. Começo a contar as bolinhas da blusa de uma senhora gorducha na minha frente. Graças aos céus que chegamos próximo do fim do encontro.

– Você vem ouvir esse tipo de coisa de livre e espontânea vontade?
– sussurro para Gibs, que me silencia com uma expressão compenetrada.

– A metáfora constante na minha história é o fogo – diz a senhora de bolinhas.

As pessoas concordam seriamente com a cabeça.

– Talvez possa ler sua história para nós no próximo encontro – sugere o “gerente do supermercado” de modo apropriado, e a senhora de bolinhas parece animada com essa perspectiva, embora enrubesça ao explicar que ainda não a terminou de escrever.

– Este lugar é o fim – sussurro para Gibs.

Ele se mostra sério mais uma vez, mas, graças a Deus, o gerente parece estar encerrando a reunião.

– Como sabem, gostamos de encerrar as reuniões com a dica do dia – diz ele, e eu fico tão animada com a palavra “encerrar” que quase começo a aplaudir. – A dica de hoje se refere ao bloqueio dos escritores. Se não sabe o que escrever (e quem de nós já não passou por isso), pare o que está fazendo e assista a quinze minutos de TV. Depois, incorpore algo que tenha visto à sua história. Mesmo que depois apague ou edite o que escreveu, o desafio fará com que sua criatividade aflore novamente.

– Por que não pegar a TV e lançá-la na janela do seu vizinho, ver a reação dele e em seguida incorporar isso à sua história?

– murmuro para Gibs.

Ele fecha os olhos e balança a cabeça, bem devagar.

As pessoas se levantam, jogam um pouco de conversa fora e começam a sair da sala.

– É ele – diz Gibs, indicando um homem magro de jeans, que parece jovem, a despeito do cabelo grisalho cortado rente.

Quando o senhor Kibbits segue para a porta, vê Gibs e sorri.

– Ah, Gibson! Que bom que pôde vir hoje.

Ele estende a mão e Gibs o cumprimenta.

– Obrigado. Hum... Esta é a minha amiga, Summer.

O senhor Kibbits gira na minha direção e também me cumprimenta.

– Olá – diz ele. – Eu já a vi pela escola. Você logo vai para o último ano como Gibson, certo?

– É isso mesmo.

– Vai assistir às aulas de Redação Avançada no ano que vem? – ele me pergunta.

Desvio do seu olhar.

– Turmas avançadas não são muito a minha praia.

Seus olhos azuis acinzentados cintilam.

– E qual seria a sua praia?

– É isso o que a minha mãe gostaria de saber – digo, sem graça, arrumando uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Posso responder a vocês dois depois de descobrir?

O senhor Kibbits ri, e Gibs se aproxima um pouco mais.

– Summer pode roubar uns minutos do seu tempo? – pergunta Gibs.

O senhor Kibbits abre os braços.

– Sobre o que seria? – pergunta ele, com jovialidade.

– Ela gostaria de discutir algo em particular – explica Gibs, em voz baixa.

O senhor Kibbits sorri para mim.

– Gostaria de se sentar?

Ele me conduz a uma cadeira. Eu me sento, e ele se acomoda ao meu lado. Gibs acena de leve.

– Eu vou... pegar alguns livros – diz ele. Em seguida, sai da sala com o rabo de cavalo balançando atrás de si.

Vou direto ao ponto.

– Acredito que tenha conhecido a minha irmã. Shannon Stetson.

Ele sorri.

– Correto.

Estreito o olhar.

– Então se lembra dela?

Ele concorda.

– Vividamente. Ela era uma pessoa memorável.

– E sabe que ela era minha irmã?

O senhor Kibbits volta a concordar.

– Chapel Heights é uma cidade bem pequena. Muitas pessoas se lembram de Shannon. A notícia se espalhou rapidamente quando você começou o ensino médio. Os professores da época de Shannon... Nós meio que comparamos e contrastamos.

– Certo... – digo. Caramba! A sombra de Shannon me segue para onde quer que eu vá. Pelo menos os professores foram bem sutis. A maioria deles, quero dizer.

– Não quero deixá-la incomodada – diz o senhor Kibbits, com gentileza. – Tudo o que eu disse, ou ouvi dizer, foi muito elogioso em relação a vocês duas.

Engulo em seco.

– Minha tia acabou de me entregar o diário que Shannon escreveu no verão antes de morrer – digo rapidamente. Desvio os olhos, depois os viro novamente para captar a reação do senhor Kibbits. Ele ainda sustenta a mesma expressão agradável e tranquila. – Acabei de começar a ler – continuo. – Ela menciona o senhor na segunda passagem.

Ele coça o queixo com o indicador.

– Mesmo?

– Ela menciona um punhado de outras pessoas também. Chris, que deduzo tenha sido o namorado dela, e Jamie. O senhor os conhecia?

O senhor Kibbits faz que sim com a cabeça.

– Chris Ferguson. Ele ainda mora na cidade... Acho que trabalha na oficina Phipp. Não sei o paradeiro de Jamie.

– Por que a minha mãe não gostava deles?

Ele não se surpreende com a pergunta.

– Eles não tinham nada em comum com Shannon – diz ele, e depois para uns segundos antes de esclarecer: – Como professor de turmas avançadas, tenho contato com muitos alunos bem-sucedidos.

– E...?

– A maioria deles é bem-sucedida em todas as áreas da vida – prossegue ele. – Do tipo de garoto que concorre ao Conselho Estudantil ano após ano e quebra recordes de venda de biscoitos no escotismo. Desse tipo.

– Hum – digo, entendendo bem. Essa foi a Shannon que me esfregaram na cara a vida inteira.

– Alguns deles são naturalmente bem-sucedidos – explica o senhor Kibbits – e outros são compelidos pelos pais a se destacarem indefinidamente. Com alguns, acontece os dois.

Confere e confere, digo a mim mesma.

– Na época em que caem na minha sala, no penúltimo e no último anos, muitos deles estão acabados – diz o senhor Kibbits.

Seguro uma mecha de cabelo.

– Acabados?

Ele faz que sim.

– A perfeição é exaustiva.

Nunca pensei nisso.

– Então, Shannon estava acabada?

Ele mede as palavras com cuidado:

– Acredito que sim. Mas apenas temporariamente, em minha opinião. Ela era tão naturalmente motivada que estava destinada a realizar grandes feitos. No entanto, quando a conheci, ela começava a questionar se valia a pena se esforçar tanto. Ela passou a questionar muitas coisas. Acho que foi por isso que começou a andar com um pessoal diferente, pessoas como Chris e Jamie.

Meu olhar se contrai.

– Ela odiava a minha mãe? – pergunto tão rápido que nem tenho tempo de me censurar.

Ele parece estar se divertindo.

– Mas todas as adolescentes não odeiam suas mães?

Não é uma resposta boa o bastante.

– *Por que* ela a odiava? – Subitamente me sinto destemida, como uma jornalista numa coletiva de imprensa.

Ele me mostra a palma da mão.

– Espere aí. Acho que estamos entrando em uma zona perigosa.

– Ela conversou com o senhor, não foi?

– Posso pleitear a Quinta Emenda⁴, senhora promotora? – caçoa ele, mas logo fica sério. – Summer, não acho que eu esteja em posição de...

– E quanto ao meu pai? – digo, e as palavras vão se atropelando. – Ela escreveu que lhe contaria algo a respeito do meu pai.

A expressão do senhor Kibbits se obscurece.

Eu me aproximo.

– Conte-me.

Ele contrai o maxilar.

– Summer – diz ele, por fim –, não partilho as informações que os alunos me contam em confiança. Lembre-se disso, se um dia precisar de alguém em quem confiar.

Meu olhar fica preso ao dele.

– Shannon está morta – lembro-o. – Pode me contar.

Ele me dá um tapinha no braço.

– Você é uma garota inteligente. Tão inteligente quanto sua irmã, tenho certeza. Se está lendo o diário dela, suponho que descobrirá o que Shannon tinha em mente enquanto escrevia. Não viva no passado, porém. Para seu próprio bem, entende?

Sustento o olhar dele um segundo mais, depois suspiro. Não sei se estou frustrada ou aliviada.

Ele sorri.

– Estou sempre aqui aos domingos neste horário – diz ele.

– E, claro, estarei em minha sala no outono. Se precisar de alguém com quem conversar, sabe onde me encontrar.

Aceno com a cabeça, o olhar fixo para o meu colo.

– Se precisar conversar sobre *qualquer coisa* – esclarece ele. – Tenho certeza de que a sua vida é tão complicada quanto a da sua irmã nessa idade.

A não ser pelo fato de Shannon estar congelada no tempo. Será que eu ousou descongelá-la?

Ai, meu Deus! Não me diga que acabei de usar gelo como metáfora!

Pego uma maçã da fruteira na cozinha depois que Gibs me traz de volta da biblioteca.

Mamãe passa com o cesto de roupa suja quando dou uma mordida. Mesmo lavando roupa nas tardes de domingo, mamãe está alinhada: calça bem passada, blusa tinindo, maquiagem impecável. O cabelo loiro platinado está preso num rabo de cavalo elegante.

– Como foi na biblioteca? – pergunta ela.

Eu não lhe disse o motivo da minha ida, mas a simples menção da palavra biblioteca iluminou seu rosto.

– Foi tudo bem. Ei, mãe?

– Sim, meu bem?

– Você não chegou a me dizer por que pararam de ir à igreja.

Ela passa o cesto de roupa de um lado para o outro do quadril.

– Mas o que é esse interrogatório hoje, Summer?

Dou de ombros. Ainda estou no papel de repórter intrépida. As evasivas e os volteios de mamãe não funcionarão comigo hoje.

Ela segura o cesto com mais força. Um instante de constrangimento paira no ar.

– Quer dizer que... que você quer ir à igreja? – ela pergunta novamente.

Na verdade, nunca pensei muito a esse respeito. Vamos à missa com vovô e vovó na Páscoa e no Natal, mamãe fala “Deus te crie” quando alguém espirra, e diz aos amigos que rezará por eles, quando estão passando por momentos de dificuldade. Essa é mais ou menos a extensão da minha vida religiosa. Nunca parei para pensar se queria que as coisas fossem diferentes, ou se desejava muito mais que isso ou qualquer coisa assim.

– Só quero saber por que pararam de ir – digo a ela.

Ela apoia o cesto de roupas na mesa da cozinha, tira uma toalha da pilha e começa a torcê-la, distraída.

– Não entendi por que Deus tirou Shannon de mim – ela diz, por fim, numa voz baixa, porém firme. – Ainda não entendo. Eu não fiz tudo direitinho? Eu *tentei*.

Dou uma leve arfada. Essa é, provavelmente, a coisa mais real que mamãe me diz a respeito de Shannon. Será que ela só estava esperando que eu perguntasse?

Dou de ombros, tentando não assustá-la.

– A morte de Shannon não significa que tenha feito algo errado. Às vezes, as coisas simplesmente acontecem.

– Então, de que adianta rezar? – pergunta ela, num tom de irritação contida.

Dou de ombros mais uma vez e engulo em seco.

– Mas esse não é o motivo principal – ela diz, olhando para a toalha. – Sim, fiquei brava com Deus, se é que existe um Deus. E acho que ainda estou. Nunca esperei que a vida fosse perfeita, mas eu não contava com um golpe como esse. Perder um filho... é...

Ela faz uma pausa e segura a toalha com mais força.

– Portanto, se existe um Deus, eu estou bem irritada – continua, numa voz mais firme. Ela procura o meu olhar. – O que pensa das pessoas que questionam a existência de um Deus? Quero dizer, se existe mesmo um, você acha que ele condenaria alguém ao sofrimento eterno só porque teve coragem suficiente para admitir que ninguém pode ter certeza?

– Hum – a quem quero enganar? Estou atordoada demais para falar. Mamãe não só está me contando coisas reais como também está me fazendo perguntas de verdade... Ela quer saber a *minha* opinião.

– Eu não quero idolatrar esse tipo de Deus – diz, sem esperar pela minha resposta. Ela solta a toalha, que cai de novo no cesto enquanto ela fita o vazio. – Sem falar que... Shannon passava por uma... por uma fase... quando morreu.

Seu olhar recai sobre o meu como se quisesse ver a minha reação. Eu não mexo um músculo sequer.

Ela olha além de mim.

– Prefiro ficar no inferno com as minhas filhas a ficar no paraíso sem elas.

Sinto minha garganta se apertar. Observo seu rosto, como se nunca o tivesse visto antes. Ela parece pequena e frágil. E triste. Quero tocá-la. Será que ela me deixaria tocá-la?

No instante em que me inclino em sua direção, porém, seus olhos recobram o foco, como se ela houvesse saído de um transe.

– Bem – diz com firmeza –, é melhor ir lavar a roupa.

E pega o cesto.

– Mãe – digo de súbito.

– O que foi?

Não tenho nada para dizer. Só não quero que ela vá embora. Por isso, pergunto:

– Você costumava fazer parte de muitos clubes?

Minha mãe ri da súbita mudança de assunto.

– Por que está perguntando isso?

Mudo de posição.

– Tia Nic mencionou um clube do qual você fazia parte. Um clube do livro, certo?

A confusão se faz presente no seu olhar, porém, ela concorda.

– Culpada, confesso – diz. – Acho que eu era mais extrovertida quando mais jovem. Acho que superei essa fase.

– Por quê? – insisto. – Por que parou de fazer as coisas das quais gostava?

Ela parece aborrecida.

– Francamente, Summer, a vida não é só fazer o que se gosta o tempo inteiro.

Qualquer que fosse o humor no qual surpreendi mamãe cinco minutos atrás, ele oficialmente já era. Mamãe voltou.

Sinto o rosto queimar, e o olhar dela se suaviza. Ela estica a mão e aperta o meu braço.

– Não quis ser rude – diz, respirando fundo. – Pois bem. Por que parei de fazer esse tipo de coisa? Vejamos... Obtive minha licença de corretora quando você começou a pré-escola, e isso tem me mantido ocupada, como bem sabe.

Balanço a cabeça. Seu olhar continua fixo no meu. Ela ainda não terminou.

– Sabe – diz, com suavidade –, eu costumava acreditar que sabia de tudo, que tudo estava resolvido. Se eu fizesse A, podia contar que B aconteceria. Mas não se pode contar com nada, não é verdade? O controle não passa de uma ilusão.

Meu Deus... É possível conversar com a minha mãe. Será que nunca tentei antes?

Mamãe me fita nos olhos e sorri, cansada.

– Não quero entediá-la filosofando, meu bem. Na verdade, nem isso tenho feito mais. Acho que aconteceu o mesmo que com o clube do livro. Algumas coisas simplesmente... deixam de existir.

Ela me dá um tapinha no braço; seus dedos estão frios contra a minha pele. Em seguida, pega o cesto de roupas.

– Agora, querida, por favor, deixe-me lavar esta roupa.

– Está bem – é tudo o que digo.

Não lhe digo o que estou pensando: “Lamento, mãe, mas não acredito que tenha mudado tanto quanto pensa”.

4 A Quinta Emenda da Constituição dos Estados Unidos assegura aos cidadãos norte-americanos o direito de permanecer calados e evitar, assim, a autoincriminação. (N.T.)

Onze

— **P**ara você.

Levanto o olhar do livro de História e me deparo com Gibs de pé na minha frente, segurando um dente-de-leão.

— Para lhe dar boa sorte na prova de História – explica ele.

Sorrio, pego a flor e assopro a penugem de brincadeira no rosto dele, em seguida, dou uma batidinha no banco de piquenique. Ele se senta ao meu lado.

— Vou sentir saudades da patrulha do esporte – digo para ele, melancólica.

Há muito tempo deixei de frequentar o refeitório da escola, preferindo o isolamento da mesa de piquenique, debaixo da magnólia, perto do ginásio. Eu costumava ficar ali sozinha, lendo um livro durante o intervalo do almoço, mas Gibs tem me feito companhia desde que nos tornamos amigos. Observamos atletas suados saindo do ginásio em seus shorts de basquetebol e camisetas regata que revelam seus músculos, ou vemos o grupo de líderes de torcida praticando no gramado, sentindo-nos infinitamente acima de tudo aquilo, enquanto trocamos comentários afiados.

Bem, é melhor esclarecer. Gibs não se sente infinitamente superior a ninguém (ele é o cara mais humilde que conheço) e raramente tece comentários maldosos. Contudo, é um bom

companheiro, que ri dos meus comentários. A patrulha do esporte é o ponto alto do meu dia, graças a Gibs.

– Também vou – diz ele –, mas já reservei este banco para o nosso último ano escolar. E podemos nos encontrar durante o verão, não é?

Forço um bico de aborrecimento.

– Minha mãe me sentenciou a trabalho escravo, lembra? – Os olhos de Gibs se estreitam. – Na floricultura da minha tia – lembro-o.

– Ah, é mesmo. Quando você vai ter que trabalhar?

Dou de ombros.

– Não preciso voltar até sábado. Mas depois que as aulas acabarem, tia Nic provavelmente vai querer que eu trabalhe em horário comercial. Mas, tenho certeza de que teremos tempo de nos ver. Só você, eu e minha alergia incontrolável.

Leah Rollins e Kendall Popwell passam na frente do ginásio com o diminuto uniforme das líderes de torcida, acenando num farfalhar de dedos ao se aproximarem de mim e de Gibs. As duas garotas têm o cabelo artificialmente liso com chapinha; o de Leah é castanho, o de Kendall, loiro tingido. Kendall é a mais bonita das duas, porém Leah é mais magra, e a magreza triunfa nos círculos delas. Além disso, Leah é sempre o centro do universo, portanto Kendall vive em sua órbita. Faço uma careta ao me lembrar do meu tempo de satélite-mor.

Gibs retribui o aceno.

– Como se saiu na prova sobre Chaucer? – pergunta Leah.

– Bem, acho – responde ele.

Kendall dá uma bufada.

– “Bem” provavelmente significa “A+” no mundo do Gibs – ela diz.

Ele fica envergonhado com o elogio e explica que achou Chaucer bem difícil (ah, tá...), mas eu não estou prestando atenção. Sinto um borbulhar lento se formando em meu peito. Detesto parecer mesquinha, porém me irrita profundamente que Leah e Kendall estejam lendo Chaucer com Gibs na turma avançada, quando o que leem de mais substancioso no tempo livre são revistas femininas. Eu sei, eu sei... Não tenho como culpar ninguém além de mim mesma

por não estar nessa turma (eu bem que podia abrir um livro didático de vez em quando, não só na época das provas). No entanto, as turmas avançadas requerem que se pense algo original uma ou duas vezes na vida, não é?

– Summer? – chama-me Leah, e eu percebo que ela já o fez antes.

– Oi, desculpe – digo. – O que foi?

– Perguntei o que você está estudando. – Ela se aproxima para espiar o livro de História que estou segurando.

– História – respondo.

– Sim, mas qual História?

Esnobera. Ela adora me esfregar na cara meu medíocre perfil acadêmico C.

– É a turma do senhor Pilcher, não é? – diz Kendall, querendo ajudar, mas deixando bem claro que, sim, essa turma só está um tantinho acima dos repetentes.

– É isso – respondo, simplesmente.

– Brice Casdorff não está nessa turma também? – pergunta Kendall.

Touché! Ele é aquele que acabou de ser preso por vandalismo.

– Hummm – respondo.

– Quer dizer que sua prova final é hoje? – pergunta Leah.

– Hummm.

– Bem... Boa sorte, então.

Consigo lançar um sorriso falso enquanto elas se afastam.

– Galinhas – murmuro bem baixinho.

– O que foi? – pergunta Gibs, ingênuo. – O que elas disseram?

Reviro os olhos.

– Você não capta mesmo as vibrações femininas, não é?

Ele me observa por alguns segundos, depois dobra um joelho perto do peito e diz, mudando de assunto:

– Então... qual a novidade com a Shannon?

Ah, Shannon... Sinto-me tentada a dizer que tenho estado ocupada demais com as provas para pensar nela, mas a verdade é que estou bem

obcecada. “Você se matou, Shannon? Por favor, diga-me que não se matou. Não posso suportar nem pensar nisso. E que outros segredos você tem? Qualquer coisa que, sei lá, vai me fazer pirar de vez?”

Todas as manhãs, a caminho da escola, passo pela árvore em que ela bateu: a três quarteirões de casa, a poucos metros depois de um sinal de “pare” após uma curva, depois de passar por três casas térreas, um pouquinho antes de um parque, cerca de um quilômetro antes da escola...

Sempre soube qual era a árvore (mamãe e vovó ainda depositam flores ali), mas nunca parei para pensar muito nela até começar a ler o diário de Shannon. Agora, aquele carvalho idiota fica praticamente me assombrando, apontando seus galhos retorcidos como um satã artrítico, pairando sobre mim tal qual uma aparição cinzenta e mirrada. Fico toda arrepiada por ver crianças brincando nos balanços e gira-giras tão perto dali.

Ainda bem que as aulas vão terminar daqui a poucos dias e não terei de passar pela árvore até o começo do último ano. Contudo, não consigo evitar o diário de Shannon. Não li mais nada desde a noite em que o abri; as provas finais, agora, na verdade, parecem uma bênção para mim, uma desculpa para me manter ocupada. Entretanto, já sinto as palavras me atraindo de novo, como os galhos daquela árvore.

– Leu mais alguma coisa no diário? – pergunta Gibs.

– Não – respondo. – E talvez não leia mais.

Ele pensa na minha resposta, depois assente com firmeza, mas ele sabe. Vejo no olhar dele que ele sabe.

Não estou enganando ninguém.

Você até poderia acreditar que tenho grandes planos para hoje à noite, já que as aulas acabaram, mas pensou errado. Gibs foi para uma reunião do grupo Habitat para a Humanidade (será que ousou admitir quanto sinto a falta dele?) e tenho de ir trabalhar na loja da tia Nic amanhã cedo, por isso estou indo para a cama às dez da noite, uma

hora respeitável e embaraçosa. Contudo, não sem antes respirar fundo e pegar o diário que escondi debaixo do colchão.

– Olá, Shannon – digo, sonolenta, então, abro na página da anotação seguinte.

Sábado, 5 de junho de 1993.

Saí escondida ontem à noite, para me encontrar com o Chris. Aperfeiçoei meu método: papai verifica as trancas às dez todas as noites e, depois, vai se deitar. Mamãe fica acordada mais uma hora assistindo TV, depois, liga a lava-louça e vai dormir.

A lava-louça é bem silenciosa nos primeiros dez minutos, enquanto está enchendo de água. Mas, logo depois, a água começa a rolar e o motor mais parece um amontoado de rãs a toda a velocidade. É nessa hora que eu entro em ação, descendo sorrateiramente pelas escadas e saindo pelo quintal dos fundos. Tudo o que preciso fazer é abaixar quando passo pela janela do quarto dos meus pais, destrancar o portão e caminhar um quarteirão até onde o Chris fica me esperando, na placa de “pare”, para me apanhar.

Papai me flagrou saindo umas duas vezes, mas ele só balança a cabeça. Quem é ele para me passar sermão por sair escondida?

Chris e eu temos pensado na palavra que começa com C. Loucura, eu sei. Meu primeiro encontro com um rapaz foi só há onze meses! Enquanto minhas amigas paqueravam e começavam a namorar, desde, sei lá, o sétimo ano, eu iniciava abaixo-assinados para a melhoria das faixas de pedestres. Portanto, quem haveria de pensar que eu me apaixonaria com tanta intensidade pelo meu primeiro namorado? Ele quer começar a trabalhar na oficina de solda do pai assim que nos formarmos, então, se eu estudar na faculdade da cidade, em seguida, nós podemos nos cas... (Eu ainda nem consigo escrever a palavra inteira!) Chris, aquele bobo, diz que a palavra com C significa “cedo demais”, mas ele só está brincando. Já falei que Chris é o melhor cara do mundo? Ai, meu Deus, eu o amo demais!

Mais novidades: mamãe está me chantageando para que eu vá a um terapeuta. Ela diz que vai tomar o meu carro se eu não for. Minha primeira sessão é segunda-feira. Acho que vou zoar com ele, dizendo que converso com árvores e consigo fazer com que as coisas entrem em combustão espontânea. Não há por que tocar no assunto de que mamãe não passa de uma controladora que pensa poder viver a minha vida.

Ela vai amar o plano da palavra que começa com C. Talvez Chris e eu possamos morar num trailer. Faremos churrascos aos sábados e serviremos esquilos. Ela pode usar as pérolas dela.

Fico me perguntando se ela subornou o terapeuta para implantar um chip no meu cérebro, a fim de poder programar a minha vida.

Balanço a cabeça devagar, enquanto me apoio num cotovelo. Casamento? Aos dezessete anos? Com um perdedorzinho com o qual, para se encontrar, ela teve de sair sorrateiramente de casa? Não era de admirar que mamãe tivesse contratado um terapeuta.

“Sei que mamãe é uma controladora, Shannon”, penso. “Ninguém entende isso melhor do que eu; mas, Deus do céu, você é uma idiota. Sem querer ofender. E, já que preendi a sua atenção... Você morreria por me contar o que é essa história do papai?”

Você morreria... acho que tenho de prestar atenção às minhas figuras de linguagem.

Doje

— Atchim!

Com força exagerada, enfio o talo de uma flor de açafão na esponja que formará uma guirlanda. “Aguente essa, sua provocadora de espirros.”

Tia Nic segue para a mesa de trabalho do fundo da loja e me olha, ansiosa.

— Summer, meu bem... Você só precisa trazer as flores do refrigerador para a mesa. Deixe que *eu* cuido do arranjo.

Rio para ela.

— Não se preocupe, tia Nic, eu não ia dar um show tipo *Casa e Jardim* pra cima de você. Eu só estava passando o tempo.

Ela sorri.

— Tenho certeza que logo, logo você também estará fazendo arranjos florais, mas hoje é só o seu segundo dia aqui.

Tiro o açafão da guirlanda e o coloco de volta, junto aos outros.

— Não custa nada sonhar – digo.

Que belo lugar para passar meu primeiro dia oficial do verão: Beco da Alergia.

Não me importo de verdade. Sempre adorei a tia Nic e acho que deve haver coisas piores do que passar o tempo ao lado de açafões (ou seria açafões?), mesmo que isso seja um ataque às minhas histaminas.

Mesmo assim, não consigo tirar o diário de Shannon da cabeça. Milhares de perguntas enchem a minha mente e fico imaginando quais delas a tia Nic pode responder. Resolvo tentar a mais segura, uma das perguntas que o senhor Kibbits não quis responder.

– Shannon odiava mamãe? – pergunto.

Tia Nic pega uma flor de açafão e acaricia o talo acetinado.

– Não – diz ela baixinho, porém de modo firme. – Ela a amava.

Mordo os lábios.

– Ela apresenta um verdadeiro festival de ódio no diário.

Tia Nic dá um sorriso torto.

– Eu meio que percebi isso ao ver as primeiras páginas. Foi por isso que não consegui mostrá-lo à sua mãe. Foi por isso que não consegui continuar lendo. – Ela me fita, circunspecta. – Quanto você leu?

Enfio a mão no bolso do jeans.

– Só algumas páginas. Acho que preciso... me controlar. Essa não é a Shannon que eu esperava.

Os olhos de tia Nic se enchem de remorso.

– Ah, querida. Talvez eu não devesse ter lhe dado o diário. Não tive a intenção de desiludi-la.

Balanço a cabeça, com impaciência.

– Está tudo bem. É tudo real. É quem ela era. O que há com a nossa família, que tem de esterilizar tudo, deixar tudo imaculado e brilhante?

Tia Nic mexe no seu colar.

– Shannon era tudo aquilo que lhe contamos que ela era: doce e engraçada, adorável, fácil de amar, tudo isso. Ela só estava passando por uma fase rebelde. Não importa o que o diário dela diga, não pense que isso é tudo, por favor. Troquei as *fraldas* dessa garota, Summer, assim como troquei as suas. Eu a conhecia. Você tem de acreditar em mim. Ela era um anjo.

Ranjo os dentes e levanto as mãos para o alto.

– Ela não era um anjo. Graças a Deus, estou finalmente descobrindo isso.

Tia Nic suspira.

– Mas todas as crianças não são anjos para as famílias?

Cerro os punhos.

– Não! Eu *não* sou.

Ela coloca a mão no meu rosto.

– Você é sim! Você é para *nós*. Isso é o significado de pertencer a uma família.

Afasto-me do seu toque.

– Isso é o significado de pertencer à nossa família: ser falso. Era contra isso que Shannon vinha se rebelando. É por isso que ela odiava mamãe.

Tia Nic reflete um segundo, depois, cruza os braços.

– Você sabia que a sua avó fazia, a mim e à sua mãe, vestirmo-nos de modo idêntico, até termos uns doze anos, mais ou menos?

Sorrio, apesar de tudo.

– Vi as fotos. Uma tragédia.

Os olhos dela brilham.

– Nós nos rebelamos lá pelo meio do ensino fundamental. Mas adorávamos aquilo quando éramos crianças. Não tenho filhos, portanto, não sou nenhuma autoridade no assunto, mas... acho que os pais podem ser tudo o que os filhos precisam em certo ponto da vida, depois, ser tudo o que eles *não* precisam em outro período.

Ela faz uma pausa e entrelaça os dedos.

– Sim, sua mãe é perfeccionista – continua ela. – Mas, francamente, Shannon também era. Tudo funcionou muito bem enquanto Shannon era criança. Foi só quando ela cresceu que esse perfeccionismo começou a incomodá-la. Foi Shannon quem mudou, não a sua mãe. Sua mãe não a acompanhou.

Balanço a cabeça.

– Se Shannon não se importava por mamãe ser controladora quando ela era pequena, foi porque ela era jovem demais para saber das coisas. Mamãe deveria ter permitido que ela fosse quem quisesse ser.

Tia Nic esfrega a haste do açafão mais uma vez, parecendo melancólica.

– Não sei – diz, com suavidade. – Lamento muito que Shannon tenha se frustrado, mas também sinto muito pela sua mãe. Criar Shannon... deve ter sido o mesmo de ter um trabalho no qual se é de fato muito bom por anos e anos, depois, de repente, sem nenhum aviso, as regras mudam, e tudo o que costumava funcionar não funciona mais.

– Mas depois que mamãe viu que não estava funcionando, por que ela não mudou? – pergunto, insistente. – Ela não mudou nem mesmo por mim.

Tia Nic fica de queixo caído.

– Ela mudou completamente por você! Você é uma rebelde desde o dia em que nasceu. Como teria sobrevivido se sua mãe não houvesse mudado?

Abro a boca para responder, mas a fecho e balanço a cabeça, resignada. Acho que tia Nic não entende o problema com mamãe, o fato de ela me dar tantos motivos para eu me rebelar.

O sino da porta soa quando um cliente entra na floricultura. Tia Nic alisa a camisa ao se virar para a porta de entrada.

– Ei, tia Nic? – chamo.

Ela olha por sobre o ombro.

– Sim, querida?

– Se eu tiver mais perguntas, posso falar com você?

Ela sorri.

– Pode me fazer qualquer pergunta.

Meu olhar a segue quando ela se afasta. Eu queria que mamãe fosse tão descontraída quanto a tia Nic. Puxa, eu ficaria feliz se ela fosse descontraída como a rainha Elizabeth!

– Oi, como vai? – Ouço tia Nic cumprimentar perto do balcão. – Faz tanto tempo que não a vejo, Leah!

Ergo uma sobancelha. Ah, que bom, Leah.

Suspiro e também vou à frente da loja.

– Oi, Summer – cumprimenta Leah, com um sorriso forçado. – Está trabalhando aqui?

Faço que sim com a cabeça.

– E você? O que vai fazer neste verão?

Ela levanta os ombros.

– Trabalho voluntário, acampamento da torcida. Ah, e coisas do Clube Beta. Ei, falando nisso, você vai à conferência, em agosto?

– Não faço parte do Clube Beta – lembro-a.

– Ah, é mesmo. E como se saiu nas provas finais?

Cravo as unhas na palma da mão.

– Bem.

Ela sorri falsamente mais uma vez.

– *Que ótimo! Que bom para você!* Não foi demais o Gibs se oferecer para ajudá-la a estudar?

Torço o nariz.

– E, se tivermos sorte – diz Leah –, isso o impediu de se aplicar nos estudos para as provas dele! Ainda estou concorrendo para ser a oradora da turma, mas essas turmas avançadas... Puxa! Quero dizer, estou certa de que não podem ser mais difíceis do que as suas aulas são para você... Isto é, tudo é relativo...

– Hummm. Ei, você ainda está namorando o Justin?

O olhar de Leah se volta para o chão, e eu até que sinto uma pontada de culpa. Houve boatos de que Justin terminou com ela há apenas poucos dias.

– Não, nós terminamos – diz ela.

Tia Nic sorri com simpatia. Meus músculos se contraem. Sinto-me obrigada a dizer que lamento muito. Está certo, que ela nunca se apiedou de mim, mas ela parece bem mal mesmo.

– Sinto muito – digo.

– Ah, namorados vêm e vão – diz tia Nic, animada. – Passe para o próximo e faça-o entregar seu coração.

Leah cora e sorri.

– Bem... as flores da minha mãe estão prontas?

– Ah, sim, certo! – Tia Nic vai para o refrigerador e tira um enfeite gigantesco de flores rosas e roxas. Fito os amarantos e espirro.

– Uma grande comemoração? – pergunta tia Nic, distraída, enquanto recebe o dinheiro.

– É a minha festa de aniversário – responde Leah. – Mamãe exagera um pouco em tudo. Acho que ela convidou metade do colégio. – Ela se mostra envergonhada ao perceber a gafe, depois me lança um sorriso nervoso. Eu desvio o olhar. – Bem... obrigada – balbucia, para, em seguida, pegar o arranjo. – Tchau.

Balanço os dedos de leve enquanto ela sai da loja.

Tia Nic cruza os braços e olha para mim.

– Não está na lista de convidados? – pergunta, franzindo o nariz.

– O que você acha?

Ela me observa, atentamente.

– O que aconteceu com vocês duas? Vocês costumavam ser tão amigas.

Balanço a cabeça.

– Não de verdade. Mesmo quando éramos mais novas, ela fazia questão de deixar claro que eu não estava à sua altura.

– Não! – protesta tia Nic. – Vocês eram excelentes amigas!

Sorriso e reviro os olhos.

– *Tuuudo* bem. – Estou acostumada à minha família definir como “excelente” as coisas que eles querem que sejam assim. Tanto faz.

– Espero que ela se divirta na festa – digo, quando a ouço indo para o fundo da loja, depois murmuro bem baixinho: – E que os amarantos deem uma urticária.

Três

Tchuf.

Chuá, chuá, chuá.

Tchuf.

Chuá, chuá, chuá.

Abro os olhos, estreitando-os para me ajustar à claridade que passa pela persiana nessa manhã iluminada de domingo.

Mamãe ligou a lava-louça. Gemo. Estou acostumada a esse barulho à noite, mas não pela manhã. Por algum motivo, a essa hora, seu barulho é mais alto que o de um trem de carga. Existe modo melhor de começar uma das poucas manhãs em que posso dormir até mais tarde?

Passo alguns minutos tentando voltar a dormir, mas é impossível. Reviro os olhos e acomodo o travesseiro contra a cabeceira da cama. Gibs e eu vamos nos encontrar para comer hambúrgueres mais tarde, mas tenho muito tempo livre até lá, portanto...

Enfio a mão debaixo do colchão e pego o diário de Shannon. Pressiono os lábios enquanto o estômago se contrai, então, abro o diário na anotação seguinte.

Segunda-feira, 7 de junho de 1993.

Confissão: o terapeuta não é tão horrendo quanto esperei que fosse.

Imaginei que ele fosse iniciar a nossa “sessão” perguntando: “Como você se sente a esse respeito?” toda vez que eu lhe contasse

alguma coisa. Em vez disso, ele me contou que era um Deadhead⁵, e falou de todos os shows a que tinha ido. Ele me mostrou uma foto, em sua escrivania, na qual aparece com Jerry Garcia. Ele foi a muitos shows dos Stones também e do Bob Dylan. Eu lhe disse que ele estava vivendo nos anos sessenta, e ele riu.

Em seguida, o doutor Deadhead me perguntou de que tipo de música eu gostava. Eu respondi: “Não sei”.

Ele disse: “Como você não sabe?”.

Touché!

Se ele tivesse me perguntado há um ano de que tipo de música eu gostava, eu teria respondido Grateful Dead, Rolling Stones e Bob Dylan. Porque é disso que ELE gosta, e eu sempre sou desesperada para agradar. Não tenho personalidade. Não sou uma pessoa de verdade. Sou só uma lousa em branco. Escreva em mim o que achar melhor e eu encontrarei um modo de ser essa pessoa. Tudo o que pedirei em troca é que você goste de mim.

Que ridículo.

No entanto, parei de tentar ser essa lousa em branco. Eu só não sei o que ser em vez disso. Gastei tanto tempo tentando adivinhar o que as outras pessoas queriam que eu fosse, e agindo de acordo com o que elas queriam, que não sei SER. Só sei REPRESENTAR.

Com isso, a pergunta mais simples do mundo: “De que tipo de música você gosta?” me fez chorar.

Porque a resposta me assusta demais: eu não faço a mínima ideia.

– Ela estava indo a um psicólogo.

Gibs ergue uma sobrelha e bebe do canudinho.

Passo a batata frita no ketchup que espalhei no papel que embrulhava o hambúrguer.

– Um terapeuta – esclareço. Gibs tem por hábito não responder de pronto, e eu sempre acabo achando que tenho de me explicar melhor.

– Sei o que é um psicólogo – diz, apoiando o copo de refrigerante na mesa.

Criancinhas com camisetas sujas de ketchup passam correndo pela nossa mesa, indo para o parquinho adjacente e deixando uma mãe com ar cansado para trás.

– Ela fala do terapeuta no diário? – pergunta Gibs, dando uma mordida no hambúrguer.

Faço que sim, com o olhar ainda fixo enquanto as crianças mergulham de cabeça na piscina de bolinhas.

– Ela diz que mamãe ameaçou tomar o carro dela se ela não fosse.

Ela diz. Tempo presente. Estou me referindo a Shannon no tempo presente.

– Ela conta o motivo de a sua mãe querer que ela veja um terapeuta? – pergunta Gibs.

Meus olhos finalmente se desprendem das crianças e pousam no rosto de Gibs.

– Ela começou a agir de modo estranho de repente – digo-lhe. – Shannon sempre foi boazinha e obediente, e agora se sente sufocada. Ela nem mesmo consegue dizer ao analista de que tipo de música gosta. Diz que agora que parou de agir como a boazinha, não sabe mais quem é.

Gibs dá de ombros.

– Todos representam um papel – diz ele, com tranquilidade. – Minha prima está na faculdade de Medicina porque quando estava no jardim de infância, um parente perguntou o que ela queria ser quando crescesse. Ela respondeu que queria ser médica. Sabe, do mesmo jeito que algumas crianças dizem que querem ser piratas. Bem, dali para a frente, os pais dela ficaram se gabando para qualquer um que quisesse ouvir que ela faria Medicina.

Franzo a testa.

– Está dizendo que ela não queria estar na faculdade de Medicina?

– Quem é que sabe? Mas é pressão demais, entende?

– Então, ninguém faz o que quer realmente fazer? Estão todos simplesmente querendo agradar alguém?

– Ou *desagradar* alguém. Como você, ao se sair mal na escola.

Estreito o olhar, com ar travesso.

– Nunca lhe passou pela cabeça que eu simplesmente não sou muito inteligente?

Ele pensa na minha pergunta um instante antes de responder:

– Leah Rollins é uma aluna que só tira notas A. Ela anota tudo o que o professor fala, inclusive quando ele conta que fez o rodízio dos pneus do carro. E pergunta se isso vai cair na prova.

– Gibbs toma um gole de refrigerante. – Contudo, ela aprendeu as regras do jogo. E pode até mesmo acabar sendo a oradora da turma. Não que eu me importe com isso. O que quero dizer é que boas notas têm correlação mínima com inteligência.

– Você também só tira notas máximas – lembro-o.

Ele concorda.

– E, mesmo com tudo isso, tenho mais em comum com você do que com Leah Rollins. – Ele olha além de mim e arregala os olhos. – Falando no diabo...

Eu me viro e vejo Leah e Kendall Popwell passando pela porta, com seus cabelos lisos flutuando atrás das costas. Reviro os olhos e afundo no banco.

Gibs acena para elas. Droga. Elas nos viram. E vêm em direção à nossa mesa.

– Oi, Gibson. Olá, Summer – cumprimenta Leah.

Aceno, sem entusiasmo.

– E aí? – pergunta Gibbs.

– Viemos almoçar – responde Kendall.

– Vai fazer tarefas extras de BI este verão? – pergunta Leah a Gibbs.

– Acho que sim. Meu orientador me recomendou.

Reviro os olhos. BI, ou Programa de Bacharelado Internacional, é a elite do programa das turmas avançadas da nossa escola, indicado tanto

para os extremamente inteligentes (como Gibs), como para os incrivelmente escravos da conformidade escolar (pense em Leah).

– Só se lembre de tomar uns ares de vez em quando – diz Leah, com um sorriso. – Você está arriscando meu posto de oradora, como bem sabe. Minha mãe não está gostando *nada* disso.

Gibs fica corado.

– Vocês dois estão me excluindo da disputa – comenta Kendall, com indignidade fingida.

– Anotado – diz Gibs, sorrindo tímido.

– Bem, é melhor a gente ir andando – diz Leah. – Tchauzinho. – As garotas vão até o balcão para fazer os pedidos.

Estreito o olhar.

– *Tchauzinho* – repito, imitando Leah.

Gibs ri.

– Leah não é tão ruim – diz ele.

– Leah é uma víbora – corrijo-o. Por que os rapazes nunca enxergam esse tipo de coisa? – Bem, voltando a Shannon... – digo com impaciência, molhando uma batata no ketchup. – Fiquei pensando se o terapeuta dela ainda está por essas bandas. Ela não o chamou pelo nome até agora. Ela se refere a ele como doutor Deadhead.

– Mesmo que esteja, ele não poderia falar sobre Shannon – diz Gibs. – Os médicos não podem discutir sobre seus pacientes.

– Shannon está morta – lembro-o.

– Não importa. Meus pais são médicos. A confidencialidade dos pacientes é sacrossanta.

– Uau! – digo brincando e pego mais uma batata. – Curvo-me diante da sua superioridade intelectual. Afinal, os seus pais *são médicos*.

Ele sorri e fica vermelho, depois, abaixa o olhar para a mesa.

– Não foi isso o que eu quis dizer.

– Quis sim. Você não passa de um esnobe.

Gibs fecha os olhos e balança a cabeça, com o rosto ardendo.

– Estou brincando, seu besta – digo-lhe. – Você é o antiesnobe.

Ele bebe o refrigerante, envergonhado demais para olhar para mim.

– Pensei que estávamos falando de Shannon – diz ele, por fim, depois de beber.

Dou uma risadinha.

– Você não consegue lidar com um mínimo de atenção?

Ele tamborila os dedos na mesa.

– Estou me sentindo meio desconfortável aqui, Summer.

– Jura? – Eu o avalio atentamente, apoiando o queixo na palma da mão. – Você é uma dicotomia interessante, Gibson Brown. Consegue se destacar em um milhão de modos diferentes, com essa sua inteligência extraordinária, no entanto, não consegue lidar com a mais simples das conversas casuais a seu respeito.

– Ah, mas sei lidar, sim – diz ele, brincando, finalmente olhando de relance na minha direção.

– Sabe mesmo? Vamos ver. Muito bem, Gibs, diga-me qual considera ser a sua melhor qualidade?

Ele sorri com travessura. Meu Deus, aquela covinha é a mais linda do mundo.

– Sou incrivelmente paciente com perguntas sem sentido – responde.

– E a sua pior característica?

Ele pensa um segundo.

– Mesmo fazendo as vontades dos meus amigos quando eles fazem perguntas sem sentido, secretamente estou planejando uma vingança.

Eu me inclino na direção dele.

– Interessante. E que tipo de vingança seria essa?

Ele estica o braço no ar.

– Algo deste tipo. – Ele aperta um pacotinho de ketchup pela metade em minha direção e me acerta no rosto.

Caio na risada.

– Ah, não... Você não fez isso! – Jogo pimenta na mão e a atiro no rosto dele.

Ele balança a mão na frente do rosto enquanto eu limpo o meu. As pessoas estão começando a olhar para nós enquanto gargalhamos.

– Você está fazendo uma cena – digo, fingindo indignação.

– Bem, você me obrigou a isso. – Ele sorri, relaxando no banco.

Ai, meu Deus, aquela covinha...

5 *Deadhead* é o nome dado aos fãs da banda de rock norte-americana The Grateful Dead. Na década de 1960, muitos fãs começaram a seguir a banda e a viajar para todos os cantos do mundo para ver seus shows. Para financiar as viagens, os *Deadheads* passaram a vender camisetas *tye-dye* e comidas vegetarianas. E, depois, eles começaram a se preocupar com questões como o lixo dos shows e outros engajamentos que os vincularam a uma temática ecológica. (N.T.)

Quatorze

Sexta-feira, 11 de junho de 1993.

Jamie Williams, apresento-lhe meu diário.

A letra passa da arredondada e caprichada de Shannon para uma inclinada e desleixada:

Olá, diário.

De volta para Shannon.

Jamie veio passar a noite comigo. Vovô e vovó jantaram com a gente hoje, portanto ela passou pelas costumeiras Vinte Perguntas enquanto tentava separar a cebola da carne assada. Continuando com o tema de perguntas e respostas, vou entrevistar Jamie agora:

P. Gostou da carne assada da minha mãe?

R. A cebola me deu nojo. Acho que sua mãe percebeu. Mais um motivo para ela me odiar, acho.

P. Ainda não aprendeu a puxar o saco da minha mãe?

R. Estou tentando. Ela me olhou feio quando entrei na sala de jantar com meu top justo e meu novo piercing na orelha não me fez ganhar nenhum ponto. Sem falar que senti uma vibração ruim quando seus avós me perguntaram o que eu pretendia fazer depois da formatura e respondi que nada. Será que sua mãe não tem espírito esportivo?

P. A questão é que você não estava fazendo piada.

R. Tanto faz.

P. Falando em vibração ruim, você ainda odeia o Chris?

R. Pela enésima vez: EU NÃO ODEIO O CHRIS!!! Eu só não acho que ele seja bom o bastante para você. Caramba... eu me arrependo de ter falado sobre a Tiffany.

P. Ele já me contou tudo sobre a Tiffany. Ele não a estava paquerando na festa. Ele estava ajudando a encontrar as lentes de contato. Pela enésima vez: TIRE A MENTE DA SARJETA!!!

R. Isso não foi uma pergunta.

P. Ok, aqui vai uma, então: Você aceita o fato de que Chris estava ajudando Tiffany a procurar as lentes de contato na festa?

R. Se considerarmos que as lentes tenham caído dentro da blusa dela e que eles tiveram de apagar a luz para procurá-las. Outro assunto, por favooooorrrr!

P. Tem certeza de que isso não é só ciúme seu porque, pela primeira vez, eu tenho um namorado e você não?

R. Você sempre adorou certificados, portanto, hoje à noite, eu lhe concedo o troféu da Mais Convencida.

P. “Convencida”. E, não, não sou, não. Só quero que a minha melhor amiga fique feliz por mim, por eu finalmente saber o que é estar apaixonada. Ah, desculpe-me. Essa não foi uma pergunta. Que tal assim: Você pode ficar feliz por mim? Por eu finalmente estar apaixonada?

R. Assim que eu terminar de vomitar, vou ficar feliz por você.

P. Você vai ser a minha madrinha de casamento?

R. Desde que Tiffany não seja a outra. Ou que, pelo menos, você insista para ela usar óculos no casamento. Nós não queremos um caso de perda de lentes de contato durante a cerimônia, queremos? E, falando em casamento, a sua mãe sabe que você está pensando em trocar Harvard pela “pague uma, ganhe outra” matrícula na Faculdade Comunitária dos Mortos?

P. *Ei, sou eu quem faz as perguntas aqui. E a Morton é uma faculdade muito boa.*

R. *Muito boa se quiser viver de lixar as unhas dos outros. E, a propósito, você não está captando muito bem essa coisa de perguntas e respostas.*

P. *Aqui vai uma pergunta: Pronta para largar o diário?*

R. *Claro que sim. Não escrevo tanto assim desde o segundo ano, nas aulas de Inglês. E estou morrendo de vontade de fumar um baseado, portanto, deixe pronto o desodorizador de ar. Tchau, diário.*

Ouçõ o canto dos grilos do lado de fora e aperto a capa do diário. Tenho de acordar cedo no dia seguinte para trabalhar, mas, apesar de sentir os olhos pesados, não consigo deixar o diário de lado.

Há dezoito anos, Jamie, a amiga de Shannon, estava dormindo na *minha* casa, no fim do corredor. Antes, elas jantaram na *minha* sala, com *meus* pais e avós, e, depois, elas subiram e escreveram no diário que estou segurando agora. E fumando maconha! Durante todo esse tempo pensei que *eu* fosse a rebelde da família. Não consigo deixar de ficar irritada. “Sou rebelde, Shannon, mas não sou idiota. Por que tem de ser tão maria vai com as outras? A sua fasezinha não podia ser um pouquinho menos clichê?”

Contudo, respiro fundo ao me lembrar da anotação que me atormenta desde a primeira vez em que abri o diário: “Quero me matar”.

Debaixo de todo esse ar de desafio, Shannon estava sofrendo de verdade.

Continuo a ler:

Sábado, 12 de junho de 1993.

Tudo bem, eu meio que confesso que esse caso do Chris ajudar a Tiffany a procurar as lentes de contato estava me incomodando mais do que eu queria admitir, por isso pedi a ele que me encontrasse no parque hoje à noite. Eu disse à minha oficial de condicional (também conhecida como mamãe) que precisava ir à farmácia para

comprar absorventes, com isso, consegui um tempinho longe da Casa Grande.

Cheguei ao parque e, assim que vi o Chris no balanço sob a luz do luar, comecei a chorar. Brega, eu sei. Mas o que posso dizer? Ele surte esse efeito em mim.

Chorei as pitangas ao dizer que confiava totalmente nele, mas que continuava ouvindo esses boatos sobre ele e Tiffany, e que eu simplesmente não sabia o que fazer. Ele me abraçou por um tempão... Só nós dois sentados no balanço do parque deserto.

O que ele me disse fez muito sentido. Primeiro, leve em consideração a fonte. Sim, eu ouvi os boatos de muitas pessoas, mas a maioria delas tinha ouvido primeiro de Jamie. E Chris está certo, Jamie está morrendo de ciúme de mim. Ela é uma grande amiga, mas não acho que aceite meu relacionamento com ele, ainda mais pelo fato de estar sozinha no momento. Essa foi uma completa mudança de papéis entre nós, e acho que ela não está sabendo lidar com isso. Portanto, não a culpo (inteiramente) por espalhar fofocas, mas não posso permitir que o ciúme dela interfira na melhor coisa que já me aconteceu.

Então, o que foi que eu aprendi?

- Devo confiar no Chris. Ele jamais me magoaria. Vamos passar o resto da nossa vida juntos, demonstrando nosso amor um para o outro. Repita depois de mim: CHRIS NÃO É O PAPAI.
- Não devo confiar em Jamie. Pelo menos não totalmente.
- Namorar no balanço enferrujado debaixo das estrelas é a coisa mais romântica do mundo.

Lembrete: se a sua desculpa para sair de casa é uma corrida emergencial para comprar absorventes, não volte para casa de mãos vazias.

Sim, você adivinhou: a minha bedel (também conhecida como mamãe) me esperava na porta de casa quando voltei do parque. Ela estava com aquela expressão de George Washington estampada no rosto, com os lábios esticados numa linha firme. Fiz que não era

comigo e disse que quando percebi que o tanque estava quase vazio, parei no posto e gastei meus últimos dez dólares em combustível, em vez de comprar absorventes.

“Então, o que você fará sem absorventes?”, ela perguntou.

“Bem, por sorte eu encontrei a Eve no posto e ela me emprestou alguns que tinha na bolsa.”

“Poderia me mostrar esses absorventes?”, perguntou mamãe.

Graças a Deus, eu tinha uns dois no fundo da bolsa.

Contudo, nessa hora, mamãe me mostrou dois pacotes cheinhos de absorventes que ela encontrou debaixo da pia.

“Acho que não os vi”, respondi.

“Mas eles estavam no mesmo lugar de sempre, como é que não os viu?”, perguntou mamãe.

Porque, MEU DEUS DO CÉU, VOCÊ ESTÁ SEMPRE NO MEU PÉ! NÃO POSSO TER UM SEGUNDO DE PAZ SEM SER TRATADA COMO UMA SERIAL KILLER NO CORREDOR DA MORTE?

Ou algo mais ou menos assim. Logo imaginei que mamãe fosse continuar discutindo, ou me passando sermões, ou começasse a se lamentar sobre como minha vida estava fadada ao fracasso, ela, porém, não fez nada disso. Ela só ficou triste e foi se deitar.

O que significa que me dei bem, certo?

Então, por que estou chorando?

Meu Deus, mamãe ainda consegue me fazer sentir culpa. Por quê? Será que dezessete anos e meio de perfeição não bastaram para ela? Não posso me dar ao direito de uma mentirinha aqui e acolá? Tudo bem, elas não estão tão ocasionais hoje em dia, mas talvez eu esteja compensando pelo tempo perdido. Até parece que, quanto mais eu acerto, mais ela quer que eu melhore: “Um A no seu boletim? Mas, no semestre passado, você tirou A+! O que há de errado com você?!?”. Ou: “Segunda colocada no concurso de Miss Espiga de Milho dos Estados Unidos? Ai, que horror! Vamos começar a treinar

IMEDIATAMENTE para o próximo concurso! Acorde para a vida, Shannon! Nada além da perfeição absoluta serve para mim!”.

E EU estou me sentindo culpada agora? Mamãe nunca me disse: “Puxa, meu bem, venho sendo muito dura com você, e só quero que saiba que, com ou sem troféus, com ou sem premiações, eu a considero perfeita do jeito que você é”.

De verdade, eu daria meu braço direito para ouvi-la dizer isso.

Mas jamais vou ouvir. Talvez mamãe é quem tenha de sentir culpa.

Fecho o diário e me afundo no colchão, deitada de lado, fitando o vazio. Minha cabeça rodopia com todas as informações que Shannon despejou em mim. Eu queria muito que ela tivesse descoberto cedo, como eu, que não há como agradar mamãe, por isso é melhor nem entrar no jogo. Não participar de concursos de misses equivale a nenhum desapontamento.

No entanto, acabo me retraindo um pouco. Deus bem sabe que nunca fui a rainha da beleza, mas talvez não tenha entrado em alguns jogos que eu até poderia ter apreciado... ou nos quais eu poderia ter me sobressaído. Quem tem razão? Shannon, por dançar sapateado para mamãe por tanto tempo e com tanto empenho, ou eu, ao me recusar a calçar os sapatos?

Por mais perturbadores que esses pensamentos possam ser, minha mente continua voltando para outra coisa que ela escreveu:

Repita depois de mim: CHRIS NÃO É O PAPAI.

Puxo a colcha até o queixo. Não consigo chegar a nenhuma conclusão, mas também não consigo deixar esse pensamento de lado.

Então, quem era ela, pai? Quem era a outra mulher?

Embora eu não ache que queira saber, começo a perceber que talvez eu não tenha alternativa. Shannon quer me contar.

Quinze

— Meu pai traiu a minha mãe?

Eu tinha planejado entrar na conversa com calma, mas não foi assim que aconteceu.

O rosto de tia Nicole fica pálido. Lá está ela, inocentemente abrindo a floricultura na manhã ensolarada de segunda-feira, com seu avental branco preso com um laço na cintura, e eu lhe pergunto se meu pai teve um caso antes mesmo de ela poder dizer olá.

— Bem, bom dia para você também, Summer. — Ela respira fundo, segura a porta aberta e gesticula para que eu entre.

— Desculpe — digo. — Não tive a intenção de assustá-la. Eu só... não sei... preciso saber, e não é algo que eu possa perguntar aos meus pais.

Tia Nicole vira a placa de FECHADO para ABERTO e fecha a porta. O sino toca.

Ela inclina a cabeça na direção do fundo da loja, e eu a sigo até o sofazinho xadrez da oficina.

— Sente-se — diz, mordiscando o lábio inferior quando nos sentamos no sofá. — Eu sabia que não deveria ter lhe dado o diário — ela diz, num tom cansado, jogando a cabeça para trás para olhar para o teto.

— É verdade. Ele teve um caso — digo, de modo prático, já tendo certeza. É quase um alívio, é como ter o diagnóstico que confirma uma doença horrível, mas que, ao menos, lhe dá a satisfação de explicar completamente os sintomas.

– Não vou ter essa conversa com você. – Tia Nicole geme, cobrindo o rosto com as mãos.

– Foi só um caso à toa? Ou foi sério? Quanto tempo durou? Mamãe ficou sabendo? E foi só uma vez, certo? – Ai, meu Deus, talvez não.

Tia Nicole esfrega a ponta do nariz com os olhos apertados.

– Veja bem – diz –, você não precisa saber disso. Você não deveria. Os filhos não têm de saber tudo a respeito dos pais. De verdade, Summer, se eu desconfiasse que Shannon tinha escrito sobre isso, eu jamais teria... – Ela abre os olhos e me fita com atenção. – No entanto, prefiro que conheça todos os fatos, em vez de ficar imaginando coisas por meio de alguns detalhes. – Ela fica melancólica. – Essa Shannon... – diz, de modo sonhador. – Nos faz andar nas pontas dos pés ainda hoje...

– O caso – insisto.

Tia Nicole abre a boca para falar, volta a fechá-la, depois abre de novo e diz:

– Seu pai é um bom homem.

– Prossiga – digo, seca.

– É engraçado – ela continua tocando o queixo com o indicador –, seus pais são muito diferentes; sua mãe é tão assertiva e cheia de opinião, seu pai, tão calado. Algumas pessoas acharam que eles eram diferentes demais para combinar, mas sempre o considerei ideal para a sua mãe. Ele a acalmava.

Faço um gesto com a mão para que ela siga adiante.

– Certo. De qualquer forma... seu pai é o tipo de pessoa que todos deduzem que é feliz porque nunca reclama. – Seu olhar se crava no meu. – E tenho certeza de que ele é feliz, na maior parte do tempo. Ele é um homem simples. Contanto que a família esteja feliz, ele é feliz.

– Ainda mais quando tem um caso – observo, desejando que meu tom neutro possa aplacar a turbulência no meu estômago.

Tia Nicole balança a cabeça.

– Não foi assim. Ele não é do tipo de homem que tem casos. Ela se jogou para cima dele.

Engulo em seco.

– Ela quem?

Tia Nicole cora e esfrega as mãos.

– Ela era a secretária da igreja. Seus pais costumavam frequentar a igreja naquela época. Todos íamos à missa aos domingos: tio Matt e eu, a sua família e vovô e vovó. Depois, alternávamos as casas para almoçarmos. Seu pai sempre voltava para a igreja após o almoço para contar o dinheiro da coleta. Ele fazia isso há anos, não era nada demais, até essa... “essazinha” se mudar para a cidade e conseguir emprego como secretária da igreja.

– Quem era ela? – pergunto, aproximando-me mais.

Tia Nicole dispensa a pergunta com a mão, como se a identidade da mulher fosse tão irrelevante quanto o montante conseguido na hora da oferenda.

– Não me lembro mesmo do nome dela. Donna, talvez? Ou Dana? Tanto faz. Só durou uns dois meses, depois, ela sumiu tão rápido quanto chegou à cidade.

– Como Shannon descobriu? – pergunto.

A mão de tia Nicole remexe na frente da boca. Ela olha para o colo.

– Ela os flagrou, querida.

Arquejo.

– Eles só estavam se beijando – acrescenta rapidamente tia Nicole.

– Eles podem não ter feito nada além disso, mas Shannon ficou arrasada. Nós estávamos terminando a sobremesa na minha casa quando a sua mãe percebeu que ele tinha esquecido os óculos, por isso, Shannon os levou à residência paroquial. Ela voltou depois de meia hora, pálida como um fantasma.

– Ela contou para mamãe? – pergunto, com voz trêmula.

Tia Nicole meneia a cabeça.

– Não. Shannon não disse nada durante vários dias, nem mesmo para mim. Mas foi apenas uma questão de tempo até que a

congregação inteira comentasse. A residência paroquial estava trancada quando Shannon chegou lá; uma senhora do comitê de jardinagem estava lá plantando azaleias e a deixou entrar com a sua chave. As duas, Shannon e a mulher das azaleias, entraram juntas e...

Nós duas ficamos olhando para as mãos. Odeio papai nesse instante.

– A mulher das azaleias logo espalhou para todo mundo, e, em duas semanas, sua mãe acabou sabendo – diz tia Nicole. – Shannon já tinha me contado àquela altura. Ela havia percebido que a fofoca estava correndo solta e queria saber como poderia proteger sua mãe.

– Pensei que fossem os pais que deveriam proteger os filhos – murmuro.

Os olhos de tia Nicole se enchem de tristeza.

– Eu sei, querida. Foi horrível.

Suspiro.

– Já sei como essa história termina.

As sobrancelhas dela se unem.

– Como assim?

– Conheço meus pais. Conheço mamãe. Imagino que, mesmo enquanto toda a congregação comentava a respeito, ela estava se ocupando com a próxima limpeza de primavera e fingindo que nada tinha acontecido. Ela, provavelmente, ligou no trabalho para papai quando descobriu e o lembrou de levar um litro de leite no caminho de casa.

Tia Nic cobriu a boca de leve com a mão para abafar um sorriso.

– O que foi? – pergunto.

Ela pesa as palavras por um instante antes de dizer:

– Não acho que você conheça sua mãe tanto quanto pensa.

Recosto-me no sofá.

– A primeira coisa que ela fez – diz tia Nic – foi expulsar seu pai de casa.

Suspiro de leve, basicamente porque não consigo imaginar meu pai sem minha mãe. Claro que eles conseguem passar dias sem trocar

mais do que algumas frases, mas eles vivem numa espécie de simbiose. Sei que mamãe fica bem sozinha, mas papai? Ele seria como uma planta sem oxigênio.

– Para onde ele foi? – pergunto.

Tia Nic olha para o vazio, tentando recuperar essa lembrança da mente.

– Para o seu tio Phil, talvez? No começo, ele foi para um hotelzinho, mas ficou só por alguns dias. Depois, ele se mudou para a casa do irmão.

– Em *Charlotte*? – pergunto. – Isso fica a duas horas daqui.

Ela concorda.

– Ele viajava todos os dias. Ele disse para sua mãe que não queria gastar dinheiro com acomodação, pois desejava que cada centavo do seu contracheque fosse para ela e para Shannon. Ele ficou muito envergonhado.

– Não consigo imaginar papai sem mamãe – digo.

Tia Nic concorda.

– Foi de dar dó. Por mais que estivéssemos bravos com ele, não conseguimos deixar de sentir pena. Ele estava... simplesmente perdido sem a família dele.

Distraída, pego uma flor da mesa de trabalho e acaricio a pétala sedosa.

– Então, quando foi que ele se mudou de volta? – pergunto.

Tia Nic pensa um pouco.

– Cerca de um mês depois. Isso mesmo... não acho que sua mãe tivesse pretendido expulsá-lo de vez. Ela só queria dar-lhe uma lição. – Seu olhar se desvia. – Deus, ela ficou tão arrasada por ele ter feito Shannon passar por isso.

Engulo em seco. Pobre Shannon. Não era de admirar que ela tivesse mudado tanto naquele verão. Ela deve ter se sentido confusa, imaginando se sua vida inteira não passou de uma mentira. Lá estava ela almejando uma perfeição imposta, mas as pessoas em quem ela confiava não passavam de uma fraude.

Meu olhar crava no de tia Nic de novo.

– Mamãe chegou a confrontar a vagabunda?

Ela ri, nervosa.

– Hummm... Sim.

– O que aconteceu? – insisto.

Tia Nic muda de posição e cruza os braços.

– Sua mãe queria procurá-la na igreja, mas o padre a convenceu do contrário. Ele disse que a mulher havia pedido demissão e que estava para deixar a cidade, e que Susanne deveria deixar as coisas como estavam, porque sua mãe tinha classe demais para se rebaixar a tanto.

– Mas...? – dou a deixa.

Os olhos de tia Nic reluzem.

– Mas sua mãe e eu nos deparamos com ela no supermercado. Eu a vi primeiro. Tentei distrair sua mãe, puxando-a para outro corredor, porém ela viu um vislumbre do ericado permanente laranja pelo canto do olho. Em seguida, partindo em linha reta e fria como o gelo, sua mãe pega uma laranja e se aproxima da... bem, da vagabunda. Eu me aproximei o bastante para ouvi-la ameaçar encaixar a tal laranja em determinado orifício se a mulher mexesse com a família dela de novo.

Ela ri, mas eu estou atônita demais para acompanhá-la.

– Meu Deus, que ridículo... – gemo.

Tia Nic concorda, ainda rindo de leve.

– Não se mexe com a família de Susanne – diz, olhando-me atentamente. – E isso vale para você também, sabe. Não há nada que ela não faça por você, ninguém de quem ela não a proteja.

Estreito meu olhar.

– Então, quer dizer que a minha teoria de varrer tudo para debaixo do tapete...

Tia Nic sorri e bagunça uma mecha do meu cabelo.

– É, errou feio, meu bem.

Sorrio e puxo uma pétala da rosa.

– Eu meio que gosto desse lado da mamãe.

Dezesseis

Quando chego da floricultura naquela tarde, papai está na sala, verificando no computador a classificação do campeonato de golfe. Um jogo de beisebol está passando na TV.

– Oi, meu bem – diz ele, sem se virar.

Olho para a parte de trás da sua cabeça, onde fios grisalhos se misturam ao loiro escuro. Ele ainda tem boa parte dos cabelos que, no entanto, estão rareando. Apesar disso, ainda se parece com a figura que sempre imaginei que um super-herói teria debaixo da máscara.

Ele parecia um super-herói. Lembro-me de uma vez, quando eu era pequena, em que eu estava no banco da frente do carro e a porta do passageiro se abriu, de repente, enquanto papai dirigia a noventa quilômetros por hora na interestadual. Nem tive chance de gritar antes de ele esticar o braço na frente do meu peito e pegar a maçaneta da porta com a ponta dos dedos, puxando-a até que se fechasse. Ele não disse nada – só continuou dirigindo –, mas eu me senti segura. O heroísmo de papai foi tão sem esforço que nem pedia comentários.

Embora papai e eu nunca tenhamos sido de abrir o coração um para o outro, é ele quem me lança olhares de simpatia quando mamãe começa a reclamar. Ele também põe surpresinhas – um pacotinho de chiclete, ou um tubo de *gloss* – em lugares esquisitos, como numa das minhas meias da gaveta, mas onde ele sabe que, no fim, vou encontrar. Certa vez, na escola, andei o dia inteiro sentindo como se o agasalho

estivesse me enforcando até descobrir que papai tinha posto uma maçã dentro do capuz quando se despedira de mim de manhã com um beijo. Ele nunca fala sobre essa mania; apenas continua fazendo e, depois, fica com os olhos brilhando quando percebe que eu notei.

Acomodo-me na poltrona reclinável, girando em sua direção. Seus olhos continuam grudados na tela do computador por alguns instantes, mas acho que deve ser difícil alguém se concentrar quando é observado, por isso, ele logo se vira para mim.

– Oi – digo.

Ele acena e diz:

– Oi.

– Pode me contar uma coisa? – pergunto.

– Claro.

– Conte-me alguma coisa sobre Shannon.

Seus olhos verdes se enrugam nos cantos.

– Alguma coisa sobre Shannon...

– É isso. Algo que eu ainda não saiba.

Para o meu assombro, ele não tenta ganhar tempo. Em vez disso, olha para cima, cutuca o queixo e diz:

– Hummm... Algo que você ainda não saiba...

– É – repito.

Ele sorri.

– Eu costumava chamá-la de Algazarra.

Sorrio, para esconder uma pontada de inveja. Papai nunca me deu um apelido.

– De onde isso surgiu? – pergunto, tentando parecer jovial.

Ele balança a cabeça, sorrindo ainda.

– Quem vai se lembrar? Lembro-me de tê-la perdido um dia no parque; bem, *pensei* que a tivesse perdido, porém ela só estava se escondendo; e eu ia de um lado para o outro chamando: “Shannon! Shannon!”. Até que eu gritei: “Algazarra!”. A cabeça dela despontou de trás de uma árvore, e ela disse: “Era esse o nome que eu estava esperando ouvir!”. Nós rimos a valer.

– Ela costumava me fazer brincar de Barbie – continua ele, com o olhar suave. – Tinha uma espécie de diálogo ensaiado na cabeça e se frustrava quando eu não seguia o roteiro. Ela dizia: “Aonde vamos hoje, Ken?”, e eu respondia: “Ao cinema?”. Ela sussurrava: “Ao shopping”. Como se Barbie e Ken não deveriam ouvir as instruções do diretor. E, então, eu dizia: “O shopping me parece uma boa ideia”.

Dessa vez, meu sorriso era genuíno. Papai parece dez anos mais jovem.

– Você e Shannon iam ao shopping juntos?

Ele franze o nariz.

– Eu não era muito de fazer compras. Era algo que ela e a sua mãe faziam juntas, como você e sua mãe fazem... Bem, como você e ela *fariam*, se você gostasse de fazer compras. Acho que você puxou a mim, nesse ponto.

Inclino-me para me aproximar, apoiando o queixo na mão.

– No que Shannon se parecia com você?

Ele olha através de mim.

– Em absolutamente nada. Ela era tudo o que eu não era: alegre, extrovertida, esperta, talentosa... – Ele pigarreia. – Claro que você também é tudo isso – diz ele.

Minhas costas se arqueiam e eu cruzo os braços diante do peito.

– Não precisa dizer isso – Meu tom é mais gélido do que eu pretendia que fosse. Ai, meu Deus, até pareço mamãe.

Papai fita os dedos. *Droga*. Eu tinha conseguido que ele se abrisse de verdade e, agora, ele está se fechando.

– Alguém quer comida chinesa?

Papai e eu, assustados, levantamos a cabeça. Mamãe tinha acabado de entrar na sala toda esvoaçante, sem que notássemos.

– Comprei *moo goo gai pan* na saída do trabalho – disse, dando uma olhada na correspondência. – Está lá na cozinha.

Papai me lança um olhar de desculpas. Ele sabe que quero continuar a conversar, mas está aliviado demais por não ser obrigado a isso.

Mamãe ergue o olhar da correspondência e avalia meu jeans e minha camiseta.

– Foi trabalhar desse jeito? – pergunta, curvando os lábios.

– Ela está bem assim – diz papai, surpreendendo tanto a mamãe quanto a mim.

Mamãe levanta uma sobrancelha em direção a ele, depois volta sua atenção para mim.

– Conversei com a senhora Beacham hoje.

– Hummm.

– A sua orientadora – esclarece mamãe.

Não digo nada, mas imagino que minha expressão seja de “e daí?”, porque mamãe logo replica:

– Não quero essa postura comigo, mocinha.

Refreio a vontade de revirar os olhos enquanto ela faz uma pausa dramática para eu absorver suas palavras.

– Como eu dizia – por fim, ela continua –, telefonei para ela porque recebi a sua nota do SAT⁶ no meu e-mail.

Franzo a testa.

– No *seu* e-mail?

– Sim, no meu e-mail, Summer. O teste é *meu*, afinal, fui eu quem paguei por ele.

– Bem, como você se saiu?

Até papai riu dessa, mas o olhar gélido de mamãe o conteve.

– Na verdade, você se saiu muito bem – diz mamãe, mas seu tom é acusatório. – Acertou setenta por cento na média nacional em Matemática, e você sempre reclama que essa é a sua pior matéria. E noventa e quatro por cento na média nacional na parte de interpretação. Noventa e quatro por cento, Summer!

Papai e eu trocamos olhares confusos.

– Isso é bom, não é? – pergunto, com cautela.

– Sim, é bom! – replica mamãe.

Tudo bem. Agora estou confusa de verdade.

– É mais do que bom, Summer. É excepcional. Você é muito inteligente. Entende?

Ah! Começo a entender.

– Portanto, não há mais desculpas para essa mocinha que acerta noventa e quatro por cento na média nacional passar raspando na escola com uma média geral C!

Papai tecla o computador, meio que à toa.

– Não vamos discutir as notas de Summer agora – diz ele, baixinho.
– Vamos apreciar o fato de ela ter se saído bem no SAT.

– Jamais vou entender – continua mamãe, sua voz ribombando – como a mediocridade se tornou um padrão aceitável para você, Summer!

– Susanne... – intervém papai, com suavidade.

– Porque não é aceitável para mim! Não é aceitável para o seu pai! Certamente não é aceitável para as universidades às quais concorrerá para uma vaga no próximo outono! Entende isso, Summer? Não vê como está estreitando suas opções? Você tem inteligência para frequentar uma universidade de primeira linha, no entanto, a sua preguiça a está fadando a... a... estremeço só de pensar em quais universidades a aceitarão com a sua média geral. Talvez a *Faculdade Comunitária de Morton*?

Mesmo no meio da irritação provocada pelo ataque verbal de mamãe, a ironia da situação não me passa despercebida. No verão anterior ao último ano escolar de Shannon, ela estava riscando Harvard do seu futuro e acrescentando a Faculdade Comunal de Morton só para ficar perto do Chris. Ah, se ao menos mamãe soubesse disso...

– E com todo o seu potencial...

Enquanto mamãe continua, percebo que papai está saindo imperceptivelmente da cadeira e seguindo para a cozinha. Está na hora do jantar.

Mamãe nem percebe. Ela continua reclamando.

Penso na secretária da igreja. Odeio papai por ter tido um caso, mas não posso deixar de pensar como deve ter sido bom para ele não se

sentir invisível, só para variar.

6 SAT – Scholastic Assessment Test. Exame padronizado nos Estados Unidos aplicado a estudantes do ensino médio, que serve de critério para admissão nas universidades norte-americanas, semelhante ao ENEM. (N.T.)

Dezessete

*D*omingo, 13 de junho de 1993.

Eve me ligou hoje à noite depois do jantar. Ela disse que a minha mãe tinha ligado para a dela para dizer quanto ela ficou contente por termos nos encontrado no posto de gasolina ontem à noite. Eve, porém, ficou em casa a noite inteira, assistindo a um filme com a mãe e a irmã.

Eve se desculpou por ter acabado com meu álibi, mas eu disse que estava tudo bem. Mamãe não tinha acreditado em mim mesmo. Aí Eve quis saber por que eu precisei de uma desculpa para sair, e ficou calada quando contei que tinha saído para me encontrar com o Chris no parque.

Senti vontade de gritar: “Pare de me julgar, Evie!”.

Nossa amizade praticamente acabou desde o baile da primavera. Eve ficou pasma – repito: PASMA! – quando Chris me convidou. “Vocês não têm nada em comum!”, ela me disse. Como se não fizesse nenhum sentido um cara tão legal e bonito como o Chris um dia se interessar por mim. Obrigada, “amiga”.

Ela não havia sido convidada, por isso, pedi que me ajudasse a fazer o cabelo e as unhas antes que o Chris viesse me pegar. Eu não queria esfregar na cara dela que ela não tinha com quem sair. Pensei que com isso ela fosse se sentir incluída. Bem... no fim, ela me deu o bolo, e as coisas ficaram estranhas depois disso. Comecei a

me sentar ao lado de Jamie no refeitório, enquanto Eve continuava se sentando na nossa antiga mesa, lendo um livro. Mas digo a mim mesma que isso não é nada demais. Só porque alguém é sua melhor amiga por tantos anos não significa que ela tem de continuar a ser a sua melhor amiga pelo resto da vida, ainda mais quando ela não consegue ficar feliz por você durante a época mais excitante da sua vida. E Jamie é tão divertida! Ela nunca faz com que eu me sinta julgada.

Mas...

Não sei. Só foi muito bom ouvir a voz de Evie quando ela ligou.

Deixo o diário de lado, pego o celular da mesinha de cabeceira e ligo para o Gibs.

– Já sei o segredo do meu pai – digo, assim que ele atende.

Ele fica quieto.

– É verdade – digo, aborrecida. – É o que você acha que é. Meu Deus, os homens são tão previsíveis!

Gibs continua em silêncio.

– Um caso – esclareço.

– Ah! – diz ele. – Sinto muito.

– Shannon os flagrou. Ele estava tendo um caso com a secretária da igreja. Meu Deus, que breguice! E Shannon os flagrou se beijando na casa paroquial.

– Puxa – diz Gibs, com suavidade. – Mas... você me parece bem. Você *está* bem?

Inesperadamente, meus olhos ficam marejados, mas pisco para não chorar.

– É. Não foi nada.

– Deve ter sido duro para Shannon – comenta Gibs.

Faço que sim.

– Acho que bagunçou a cabeça dela. Sei que todos pensavam que ela era madura, mas, Gibs, ela era tão ingênua. Dá para perceber isso pelo que ela escreveu. Era como se ela vivesse numa bolha e, quando

papai a estourou, ela passou de um extremo a outro. – De comportadinha a mau elemento num piscar de olhos. Mas era só encenação. Ela estava tão triste e confusa. – *Quero me matar.* – Isso me faz ficar furiosa com a minha mãe – acrescento.

– Com a sua mãe? – pergunta Gibs. – Por que com ela?

– Não sei... no começo, por causa do caso, fiquei do lado dela, ainda mais depois que a tia Nic me contou que ela deu uma de ninja quando viu a outra no supermercado.

– *O quê?*

– Algo a ver com uma laranja em determinado orifício. Bem, ela deu uma de mãe urso, sabe, pronta para atacar qualquer um só para proteger a família. Isso foi bem legal. Mas...

– Mas o quê?

Dou de ombros.

– Ela destrata o meu pai. Ela é mandona e maldosa. Nunca presta atenção nele.

– Talvez ela prestasse bastante atenção até ser traída – pondera Gibs.

Abro a boca para responder, mas nada sai.

– Quer dizer que os seus pais sabem que você sabe? – pergunta Gibs.

Franzo o nariz.

– *O quê?*

– Seus pais. Eles sabem que você sabe sobre o caso do seu pai?

Dou uma gargalhada.

– Deus meu, claro que não!

– Por que seria tão estranho eles saberem? Quero dizer, Shannon sabia, não é?

– Mas isso não significa que alguém *toque* no assunto – respondo. – Shannon disse isso mesmo no diário, que meus pais nunca falam sobre as coisas importantes.

– Mas é você quem não quer falar – diz Gibs.

Estalo a língua, com impaciência.

– Você seria capaz de falar sobre algo assim com seus pais?

– Não sei – reflete Gibs. – Sei que o meu pai engravidou uma moça na faculdade de Medicina. E nós falamos sobre isso.

Fico sem ar.

– Verdade? O que aconteceu com a garota?

Gibs dá uma risada.

– Ela se tornou a minha mãe. Eu era o bebê.

Sorriso, apesar de tudo. Só vi os pais de Gibs de passagem, mas quem haveria de imaginar aquilo?

– Mas, e daí? – pondero. – Acabou tudo bem.

– Mas o caso do seu pai também terminou bem. Quero dizer, os seus pais continuam casados.

O que fazia sentido, certo? Eles *ainda estão* casados.

Contudo, isso não me parecia uma situação bem-sucedida.

Dezoito

*S*egunda-feira, 14 de junho de 1993.

Quando me encontrei com o doutor Deadhead na segunda-feira passada, enchi a orelha dele sobre quanto mamãe é controladora e papai é um hipócrita, mas ele não queria falar sobre essas coisas hoje. (E eu tinha tanta coisa para falar!)

Ele me perguntou sobre os meus amigos. Eu contei como Eve e eu nos distanciamos, e como Jamie e eu nos aproximamos. Ele fez aquela coisa dos terapeutas de conseguir informações sem perguntar muita coisa, e eu nem sei como, mas contei tantas coisas que ele não parou de fazer anotações.

Sei que ele pensa a mesma coisa que mamãe: Eve é a senhorita perfeição, Jamie é só confusão, blá-blá-blá. ODEIO o modo como os adultos colocam as pessoas em compartimentos rotulados: bom, ruim, inteligente, idiota, certo, errado. Passei boa parte da minha vida acreditando nisso. Contudo, dei uma oportunidade para a senhorita Errada e descobri que ela é bem divertida. E a senhorita Certa começou a me parecer julgadora demais.

Portanto, doutor Deadhead, por que estou errada em conceder o benefício da dúvida às pessoas?

Ele respondeu que não achava que eu estivesse errada, mas que talvez eu fosse um tanto ingênua.

Ingênua, porém, eu COSTUMAVA ser. Eu era ingênua quando achava que mamãe jamais poderia errar, que papai jamais cometeria um deslize. O doutor Deadhead perguntou se eu poderia dizer essas coisas para mamãe; ele quis chamá-la na sala de espera. Eu concordei, no entanto, quando ela se juntou a nós, eu me calei. Ela parecia tão tensa, tão esperançosa, como se estivesse pagando um tanto ao doutor Deadhead e lá estava ela para receber pelo que pagou. “Minha filha ficou duas horas com você; mostre-me que enfiou um pouco de juízo na cabeça dela. Convença-me de que a tornou perfeita novamente.”

Comecei a suar. Eu não conseguia falar com ela. Não conseguia nem olhar para ela. Em vez disso, comecei a chorar.

Apoiei o diário sobre o peito, deitada na cama enquanto ouvia mamãe falando ao telefone do quarto dela. Lá estava ela, fazendo seu showzinho para algum infeliz comprador de casa novato. Só pego uma parte da conversa, mas já a ouvi tantas vezes que sei como funciona.

– Ah, ela é perfeita para vocês! – ela diz, de modo jovial. – Simplesmente adorável! Sabe que quando nos casamos, meu marido e eu não tínhamos muitos recursos, mas tivemos a sorte de encontrar um pequeno bangalô em bom estado e vou lhe dizer uma coisa, foi o lugar mais charmoso em que morei! Ah, como eu me divertia fazendo as cortinas e colocando jardineiras nas janelas! E esse lugar me lembra muito aquele bangalô.

Mamãe é muito boa em seu trabalho. Ela vende muitas casas, umas muito elegantes, além dos “bangalôs em bom estado” (ou seja, “casebres”). Ela não se importa se está vendendo um imóvel no valor de um milhão de dólares ou apenas uma fração disso. Ela vê o potencial de tudo e ajuda as pessoas a enxergarem também. Preciso dar a mão à palmatória.

Não que seu sucesso seja algum segredo. Seu rosto está em dúzias de outdoors espalhados pela cidade (*Susanne Stetson tem a CHAVE para a sua FELICIDADE!*) e meia dúzia de troféus de “Corretora do Ano”

se alinham na prateleira sobre a lareira. Ela costumava me arrastar para a inauguração da venda de casas, e eu me maravilhava pela duração dos seus sorrisos falsos.

Ouço-a desligar o telefone e começar outra conversa.

– Já pedi mais de mil vezes para não deixar roupas molhadas na secadora – diz ela para papai, em um tom áspero. – Elas ficam com cheiro ruim.

Silêncio.

– Você me ouviu, Randall? Isto é importante!

Mais silêncio.

Reviro os olhos. Quantas dessas conversas Shannon escutou? Aposto como mamãe também fazia a cabeça dela girar, com toda aquela conversa animada e os sorrisos falsos para o mundo exterior, e toda a reclamação reservada para papai.

Pego o diário e leio mais uma passagem.

Quarta-feira, 16 de junho de 1993.

Que rufem os tambores, por favor.

SALVEI UMA VIDA HOJE!

E no meu primeiro dia como salva-vidas!

Eu tinha acabado de chegar à piscina e já no estacionamento percebi que alguma coisa estava errada. Ouvi gritos, então, comecei a correr. Depois que passei pelo portão, vi pessoas agrupadas perto da piscina infantil. Mary Ellen, a salva-vidas do turno anterior ao meu, estava de pé na piscina tentando puxar alguma coisa para fora da água. Muitas pessoas estavam chorando e alguém gritou para mim: “Ela está presa!”.

Foi aí que percebi o que estava acontecendo. O cabelo de uma menina tinha se prendido no ralo da piscina infantil, e Mary Ellen tentava soltá-la. Mary Ellen parecia prestes a passar mal. Puxar, obviamente, não estava adiantando, e a criança não sobreviveria por muito tempo debaixo d’água.

O motivo pelo qual eu tinha uma tesoura na mochila de ginástica é irrelevante, mas basta dizer que nunca mais vou à

piscina sem ela. Peguei a tesoura, larguei a mochila no chão, corri para a piscina, entrei num salto, cortei o cabelo da menininha e tirei-a da água. Ela já estava ficando meio roxa, por isso deitei-a ao lado da piscina e comecei a reanimá-la.

Devia haver umas cinquenta pessoas ao meu redor, seja chorando, seja gritando instruções. A mãe continuava gritando: “Não a machuque, não a machuque!”. Mas me desliguei de todos e me concentrei só na menininha. Depois de algumas respirações e compressões pulmonares, a água passou a sair de sua boca. Virei-a de lado, e ela começou a tossir e a chorar quase imediatamente. Uma ambulância apareceu poucos minutos depois disso e a levou ao hospital, só para garantir que ela estivesse bem. A mãe me ligou mais tarde, para me agradecer e dizer que a filha estava bem. Respondi que fiquei feliz em poder ajudar e que ela nem tinha de me pagar pelo corte de cabelo!

Deixo o diário de lado por um instante para respirar fundo. Puxa... Mesmo em meio a uma fase rebelde, Shannon consegue ser... incrível. Sempre foi fácil ressentir-me com ela por todos os troféus e prêmios. Nunca pensei em admirá-los de verdade. Penso na placa da Cruz Vermelha, pendurada no Corredor da Fama de Shannon. Antes ela não passava de mais um item na infindável coleção de coisas a se gabar. Contudo, agora, ela de fato significa alguma coisa. Shannon aprendeu as manobras de reanimação no curso da Cruz Vermelha. Ela salvou a vida de alguém com isso. Meu Deus, sempre fui tão arrogante em relação à vida de Shannon.

– Você – digo em voz alta para mim mesma – é uma idiota.

E continuo a ler.

Quinta-feira, 17 de junho de 1993.

Nada de salvar vidas na piscina hoje! Na verdade, hoje o dia foi bem chato, além das pessoas se aproximarem para me elogiar, dizendo como fui maravilhosa ontem. (Por favor, por favor... Nada de autógrafos!)

Uma dessas pessoas era nada mais, nada menos que Eve. Ela foi à piscina e disse que ouviu sobre o que aconteceu. No começo, achei a situação meio estranha, mas depois nós relaxamos e começamos a conversar e a rir como antes. Ela me convidou para ir à casa dela depois que o meu turno acabasse. O pai dela faria hambúrgueres na grelha, a mãe, pipoca, e nós poderíamos assistir a filmes de terror a noite toda.

Disse que sentia muito, que era uma excelente ideia (e era mesmo!), mas que eu me encontraria com o Chris depois do trabalho. (Eu a fiz prometer que não contaria à minha mãe.)

No entanto, no fim, bem que desejei ter aceitado o convite dela, porque CLARO que o Chris acabou tendo de ajudar o pai a consertar a transmissão de um caminhão. Ou alguma coisa desse tipo. Ele prometeu me compensar por isso, mas cá estou eu, sentada sozinha com meu diário e uma bela queimadura de sol, sentindo falta do meu amorzinho e pensando que filmes de terror e pipoca não seriam nada mal.

Deixo o diário de lado, pego meu celular e ligo para o Gibs.

– Oi – diz ele.

– Oi. Vou procurar a amiga de Shannon, Eve.

Dezenove

Naftalina.

É esse o cheiro que estou sentindo. Mesmo da varanda, o cheiro me atinge tal qual uma locomotiva. Sorrio rapidamente para que meu nariz enrugado fique menos evidente enquanto a senhora rotunda e de cabelos grisalhos abre a porta de entrada.

– Senhora Brice? Olá. Obrigada por me receber. Sei que meu telefonema surgiu do nada...

A mãe de Eve arqueja.

– Você se parece demais com sua irmã – disse, para depois piscar quando seus olhos ficaram marejados.

Ela me conduz para a sala de estar da casa térrea. Um sofá estofado num tom de verde-oliva está recostado contra uma parede, um piano de armário contra outra. Duas poltronas gastas se encontram em um dos lados, como soldados guardiões do cômodo. Um abajur sobre uma mesinha de canto lança um brilho âmbar sobre o rosto da senhora Brice, enquanto ela me guia para o sofá e se senta ao meu lado. Sorrio sem graça para ela. Essa senhora é bem agradável, mas aparenta ser tão... antiquada. Não me admira que Eve dê a impressão de ser tão puritana no diário de Shannon. A mãe parece ter saído do corpo de atores de uma escola rural.

– Você é *exatamente igual* a ela! – repete ela, pousando a mão no meu joelho. Ouço isso com frequência, mas nunca desse jeito. A

senhora Brice age como se estivesse vendo um fantasma.

– Shannon era muito mais bonita do que eu – digo, em seguida, engulo em seco e fico vermelha. Existe um modo de eu parecer mais patética?

– Não! – insiste a senhora Brice. – A semelhança é impressionante. Olho de relance para o piano.

– A senhora toca?

A senhora Brice franze a testa e concorda, vigorosamente.

– Sim! E também ensino. Ensinei Shannon!

Sinto a garganta apertar. Eu sabia que Shannon tocava, mas nunca a imaginei *aprendendo* a tocar. Minha irmã sempre foi uma figura completamente formada na minha imaginação.

– A senhora a ensinou aqui? – pergunto.

A senhora Brice faz que sim com a cabeça, e seus olhos se suavizam.

– Exatamente nesta sala. Às quintas-feiras, quatro horas. Devo tê-la ensinado por, meu Deus, sete anos, mais ou menos, pelo menos até ela começar o ensino médio, talvez um ou dois anos depois disso também. Ela era muito boa. Aprendeu a tocar uma peça de Rachmaninoff quando tinha nove anos! Ela era tão disciplinada; ainda agora consigo vê-la tocando, fitando as teclas com tamanha intensidade e tocando com tanta paixão. Verdadeiramente uma das alunas mais talentosas que já tive.

Olho para o banco do piano, imaginando minha irmã sentada lá, cheia de pose e disposição.

– E você? – pergunta a senhora Brice. – Você sabe tocar?

Meus olhos continuam plantados no banco do piano por um bom tempo.

– Tive aulas por alguns anos, mas... não. Não sei tocar. – Fico me perguntando por que minha mãe não me levou para ter aulas com *ela*. Talvez ela esteja se perguntando a mesma coisa.

Um momento de silêncio se estende, em seguida, a senhora Brice apoia a mão sobre a minha.

– Sua irmã era uma menina maravilhosa.

Meus olhos se prendem aos dela.

– Ela e Eve eram muito amigas, não é mesmo? – pergunto-lhe.

Ela concorda enfaticamente com a cabeça e cruza os dedos no colo, com recato.

– Desde o segundo ano. Inseparáveis, aquelas duas. Foram bandeirantes juntas, depois escoteiras, sempre lado a lado em todos os clubes e atividades.

– Mas depois elas se afastaram – digo.

A senhora Brice parece confusa, em seguida, faz um gesto de dispensa ante minhas palavras.

– Por que diz isso? Elas sempre foram muito próximas.

Suspiro. Será que as mães sabem de *alguma coisa*?

– Acho que elas começaram a se afastar alguns meses antes da morte de Shannon – digo, com cautela. – Shannon começou a namorar um rapaz de quem Eve não gostava.

A senhora Brice cora e olha para o colo.

– Acredito ter ouvido alguma coisa a respeito.

– De Eve? Ela conversou a esse respeito com a senhora?

As pálpebras da senhora Brice farfalham. Ela parece... aborrecida?

– Claro que ela conversou sobre isso – diz, na defensiva. – Mas a discussão delas... não foi nada. Elas teriam reatado se não...

Ela cruza os dedos.

– Querida, não sei exatamente o que está tentando descobrir – disse ela, depois de um momento de mal-estar. – Não havia, porém, nenhum drama enorme no relacionamento delas. Elas eram excelentes amigas que atravessaram um momento ruim. Isso é tudo. Tenho certeza de que Eve deve ter mencionado alguma coisa aqui e acolá, porém eu não me preocupei.

Ela muda de posição, para me fitar de frente.

– Sua irmã pode ter sofrido algumas dores de crescimento, como namorar um camarada que não era certo para ela. Mas isso *não era ela*. Estava claro para todos os que conheciam Shannon que ela seria um

sucesso estupendo, mesmo tropeçando um pouco, só um pouco, pelo caminho. Quero dizer, Deus meu, afinal ela tocou Rachmaninoff aos nove anos!

Meus olhos seguiram para a luz do sol, que se infiltrava por uma janela.

– Ela chegou a falar da minha mãe? – pergunto.

– *Falar* da sua mãe? Bem, imagino que sim, mas ela e Eve se ocupavam brincando com suas Barbies e treinando a coreografia das líderes de torcida, não falando das mães delas. Além disso, Shannon não teria como me contar algo da mãe que eu já não soubesse. Nós fazíamos as coisas sempre juntas. Éramos grandes amigas.

Fito a senhora Brice com cautela.

– Então por que a senhora e a minha mãe não se veem mais?

Ela fica corada. Começa a falar, mas a voz hesita e ela recomeça.

– Sinto-me muito mal com isso – diz. – Tentei manter contato com Susanne por um tempo depois... depois do acidente... mas pareceu-me quase cruel ficar ao seu lado. Aqui estava Eve, formando-se na escola, tocando a vida... Seria como se eu estivesse esfregando isso na cara dela. Logo depois você nasceu e eu pensei: “Perfeito! Um recomeço. Susanne poderá usufruir de todas as alegrias da maternidade de novo”. Não quis invadir. Não quis ser um constante lembrete do passado.

Ela remexe no colar e olha pela janela.

– Como já disse, eu me sinto muito mal por isso. – Ela se volta para mim. – Como vai sua mãe, Summer?

– Ela está bem... Está bem. Ela e Shannon se davam bem?

Os olhos da senhora Brice refletem sua confusão.

– Mas é *claro*, Summer. Elas se entendiam muito bem. E por que não seria assim?

É oficial: essa mulher não sabe de nada mesmo.

– Imagino que todo relacionamento entre mãe e filha tenha seus desafios – ela continua. – Nunca, porém, vi problema nenhum entre elas. Ah, nós nos divertíamos tanto juntas! Alternávamos as casas para o “travessura ou gostosura” do Halloween, e sempre fazíamos a decoração

e os biscoitos de Natal juntas. Claro, sempre corríamos com as meninas para cima e para baixo, por conta dos vários clubes e projetos de arrecadação de fundos. Acho mesmo que uma dormia na casa da outra praticamente todo fim de semana.

Percebo que estou sorrindo. Essa é a Shannon que minha família mantém viva, a garotinha que fazia decoração de Natal ou assava bolos para o acampamento da equipe de torcida. Contudo, lembrar do diário de Shannon me traz de volta à realidade.

– Portanto, deve ter sido estranho quando Shannon e Eve pararam de andar juntas.

Dessa vez, a senhora Brice definitivamente parece chateada.

– Elas não pararam de “andar juntas” – diz, irritada, usando aspas invisíveis. – Elas só estavam crescendo, se ocupando. Não foi nada. Por que está me perguntando essas coisas, meu bem?

Meus cílios tremulam contra a luz do entardecer, que fica cada vez mais forte ao atravessar a janela.

– Ela escreveu um diário no verão antes de morrer – engulo em eco. – Eu o estou lendo.

– Ah! – A senhora Brice remexe no colar mais uma vez. – Ela escreveu sobre a amizade dela com Eve?

Concordo com a cabeça.

– Nada de ruim – ênfase. – Eve é demais. Sei disso só de ler o diário.

– Hummm – diz a senhora Brice.

Passo uma mecha de cabelo para trás da orelha e me sento mais ereta.

– Senhora Brice, sinto muito por aparecer assim do nada e fazer tantas perguntas pessoais. Não quero assustá-la. Não estou sugerindo que houvesse um grande mistério, nem nada assim. Sei que os amigos podem acabar se afastando. Eu só...

– Eve cantou no funeral dela – disse a senhora Brice, com tranquilidade e o queixo ligeiramente erguido. – Elas *não* tinham se afastado.

Meus ombros arqueiam.

– Tudo bem.

Um momento de tensão se passa; em seguida, a expressão da senhora Brice se suaviza. Ela se inclina em minha direção, e até seus poros exalam o cheiro forte da naftalina.

– Você gostaria de falar com Eve?

Vinte

Sexta-feira, 18 de junho de 1993.

Ai, meu Deus! Cheguei do meu turno na piscina esta tarde e mamãe me pediu para eu me apressar e me trocar, pois tínhamos convidados para o jantar.

“Vovô e vovó?”, perguntei.

“Hum... Sim. E eles vão trazer alguns amigos.”

Então, subi, tomei uma chuveirada, vesti shorts e camiseta e voltei para baixo, imaginando qual casal geriátrico dos Cavaleiros de Colombo apareceria.

Minha primeira pista deveria ter sido quando mamãe me mandou de volta para cima, dizendo que eu não estava bem vestida o bastante. Ela me disse para colocar um vestido, ou pelo menos “calças decentes”. E para pentear os cabelos de novo. Ah, e para não me esquecer de fazer bochechos.

O desfecho: sim, os convidados faziam parte do clã dos Cavaleiros de Colombo, mas eles não vieram de mãos vazias. Eles trouxeram o NETO. Aquilo foi uma armação.

TORTURA!!!

Tive de empurrar o purê de batatas goela abaixo enquanto Chad, um rapaz com (como dizer isso de modo educado?) uma aparência desafortunada e uma camisa xadrez ainda mais infeliz,

tagarelou por mais de uma hora sem parar a respeito do cruzeiro de seniores do qual acabara de voltar.

Um cruzeiro de seniores com outros seniores do colégio? Não. Um cruzeiro de seniores com seus avós.

Pensar em Chad Xadrez jogando frisbee com um punhado de senhores da terceira idade com catarata, colunas encurvadas e marcas de senilidade, de certa forma, não me transportava para a Cidade do Romance.

Pensei que, uma vez que ele estava no fuso horário dos seniores, ele iria embora lá pelas sete, voltando para casa para uma boa noite de sono, mas não, ele continuou lá, repetiu a sobremesa de torta de pêsegos três vezes, participou de sete rodadas de charadas e repetiu quarenta e oito vezes sua nota quase perfeita na sessão de cálculos do SAT.

Quando foi a minha vez no jogo de adivinhação, ele foi o primeiro a acertar de que filme eu fazia mímica (Minha vida é um desastre), mas o último a captar a mensagem. Acho que até seus avós perceberam que as chances de Chad Xadrez conseguir um romance provavelmente voaram pela janela do navio de cruzeiro. Mamãe continuou a me lançar olhares que diziam que eu deveria tratá-lo bem, mas, quando ele imitou O barco do amor na adivinha, acho que até ela estava pronta para lançá-lo para fora do barco.

Quando Chad pediu meu número de telefone, na hora em que finalmente eles estavam indo embora, foi mamãe quem lhe disse que eu teria um verão muito, muito ocupado. Disse que, na verdade, eu não teria tempo para me socializar, que eu teria de passar o verão me preparando para o meu SAT, mas, “meu Deus!, que rapaz adorável que ele era e que noite agradável todos nós tivemos!”.

Ela fechou a porta assim que eles saíram, depois, olhou para mim como se eu fosse um tigre enjaulado que acabara de pular a cerca. A expressão dela era tão intensa que não consegui deixar de

rir. E, então, mamãe também começou a rir. Em poucos segundos, estávamos segurando a barriga, de tanto que gargalhávamos.

Essa foi a primeira vez que rimos juntas depois de muito tempo.

Eu ainda estava rindo quando liguei para o Chris para lhe contar o que aconteceu. Imaginei que ele também fosse achar engraçado, mas, em vez disso, ficou mal-humorado e rabugento, como se estivesse com ciúmes do Chad Xadrez. Não é uma loucura? Eu digo a ele o tempo inteiro que o que mais quero é passar todos os segundos da minha vida ao seu lado, que ele é o ÚNICO homem para mim, mas ainda assim ele é todo inseguro. Às vezes, acho isso até lisonjeiro, mas às vezes... sei lá. Não sei. Tipo... ah, que seja.

Mas tudo bem, vou recompensá-lo no nosso piquenique espetacular de amanhã. Chad não será convidado.

Distraída, bato um dedo no diário e sorrio para o espaço.

Adoro imaginar mamãe e Shannon rindo juntas. A porta do meu quarto está aberta, por isso, da cama mesmo olho para o corredor onde estão seus certificados e prêmios. Ultimamente, venho me consumindo tanto com o mau comportamento de Shannon que é um alívio ser rerepresentada à Shannon que eu conhecia antes de começar a ler o diário – aquela que sorria e ria, mesmo com mamãe. Especialmente com mamãe. Meu estômago se contrai ao imaginar como deve ter sido difícil para ela quando Shannon começou a afastá-la.

Contudo ela precisava afastar mamãe, a fim de não se sufocar.

E, claro, assim que ela afastou mamãe, o idiota do Chris apareceu para continuar o trabalho do ponto em que mamãe deixara.

“Brilhante, Shannon”, penso, desconsolada, “que maneira de passar de um controlador para outro”. Por que ela não enxergava que tipo de fracassado Chris era?

Pego o celular e praguejo baixinho. Gibs está passando a semana fora da cidade, construindo casas para o projeto Habitat para a Humanidade. Qualquer que seja o recôndito rural em que se meteu,

ele está fora de área; nenhuma das minhas ligações se completou. Puxa, como eu queria conversar com ele agora!

Talvez seja uma boa hora para ligar para Eve. Assim que a senhora Brice me deu o número dela, eu o gravei no celular, mas ainda não consegui telefonar. Não era estranho demais ligar para uma total desconhecida? Talvez... mas não é só isso que está me detendo. Quanto mais me aproximo da Shannon verdadeira, mais me afasto da personagem fascinante com quem convivi toda a minha vida. Talvez eu ainda não esteja preparada para me libertar disso. A quem estou tentando enganar? A fascinação por Shannon diminui a cada passagem do diário que leio. Suspiro e continuo a ler:

Sábado, 19 de junho de 1993.

Papai fez a coisa mais extraordinária ontem. Ele veio para o meu quarto depois que me deitei e se sentou ao meu lado, fitando-me até eu abrir os olhos. Fiquei surpresa ao vê-lo; afinal, eu já havia pegado no sono, e ele me assustou a valer. Entretanto, ele apertou minha mão e disse que estava tudo bem, que papai estava ali.

Em seguida, colocou a mão no bolso e tirou uma caixinha de lá. Ele não me encarou ao me entregá-la, mas murmurou que queria que eu ficasse com aquilo. Sentei-me, acendi o abajur e abri a caixinha.

Era um colar. De topázio. Papai disse que a pedra o fazia se lembrar das pintinhas dos meus olhos. Perguntei qual era a ocasião, e ele disse que não era nenhuma ocasião especial, mas um modo de eu me lembrar de quanto ele me amava. Agradei, e ele me ajudou com o fecho do colar.

E depois papai fez uma coisa que nunca o vi fazer: ele começou a chorar. Nada muito escandaloso, só um choro bem baixinho. Quis confortá-lo, mas eu estava tão assustada que nem consegui abraçá-lo. Recostei-me contra o travesseiro enquanto ele enxugava os olhos.

Ele engoliu em seco, depois disse que lamentava ter me desapontado. Ele queria ser perfeito para mim. Queria ser o meu herói. E sentia muito por ser um fracasso total.

Eu segurava a pedra de topázio com tanta força que pensei que acabaria esmagando-a com os dedos. Chorei até dormir, desejei um milhão de vezes ter uma conversa franca com papai, mas, na hora em que estávamos conversando, não tive forças. Mal olhei para ele.

Todas as perguntas que eu queria fazer ficaram presas na garganta: “Como pôde magoar mamãe daquele jeito?”, “Como pôde ser tão hipócrita, dizendo-me como viver a minha vida e ao mesmo tempo nos enganando pelas costas?”, “Por que mamãe e eu não bastamos para você?”.

Durante todos esses anos, pensei que fazer a coisa certa fosse algo natural para papai, que ele estivesse contente por ser um cara legal; mas não, o certo era uma luta, um esforço, um aborrecimento. Acho que eu também era um aborrecimento.

Ele pareceu ler a minha mente, porque me disse que mamãe e eu sempre o fizemos feliz, que éramos mais do que ele merecia.

“Então, por quê?”

“Porque sou um idiota”, ele disse.

“Ela foi a primeira?”, perguntei.

Ele assentiu, mas não conseguiu me encarar.

E, então, meus olhos se encheram de lágrimas, e eu apertei o topázio tão forte que acidentalmente devo ter puxado a correntinha. Ela se quebrou. A pedra escorregou e sumiu. Passamos alguns minutos procurando por ela, mas não a encontramos.

Talvez ela apareça um dia desses. Ou talvez tenha sumido para sempre.

Meu queixo treme quando fecho o diário. Papai conversou mesmo com Shannon.

Gibs tem razão: sou eu quem não fala sobre as coisas. Sou a maior covarde da família.

Meu olhar vai para a porta, para o corredor que leva para o quarto de Shannon. Sinto uma necessidade desesperadora de correr até lá,

abaixar-me de joelhos e vasculhar cada centímetro do carpete, à procura da pedra de topázio.

No entanto, eu nunca a encontrarei. Além disso, não sou eu quem deve encontrá-la.

Afundo o rosto no travesseiro e choro até dormir.

Vinte e um

*S*egunda-feira, 21 de junho de 1993.

O doutor Deadhead quer conhecer papai. Ele acredita que o fato de ele ter se aberto comigo seja um indício de que esteja pronto para levar o nosso relacionamento a um novo patamar, um nível verdadeiro, autêntico, no qual poderemos nos enxergar como pessoas de verdade e parar de agir seguindo scripts.

Eu disse ao doutor Deadhead que temia me desintegrar, caso eu parasse de agir seguindo roteiros. Eu SOU um roteiro já escrito, eu lhe disse. Ele respondeu que não acreditava nisso, que ele tinha certeza de que eu, por fim, estava descobrindo quem eu era de verdade.

“Por estar, finalmente, escolhendo meus amigos de verdade, como Jamie?”, perguntei.

“Não, ISSO é agir seguindo um script”, disse ele com uma risada, e eu perguntei o que ele queria dizer.

Ele disse que estou fazendo o papel da garota desgovernada, para compensar pelo tempo em que sempre fui a boazinha. Quando Jamie e eu saímos para fumar maconha, não estou sendo eu mesma. Sou a Adolescente Rebelde, saída direto de um roteiro. Entretanto, isso também faz parte. Provavelmente, terei de testar papéis diferentes até me sentir à vontade com quem sou. Contanto que eu não cometa nenhuma estupidez no processo.

“Jamie é uma pessoa de verdade”, eu lhe disse, “não uma figurante na minha vida.”

“Mas você não está interessada na verdadeira Jamie”, ele me disse. Só na parte de Jamie que pode usar como trampolim para escapar da sua falsa vida mais que perfeita.

“Quer dizer que estou usando Jamie?”

“É... bem... sim”, disse ele.

“Não estou, não. Ela é uma amiga de verdade.”

“Tem certeza disso?”, perguntou-me o doutor Deadhead.

“SIM!”

“E quanto ao Chris?”, perguntou ele. “Você é você mesma nesse relacionamento também?”

“Claro. Estou apaixonada pelo Chris.”

“Hummm”, disse o doutor Deadhead.

“Muito bem”, repliquei, “vou fazer sua vontade. Digamos que estou fingindo com Chris. Como vou saber que estou num relacionamento de verdade?”.

“Quando não tiver de defender a pessoa com quem está se relacionando”, disse ele. “Quando não tiver de sair às escondidas.”

“Não saio às escondidas porque nosso amor não seja real”, respondo. “Mas porque minha mãe é uma alpinista social controladora e cheia de preconceitos.”

E foi nessa hora que ele disse que seria uma boa hora para pedir a mamãe para que se juntasse a nós.

Contudo, eu me recusei. Mamãe e eu rimos a valer juntas no outro dia. Foi muito bom. Se ela entrasse, nós duas ficaríamos sem saber o que fazer.

O doutor Deadhead perguntou se eu aguentaria um pouco de tensão, caso isso significasse uma aproximação com a minha mãe.

Respondi que não sei se posso me aproximar de mamãe, pois quanto mais me conhecer, menos ela vai me amar.

Ele não acredita nisso, mas eu sim. O doutor Deadhead pode ser brilhante, mas conheço mamãe melhor do que ele.

Implorei para que ele não a chamasse. Não naquela sessão. Não naquele dia.

Ele ficou me encarando por um tempão, mas acabou concordando.

Talvez da próxima vez.

– Eu me encontrei com a mãe de Eve.

Gibs me olha inexpressivo e repete “Eve”, mas é uma pergunta, não uma afirmação.

– *A melhor amiga de Shannon* – respondo.

– Ah, é... – Ele mergulha a *tortilla* no molho e morde um pedaço.

– *Ah, é?* – digo com voz brava. – É tudo o que tem a dizer?

Gibs pensa na minha pergunta enquanto come.

– Como foi? – pergunta, depois de engolir.

Remexo o burrito no prato descartável com o garfo de plástico.

– Foi... esquisito.

Gibs dá mais uma mordida.

– Como assim?

Dou de ombros, emburrada.

Gibs voltou da sua temporada no Habitat ontem à noite, então este almoço mexicano é a primeira chance que tenho de conversar com ele depois de vários dias. Tenho tantas informações acumuladas – a sessão de Shannon com o terapeuta, a conversa franca com papai, meu encontro com a senhora Brice –, mas Gibs não parece interessado.

– Está agindo como se não se importasse – reclamo, ainda remexendo no meu burrito.

Gibs me encara, tranquilo.

– Eu me importo.

Espio na direção dele.

– Tem certeza?

Ele faz que sim com a cabeça.

– Acho que só estou cansado.

Sinto meu olhar se suavizar.

– Ah, é mesmo, o Habitat. – Forço um sorriso. – Como foi?

Ele toma um gole do refrigerante.

– Bem. Você sabe que conta nas minhas horas de voluntariado para o BI. Além de ser bem divertido. Construímos casas por sete dias.

Assobio baixinho.

– É muita martelada.

Ele dá de ombros.

– Foi bastante trabalhoso, mas...

– Quer ouvir a respeito da senhora Brice?

Gibs suspira.

– Não sei. Prefiro falar sobre você a falar sobre Shannon.

Franzo a testa.

– O que quer dizer com isso?

– Não sei. Nada. Sei lá.

Dou uma bufada, impaciente.

– Do que está falando?

Ele olha para os dedos.

– Quando construímos casas no Habitat, nós o fazemos junto das pessoas que viverão lá. Sabe, pessoas que estão sem sorte, sem opções. Isso nos faz perceber a sorte que temos – diz ele.

Meus ombros ficam tensos.

– E?

Ele olha além de mim.

– Talvez tenhamos de viver mais o presente. Você parece estar... exagerando com o diário da sua irmã.

Estreito o olhar.

– *Exagerando...* – repito, mas é uma pergunta, não uma declaração.

Ele se apoia nos cotovelos.

– Talvez só um pouco. Sei que é algo intenso, aprender coisas novas sobre a sua irmã, mas...

– *Aprender coisas novas* – repito novamente, com os olhos contraídos em fendas.

Gibs suspira, derrotado.

Balanço a cabeça com vigor.

– Não estou aprendendo coisas novas. Estou *sendo apresentada* a ela, Gibs, pela primeira vez. Estou tendo a oportunidade de conhecer minha irmã. Foi você mesmo quem disse: uma irmã não é como um parente qualquer, um ancestral falecido há muito tempo. Puxa vida, foi você quem me encorajou a ler o diário! E a perceber que ela teve de enfrentar muitas das idiotices com as quais tenho de lidar... – “E cheguei a mencionar? Minha irmã pode ter cometido suicídio.”

Gibs olha ansioso ao redor do restaurante, depois me encara.

– Eu só... me preocupo com você, sabe? – Sua voz mal passa de um sussurro. – Talvez a gente possa conversar sobre o presente de vez em quando. Quero dizer, é verão. Você deveria ao menos tentar se divertir um pouco.

Olho para ele fixamente.

– Isso vindo de um cara que passou uma semana erguendo paredes.

Um olhar de raiva perpassa seus intensos olhos azuis.

– Desculpe se penso em outras pessoas além de mim mesmo – diz ele, numa voz fria.

Fico sem ar. Nunca o vi bravo antes.

Meu primeiro instinto foi o de me desculpar, reconhecer a idiota egoísta que sou. Dizer: “Não sabe que a sua opinião ao meu respeito é a única coisa no mundo que me importa e, a propósito, não percebe quanto estou começando a gostar de você?”.

Mas não, para isso eu teria de me mostrar vulnerável e aprendi com a própria Rainha do Gelo que isso nunca pode acontecer. Portanto, travo o maxilar em vez disso.

– Como se eu precisasse de um lembrete de como você é perfeito – digo, gélida.

Gibs se reclina em minha direção e prende meu olhar.

– Eu nunca disse que era perfeito.

– Ora, por favor...

Ele ergue as mãos para o alto.

– Meu Deus, Summer! Você vive dizendo quanto detesta rótulos e que defende a individualidade, mas você coloca as pessoas em compartimentos o tempo todo.

Estreito o olhar, o que normalmente esfria qualquer conversa, mas Gibs ainda não terminou.

– Talvez eu não queira ficar em um dos seus compartimentos – diz ele.

Ele me dá um segundo para responder, mas estou ocupada demais encarando-o com raiva para dizer qualquer coisa.

Com isso, ele se levanta e sai.

As lágrimas ardem nos meus olhos, mas eu os aperto para conter a torrente. A única coisa mais patética do que ficar sentada sozinha numa das mesas do Taco Primo é ficar sozinha no Taco Primo chorando.

Apanho uma *tortilla* da cestinha e mordo com raiva.

O que acabou de acontecer? Estive contando os dias para poder ver Gibs, mas, quando finalmente estamos juntos, ele arranca a minha cabeça.

Ok, talvez nada seja tão simples assim. Para início de conversa, *eu* mesma estou começando a reconhecer quanto estou gostando dele, portanto não há como *ele* adivinhar esse meu segredinho. E quanto ao plano de cinco anos que formulei? Aquele sobre nos reencontrarmos em algum momento quando estivermos prontos para um relacionamento? Que se dane isso! Quero que Gibs goste de mim, *agora!*

E, falando em gostar, ele tem mesmo de esfregar na minha cara que, ao que tudo indica, sou a pessoa menos atenciosa, menos competente, mais sem valor do mundo inteiro? Especialmente quando comparada à minha irmã salvadora de vidas e ao meu melhor amigo construtor de casas?

Engulo o resto da *tortilla* e pego outra, mas, desgostosa, volto a jogá-la na cestinha e saio do restaurante.

Vinte e Dois

– Hummm... Summer?!

Deixo um maço de ásteres na mesa de trabalho e limpo as mãos na parte de trás do jeans.

– Oi – respondo, antes de ir para a frente da loja para ver do que a tia Nic precisa.

Paro de pronto ao me aproximar da caixa registradora. Tia Nic está lá parada, parecendo confusa, e Gibs está do outro lado do balcão, com um ramalhete de margaridas.

– Tudo bem? – digo, ao me aproximar deles.

– Ele *trouxe* flores – esclarece tia Nic. – Isso deve ser inédito: alguém trazendo flores a uma floricultura.

Hesito, depois engulo em seco ao chegar perto deles. Gibs me entrega as flores com timidez, fazendo um sinal de paz com a mão livre.

– Tia Nic, lembra-se do meu amigo Gibs? Ele jantou conosco no restaurante japonês no meu aniversário.

Ela lança um sorriso caloroso.

– Sim, sim, claro. Olá, Gibs. Hummm... Vocês não acabaram de almoçar juntos?

Gibs concorda com a cabeça e muda de posição, meio desconfortável.

– Na verdade, almoçamos, sim. Só passei para entregar isto. Eu estava no bairro. É bom vê-la novamente, senhora...

Ele estica a mão e tia Nic o cumprimenta.

– Nic – ela diz. – Basta me chamar de Nic.

Ele faz que sim com a cabeça, mas não consegue ser informal, por isso só fica calado.

– Bem – diz tia Nic, esfregando as mãos –, tenho alguns arranjos de flores para fazer. – Ela balança os dedos em nossa direção e vai para a oficina.

– Flores – digo a Gibs.

Ele enfia as mãos nos bolsos do shorts e fica olhando para os tênis.

– É uma oferta de paz. Nem lembrei que esta loja era uma floricultura. Mas acho que seria meio... estranho... comprar as flores aqui e depois entregá-las a você.

Mordo o lábio inferior.

– Sinto muito por ter saído daquele jeito – diz ele, seus olhos procurando os meus.

Deixo as margaridas no balcão e lanço um olhar furtivo em direção a ele.

– Pensei que chamá-lo de “perfeito” fosse um elogio – digo.

Ele começa a rir, então, eu também rio. Finalmente, nossos olhos se encontram.

– Sou eu quem sente muito – digo. – Sei que posso ser uma cretina monumental. E você tem razão: *estou mesmo* obcecada por Shannon.

Gibs meneia a cabeça.

– Eu entendo tudo isso, de verdade.

Enrolo uma mecha do cabelo.

– Gosto de poder falar sobre isso com você, sabe? Quero dizer, também posso falar com a tia Nic, contudo, ela é uma parte da história... *com você*... eu não tenho de me preocupar em não magoá-lo.

Um momento de silêncio se estende.

– Obrigada pelas flores – digo. – Foi um gesto muito bonito.

Ele sorri e passa o olhar pela loja, onde flores se espalham por praticamente todos os cantos.

– Da próxima vez, será chocolate – diz ele.

– Bom plano.

Ele balança o peso sobre os pés e ergue as sobrancelhas.

– Ei, falando em diversão...

Coloco a mão no quadril.

– Estávamos falando de diversão?

– Estávamos, sim. Aquela parte “sim, claro, o diário de Shannon, mas vamos nos divertir durante o verão também...”, lembra?

Rio para ele.

– Hum, eu estava imaginando... – continua Gibs, esfregando a barba rala do queixo – e entendo se não der certo, quero dizer por causa do seu trabalho e tal, e todo o resto que você tem para fazer, mas, se você *conseguisse* sair por alguns dias, e, sabe, com toda essa ideia de tentar se divertir um pouco... Hum...

– O quê? – Eu o provoco.

– Bem... meus pais têm um lugar na praia. Nada ostensivo, sabe... Só um lugar.

– Um lugar. – Balanço a cabeça.

– É. Um lugar. Na praia. Bem, de qualquer forma, nós vamos passar uma semana lá... Um tipo de fugidinha para o 4 de Julho... Quero dizer, não é bem uma fugidinha, é... é só uma viagem. E, bem, sabe, eu estava pensando: “Ei, acabei de falar para a Summer que ela precisa se divertir um pouco”, liguei para a minha mãe, ela respondeu “claro, convide-a”, por isso, se você não tiver nada mais para fazer, sabe, e se conseguir uns dias de folga, e se *quiser* ir, sem pressão, claro, mas alguns dias na praia podem ser divertidos, então eu estava pensando...

Sei que eu deveria atirar uma boia salva-vidas para ele, dizendo alguma coisa, porém ele fica tão lindo quando está nervoso...

– Você está me convidando para ir para a praia – digo, depois que ele para de repente.

Ele pensa no que acabei de dizer e concorda com a cabeça.

Ainda olhando para ele, digo:

– Ei, tia Nic, posso tirar uns dias de folga lá pelo 4 de Julho, para viajar para a praia?

– Claro – responde ela.

– Feito – digo a Gibs. – Obrigada.

Ele pensa nas minhas palavras de novo e assente com vigor.

– Ok, então. Legal. Perfeito mesmo. Quero dizer, estou contente que possa ir.

– Terei de pedir para a minha mãe, claro, mas...

– Claro, claro – diz Gibs, fazendo-me rir ao parecer um diretor de escola. – E a sua mãe pode ligar para a minha, se ela preferir. E, se der certo, bem... – Ele junta as mãos. – Bem, legal.

Fico olhando para ele.

– Farei tudo ao meu alcance para agilizar o processo – digo, e ele fica vermelho quando percebe que estou caçoando dele.

Ele esfrega a nuca.

– É, bem... Acho melhor deixá-la voltar ao trabalho.

– Valeu – digo. – De volta ao trabalho.

Ele sorri e acena.

– Ei, Gibs – eu o chamo quando ele caminha em direção à porta.

Ele se vira.

– Oi?

– Obrigada pelas flores. E pela viagem. Parece incrível.

Ele faz uma leve saudação que me faz rir ainda mais e segue até a porta.

É ridículo como o meu estômago está dando cambalhotas. Será que o Gibs está a fim de mim? Que o plano de cinco anos acelerou? Quero dizer, uma viagem para a praia, mesmo sendo com os pais dele... Parece promissora no campo de relacionamentos, não?

– Hummm – diz tia Nic.

Dou um pulo, sem ter percebido que ela tinha voltado para o balcão.

– Flores? – reflete tia Nic. – E uma viagem para a praia? Ele está caído.

Reviro os olhos.

– Ele é um amigo. Só um amigo.

Ela balança a cabeça.

– Flores não são coisa de amigo.

Dou de ombros, quando percebo que tenho um sorriso ridículo estampado no rosto.

– Você acha que mamãe vai se opor à minha viagem para a praia com ele?

Tia Nic levanta os ombros.

– Se o relatório do investigador particular estiver limpo e o DNA de Gibs não bater com o de nenhum banco de dados do FBI, tenho certeza de que ela não se importará.

– Muito engraçado.

– Quem disse que eu estava brincando? – Ela bagunça o meu cabelo. – É melhor eu pegar um vaso para essas margaridas.

Vinte e três

Quarta-feira, 30 de junho de 1993.

Acho que tenho uma irmã.

Fico sem ar e pisco sem parar. *Acho que tenho uma irmã.*

Faz quatro dias desde a última vez em que peguei o diário de Shannon e ainda não telefonei para Eve. Acho que as palavras de Gibs me impressionaram. No entanto, com um domingo inteiro à disposição quando acordei pela manhã, peguei o diário sem nem pensar a respeito.

E quando leio a primeira frase daquele dia, dou um pulo na cama.

Meus olhos focam novamente as palavras dela.

Sei que parece loucura, mas, poxa, sinto isso com tanta intensidade.

Senti isso a vida inteira. Lembro-me de ter perguntado a mamãe quando eu ainda estava na pré-escola se ela tinha tido outro bebê... um aborto, um filho morto ao nascer, qualquer coisa desse tipo. Claro que não usei essas palavras; eu só queria encontrar uma explicação. Eu SENTIA a presença de uma irmã, assim como se sente a respiração de alguém logo atrás de você.

Um tremor me sobe pela espinha e eu passo o dedo pela página, de leve.

Quando mamãe respondeu que não, que eu era sua única filha, a minha imaginação correu à solta. Fui adotada. Essa era a única

explicação. Passei horas acrescentando detalhes: minha mãe verdadeira morava numa praia com a minha irmã, tentando ser forte ante a situação, mas vagando pela praia noite após noite, fitando a lua e sofrendo com minha ausência.

Por que ela me deu para adoção? Minhas explicações variavam. Ela era uma adolescente, um prodígio da música que perderia a bolsa de estudos na Julliard se ficasse comigo. Ou era uma atriz de telenovelas em Nova York, cuja carreira seria prejudicada com a presença de um bebê. Ou tinha pais cruéis que me arrancaram dos seus braços na noite em que nasci e me deixaram nos degraus da igreja que mamãe frequentava.

Qualquer uma dessas versões me agradava. Minha mãe verdadeira era incrivelmente linda e jamais quis me abandonar, mas o destino falou mais alto. Por isso ela sonhava comigo, chorava por minha causa, devotava a vida para me encontrar e me levar para casa. Para a casa dela e da minha irmã. (Uma gêmea? Uma gêmea idêntica? Aquela com quem seus pais cruéis permitiram que ela ficasse?)

Meu pai “de verdade” nunca apareceu nas minhas fantasias. Não é engraçado?

Conforme fui crescendo, a fantasia se desfez. Eu me pareço demais com a minha mãe, e todas as histórias sobre seu trabalho de parto de dezesseis horas são bem consistentes, de como o médico usou fórceps para me puxar e mesmo assim eu saí toda sorridente, sem falar na golfada que dei, no trajeto até em casa, na roupinha cor de pérola que vovó tinha feito para mim especialmente para a saída da maternidade.

Além disso, metade das meninas da escola primária insistiam que haviam sido dadas em adoção pelas mães verdadeiras (e as delas também eram bonitas), e elas tinham de se conformar com as mães cansadas e mal arrumadas que preparavam os sanduíches das lancheiras todas as manhãs.

Eu adorava a minha fantasia e odiei perceber que não era a única a tê-la. Eu queria arrancar a cabeça das minhas amigas que ficavam falando sobre suas fantasias estúpidas de terem sido adotadas. “Então, deixa ver se eu entendi: a sua mãe verdadeira é a Madonna, mas não se sabe por que você é a cara do Hortelino, do Pernalonga?”

A MINHA fantasia, mesmo depois de ter perdido seu encanto, era diferente. Nunca deixei de sentir a respiração da minha irmã na minha nuca.

Agora que sei do caso de papai, não consigo deixar de pensar se não é ESSA a explicação. Ele diz que foi seu único caso, mas será? Será que ele não tem outra filha perdida por aí?

Essa explicação é mais complicada, confusa e sem graça. É a explicação que me faz olhar ao redor nas calçadas e no shopping, tentando detectar uma centelha dos meus genes nas garotas que experimentam perfumes na Victoria’s Secret.

Acho que pode ser possível, mas não me parece certo. Minha irmã não é uma garota qualquer com olhar vago, que masca chiclete com a boca aberta no corredor sete do supermercado.

Ela é... espetacular. Sei disso. Sinto isso.

Quem é você, irmã? Você está aí?

Você também sente a minha presença?

O diário cai no meu colo e o nó na minha garganta finalmente se dissolve. Tenho de me lembrar de respirar. Meu celular toca e eu dou um salto.

– Alô? – digo, com cautela.

– Ei, alguma coisa errada? – pergunta Gibs.

Lágrimas queimam meus olhos.

– Pode me encontrar no parque?

– Ela sabia sobre mim – digo, baixinho, sentada na grama com os joelhos encostados no peito. – Ela diz no diário que sabe que tem uma irmã.

Pausa.

– Não entendi – confessa Gibs.

Pego o diário. Nunca li nenhuma passagem para ele antes, só parafraseei. Não sei por que não quis partilhar as palavras literais dela com ninguém, nem mesmo com Gibs. Folheio as páginas, chego ao começo da que procuro e abro a boca.

Não consigo. Posso falar da Shannon para ele, mas não estou pronta para dividir as suas palavras... Ainda mais se levar em conta a que fim elas conduzem.

– Não acredito que ela fosse paranormal ou algo assim – digo, por fim. – Ela só diz que sente ter uma irmã. Ela sentiu isso a vida inteira. Quando era pequena, ela se perguntava se não tinha sido adotada. Depois ficou se perguntando se papai, sei lá... Se ele não teve uma filha fora do casamento, perdida por aí. Isso porque ela sabia que tinha uma irmã, Gibs.

– Mas ela *não tinha* uma irmã – replica Gibs, com sensatez. – Você só nasceu depois de ela morrer. Portanto, qualquer que fosse essa irmã com a qual ela fantasiava, não podia ser você.

Balanço a cabeça.

– Não acredito que nossa ligação tenha a ver com tempo e espaço. É mais profundo que isso.

Arranco um dente-de-leão do chão e vejo os penachos voarem na brisa suave.

– É como se ela soubesse que eu leria seu diário algum dia – digo, ainda olhando para o dente-de-leão.

– Ok – diz Gibs.

– Você acredita em Deus? – pergunto-lhe de bate-pronto, encarando-o.

Ele dá de ombros.

– Não sei.

Comprimo os lábios.

– Nem eu, mas a ligação que sinto com Shannon... a conexão que *ela* sentia *comigo*... não sei como explicar isso.

Deixo o dente-de-leão careca cair no chão e pego outro.

– Eu queria que ela ainda estivesse viva. Isso mudaria tudo.

Gibs afasta um dos penachos da flor do rosto.

– O que seria diferente?

Levanto os ombros.

– Você me conhece. Sou meio que um fracasso no departamento das amizades. Quero dizer, tive amigas quando era menor: Leah Rollins, Priscilla Pratt, umas outras. Mas mesmo quando éramos mais novas e andávamos juntas, eu me sentia uma intrusa. E depois, quando elas começaram a ficar obcecadas por maquiagem e luzes nos cabelos... nós não tínhamos mais nada em comum àquela altura. – Apoio as palmas no chão, sentindo a grama fria e úmida em meus dedos. – A Shannon poderia ter sido minha melhor amiga.

Gibs inclina a cabeça de lado.

– Ou poderiam não ser nada amigas. Vocês poderiam enlouquecer uma à outra. Isso acontece com muitas irmãs.

Estreito o olhar em direção a ele, o sol reluzente me atinge no rosto como um holofote.

– Não. Nós nos entenderíamos. Seríamos as únicas a *poder* entender uma à outra.

– Talvez – diz Gibs. – Mas quem se importa se você não tem amigas? Você tem a mim.

Meu coração dá um salto.

– Que diferença faz se seu melhor amigo é uma garota ou um garoto? – continua ele. – Um amigo é um amigo.

Afundo os dedos na grama. “Pare de ser meu amigo, Gibs. A amizade já não basta para mim.”

– Ei, já pensou para qual universidade você vai? – digo, num impulso. – Aposto como vai para Harvard...

Ele concorda. Ai. Pensei estar só brincando...

– É a minha primeira escolha – diz. – Mas é difícil de entrar. – Ele hesita. – E quanto a você?

Faço um gesto no ar.

– É, também acho que Harvard seja a minha primeira escolha.

Ele ri, e é essa a minha intenção, mas, por algum motivo, isso me entristece. Por que fui tão mal na escola todos esses anos? Ser a antiShannon foi uma ideia tão boa assim?

– Eu me saí muito bem no SAT – digo, depois me sinto envergonhada pela declaração tão pobre.

A expressão dele fica bem intensa.

– Claro que sim. Sei quanto você é inteligente.

Sento-me mais ereta e apoio o queixo na mão.

– Fui uma burra por não ter me dedicado mais à escola todos esses anos, não fui?

O olhar de Gibbs é gentil.

– Você recupera o tempo perdido quando descobrir o que quer fazer.

Contraio os lábios.

– É... mas vou descobrir isso frequentando a Faculdade Comunitária de Morton, enquanto você está na Medicina de Harvard.

Ele se aproxima de mim.

– Vamos continuar amigos, não importando em qual universidade estudaremos.

Amigos. Com ou sem viagem para a praia, não acho que Gibbs esteja pronto para acelerar o processo.

Estreito o olhar ante a luminosidade do sol.

– Conteí que Shannon salvou alguém quando trabalhou como salva-vidas? O cabelo de uma menina ficou preso no ralo da piscina infantil. Ela a soltou, cortando-o, e depois aplicou manobras de reanimação.

– Puxa... – comenta Gibbs.

Balanço a cabeça.

– Bem legal, né? Quero dizer, de muitos modos ela parece ingênua e imatura para mim e, de repente, *bang!*, ela salva a vida de uma criança.

Ele concorda, pensativo.

Uma brisa assopra meus cabelos.

– Sabe quando o chamei de perfeito e você ficou bravo? – digo. – Não quis parecer arrogante. É que... eu só estou desapontada de verdade comigo, entende?

Tento desviar o olhar, mas ele o mantém preso.

– Eu acho você incrível – diz ele, com firmeza.

Passarinhos cantam e crianças conversam ao fundo.

“Acho que amo você”, digo a ele, telepaticamente.

Ele percebe, não percebe?

Talvez não. Talvez um dia eu comece a dizer aquilo que estou pensando.

Vinte e quatro

Mamãe está cuidando do canteiro de flores quando estaciono na entrada.

Ela acena assim que saio do carro. Ando até lá e me sento na grama, tomando cuidado para não sentar em nenhuma flor. Ela levanta a cabeça e parece surpresa.

– Oi! – ela diz, depois, olha preocupada para o meu shorts branco. – Tem certeza de que vai ficar sentada na grama? Ela vai manchar sua roupa.

Dou de ombros.

– Estava sentada na grama do parque até agora. Acho que sou à prova de manchas.

– Com quem estive no parque?

– Com o Gibs.

– Hummm. A propósito, conversei com a mãe dele a respeito da viagem para a praia. Ela me parece uma pessoa adorável.

– É, os pais dele são demais.

Ela me observa atentamente.

– E Gibs, você também o considera demais?

– Nós só somos amigos.

– Hummm.

Fico olhando para o rosto de mamãe, enquanto ela continua remexendo na terra escura. É desse jeito que eu acho que ela fica mais

bonita: sem maquiagem, até com uma sujeirinha no rosto, as rugas finas evidentes na luz do fim de tarde, tal qual as marcas de relevo num mapa. Ela odeia as rugas, os cílios claros, as olheiras debaixo dos olhos, e passa horas diante do espelho todas as manhãs para camuflar o rosto com maquiagem. Contudo, é assim que eu gosto dela.

Ela olha para mim de relance e parece ler minha mente, pois, constrangida, leva uma mão ao rosto.

– Devo estar um horror, parecendo com alguma coisa trazida pelo gato...

– Mãe, o que aconteceu com os amigos que tinha na época em que Shannon estava viva? – pergunto.

Ela volta a cavar a terra. É a primeira vez que ela não se sobressalta quando menciono o nome de Shannon.

– Que amigos? – pergunta ela.

– Os seus amigos. As pessoas com quem cantava no coral da igreja. Seus amigos do clube do livro. As mães das amigas de Shannon.

Ela arranca uma praga teimosa da terra.

– As pessoas vêm e vão em nossa vida, Summer – diz, sem olhar para mim.

– E para onde elas foram?

Ela suspira e me encara.

– Está interessada em algum amigo em especial?

Dou de ombros.

– Eu só acho estranho que a mãe que eu conheço seja tão diferente da mãe que Shannon conheceu. Isto é... sua personalidade é a mesma, acho, e Deus meu, sua vibração controladora ainda é bem forte...

Mamãe levanta uma sobrancelha, mas sorri.

– Não repita o santo nome em vão, Summer – corrige-me ela.

– ...mas amigos não somem simplesmente da face da Terra – continuo. – Por que parou de sair com eles?

Mamãe passa o dorso da mão na testa, depois se senta ao meu lado.

– Nós não “saímos”, exatamente – diz com os braços apoiados de leve nos joelhos.

Rio para ela, e ela retribui.

– Não, definitivamente você não é do tipo que sai por aí para se divertir. – Puxo uma graminha e a enrolo entre os dedos. – As pessoas se esquecem de você quando seus filhos morrem? – pergunto, num impulso.

Fico à espera de uma nova risada, mas não tenho essa sorte.

– Na verdade, é isso mesmo – diz, numa voz distante.

Eu me aproximo dela.

– Isso é horrível... – digo, com suavidade.

Mamãe dá de ombros.

– Não foram só eles. Eu também me afastei. – Ela ainda está olhando para as flores. – Tudo mudou depois que Shannon morreu. Eu não era mais a mesma pessoa. Não gostava mais de livros, de tênis ou do coral. E as minhas amigas? Se nossas filhas eram tudo o que tínhamos em comum, bem, em que ponto ficávamos, então?

Meu maxilar enrijece.

– Como podem tê-la abandonado no momento em que você mais precisava? – pergunto, com voz firme.

Mamãe balança a mão no ar.

– Elas telefonaram, querida. Trouxeram comida. Convidaram-me para ir ao cinema... Bem, foi assim nas primeiras semanas. Contudo, elas não sabiam o que dizer, e eu não sabia o que queria que elas dissessem, e nada mais seria como antes, e todas nós sabíamos disso, portanto...

– Você deve ter se sentido muito sozinha – digo, e uma brisa suave acaricia nosso rosto.

– Eu tinha o seu pai – ela me lembra. – E a tia Nicole, e o restante da família. – Seu rosto se ilumina. – E depois veio *você*. Engravidei quase em seguida, sabe, poucas semanas depois que ela morreu. – Mamãe me encara. – Você salvou minha vida.

Um calafrio me percorre a espinha. Ouvei isso a vida inteira, normalmente vindo de outras pessoas: “Você deu à sua mãe um

motivo para continuar vivendo”, elas diziam, ou “Não sei se ela conseguiria ter sobrevivido sem você”. Sem pressão, certo?

Aperto um punhado de grama e uma umidade verde mancha meus dedos.

– Eu fico um pouco assustada quando você diz isso, mãe.

A raiva passa pelo rosto dela.

– Quero dizer, fico feliz que você tenha ficado contente por ter engravidado de novo – esclareço, tentando parecer casual. – É que... – “É assustador demais nascer com uma função”, penso.

– Você não tem de se explicar – diz mamãe, com a voz dura de novo.

– Não fique brava, mãe – digo. – Nós temos de conseguir falar sobre essas coisas.

– Estamos conversando – replica ela.

Levanto de súbito e apoio as mãos nos quadris.

– Odeio quando você faz isso: fecha a porta na minha cara quando tento me abrir com você.

Mamãe se vira, desafiadora, voltando a se apoiar nas mãos e nos joelhos para puxar ervas daninhas.

– Não seja por isso, Summer, abra-se e me conte como fica aborrecida por eu lhe dizer que você me faz feliz – murmura ela para a terra.

Meu estômago se contrai e os olhos ficam marejados. Deus do céu! Nunca choro na frente de mamãe.

– Mas que droga, não estou aborrecida!

Ela se vira para mim e me perpassa com o olhar.

– Não fale assim comigo, mocinha.

Abro a boca para responder, mas mamãe volta a cuidar do jardim, afundando a mão na terra, puxando as ervas daninhas e jogando-as para o lado, sem nem olhar para elas. Cada uma das ervas daninhas será metodicamente arrancada, sistemática e impassivelmente, até que o jardim esteja perfeito.

E ela não vai mais falar comigo.

– Eu a odeio!

Escondo o rosto nas mãos. Eu era uma onda de fúria e indignação quando dirigi até a casa do Gibbs, mas agora estou sentada na sala dele e a minha ira se desfez em lágrimas, que escorrem pelo meu rosto.

– A sua mãe? – deduz Gibbs.

Esfrego o rosto.

– Ela não mudou nada! Pobre Shannon... Ela passou por tudo aquilo à toa. Mamãe não aprendeu nada.

Gibbs passa os dedos pelos cabelos e estica a mão para tocar em mim, mas desiste antes disso.

– O que ela deveria ter aprendido? – pergunta ele, com suavidade.

– Como parar de ser uma controladora! Uma controladora insensível, fria, perfeccionista e afetada! Isso acabou com a minha irmã. Papai também a arruinou com a sua atitude impassível, deixando tudo a encargo de mamãe. “Sim, querida”; “Ok, querida”; “Tanto faz, querida”; atravessando a vida sem vivê-la, a não ser pelo caso com a secretária...

Os olhos de Gibbs se abaixam.

– ...e Shannon percebeu tudo isso! Percebeu mesmo. Ela era genuína demais para continuar seguindo o programado depois de ter entendido quanto eles eram falsos, porém, ela os amava mesmo assim, sabe? Ela os amava e queria que eles fossem pessoas melhores, queria que a família fosse melhor.

Meus olhos se contraem e uma nova onda de lágrimas surge.

– É isso o que a sua mãe também quer – diz Gibbs, entrelaçando os dedos.

– Não! – Meu rosto está todo franzido. – Mamãe não quer *melhor*. Ela quer *perfeito*. Mas não uma perfeição real, só uma versão cafona de um perfeito cartão de Natal.

– Ela queria que Shannon ficasse melhor – argumenta Gibbs. – Obviamente, ela se preocupava. Tentou ajudá-la. Quero dizer, ela a

levou ao terapeuta...

– Não, não, não! – Balanço a cabeça com vigor. – Ela só queria que Shannon voltasse a ser o que era. Ela não queria que Shannon entendesse seus sentimentos, ela queria que Shannon negasse esses sentimentos, que parasse de crescer, de entender, de enxergar a família do jeito que ela era. Mamãe queria a filha perfeita de volta, mas Shannon já não conseguia fingir. Então, ela morreu se sentindo um fracasso, assim como eu me sinto todo santo dia da minha vida. Mamãe é um fracasso, não nós! Que droga de mãe! Que droga!

Meus soluços se tornam choramingos e, sem nem pensar, deito a cabeça no colo de Gibbs, com o corpo enrolado como uma bola. Sinto a mão dele tocar meus cabelos. Alguns minutos se passam, não sei o que estou esperando que Gibbs diga, mas, puxa, sinto como se estivesse enxergando tudo claramente, portanto, deduzo que ele também esteja.

– Você diz que os padrões da sua mãe são altos demais – diz Gibbs, e vejo que, pelo seu tom professoral, ele não captou nada. – Bem, os seus padrões em relação a ela também são excepcionalmente altos, se quer saber.

Fico dura.

– O que quer dizer com isso?

– Puxa, Summer – diz ele –, algumas mães surram os filhos, prendem-nos em armários escuros, não lhes dão o suficiente para comer, sabe? Algumas crianças levam uma vida bem dura. A sua mãe... Bem, claro, ela tem lá os seus problemas, mas é uma mulher que está tentando acertar. Ela não consegue conter essa coisa do controle. Contudo, ela é assim. Quero dizer, é um crime ela querer que Shannon tirasse notas máximas na escola em vez de preferir que ela saísse às escondidas de casa para fumar maconha com o namorado sem futuro? Você faz Shannon se parecer com Gandhi, pelo amor de Deus!

Eu me sento, afastando-me de Gibbs e pressionando os joelhos contra o peito, ao olhar para fora da janela. Começa a chover, um daqueles temporais com sol esquizofrênicos.

– Você não entende – digo, friamente.

– *Entendo, sim* – diz Gibs. Ele pega o meu braço e tenta me puxar para perto dele, mas eu não cedo.

A chuva está caindo mais forte.

Ele suspira, lança a cabeça para trás e aperta o alto do nariz.

– *É, a sua mãe é a princesa de gelo* – comenta ele, cansado.

Arquejo e me levanto de frente para ele.

– Não vou mais ficar aqui.

– *Viu?* – diz ele, esticando as mãos em minha direção. – *Você espera que a sua mãe veja coisas nela que você não vê em si mesma. Nada fácil, não? Então, por que não dá um tempo para ela, Summer? Não é só ela que tem dificuldades para enxergar as coisas pela perspectiva de outra pessoa que não a dela mesma.*

Fico parada no lugar. Quero ir embora, mas até parece que vou dar o gostinho de ele provar que tem razão, qualquer que seja ela. Portanto, continuo ali, com o queixo travado e os olhos semicerrados. Cravo o olhar no dele, desejando que ele desvie primeiro, mas ele continua olhando para mim, com seus olhos suaves.

– *O que não estou enxergando?* – pergunto por fim, tentando manter a voz firme.

Ele segura a minha mão e a aperta de leve.

– *Que você se parece bastante com sua mãe. E que isso não é tão ruim assim.*

Vinte e cinco

— **G**ibs acha que sou dura demais com mamãe.

Os olhos de tia Nic ficam focados no botãozinho amarelo do arranjo do vaso. A tela da porta range devagar. Nossa primeira cliente da semana entrou e saiu, levando um buquê de peônias nas mãos, e a floricultura está tranquila de manhã enquanto tia Nic continua com seu arranjo.

— Só estou frustrada por ela não ter mudado – continuo, tocando de leve nos botões aveludados.

Tia Nic enfia um ramo de gipsófila no vaso e me encara, pousando a mão no quadril.

— E como quer que ela mude, querida?

Fico surpresa ao sentir lágrimas se avolumando nos olhos. As sobrancelhas de tia Nic tremulam em sinal de ansiedade, e ela me guia para o sofazinho ao lado da mesa.

— É estranho – digo ao me sentar. – Sempre deduzi que eu fosse o motivo por mamãe ser tão rígida... por eu ser um fracasso total. Pensei que ela tivesse ficado perfeccionista por eu ser tão *imperfeccionista*.

— *Imperfeita* – corrige tia Nic, piscando para mim de brincadeira.

— É isso. Por exemplo, se você é alérgico a amendoim, pode nunca saber disso até comer um. Nada de amendoim, nada de alergia. – Observo o rosto dela. – Eu sou o amendoim – explico.

— Entendi, meu bem – ela responde com paciência.

– Por isso imaginei que, como Shannon era perfeita, mamãe era perfeitamente feliz. Mas hoje eu vejo que Shannon não era perfeita e que ficava doida tentando fingir que era. – Pegue uma almofada e abraço. – Sabe, Shannon meio que tirou a pressão de cima de mim. Quero dizer, a vida inteira eu soube que nunca poderia ser tão incrível quanto ela, por isso nem tentei. Mas, e se não tivesse existido nenhuma Shannon? Então, eu teria sentido toda a pressão que ela sentiu, com mamãe desejando aparência perfeita, notas perfeitas, tudo perfeitamente blá-blá-blá.

Aperto a almofada ainda mais forte. Tia Nicole me afaga os cabelos.

– E ela conseguiu sustentar isso por tanto tempo – continuo, olhando para o nada. – Ela fez sapateado pelo tempo que conseguiu, só para satisfazer mamãe, mas, quando parou, já estava tão exausta e furiosa que nem enxergava mais nada. Aí, em vez de ser uma atrapalhada normal, como eu, ela teve de ser uma atrapalhada *perfeita*. Ela pirou nos últimos meses de vida, andando com uma garota que fumava maconha e saindo às escondidas com um namorado sem futuro...

– Hummm. Eu me lembro disso – diz tia Nic, num tom saudoso e triste.

– Sinto pena dela quando leio o diário – digo, sentindo os ombros tensos. – Quero voltar no tempo, dizer à mamãe que largue do pé dela e à Shannon que ela pode relaxar e ser ela mesma. Acho que ela *nunca relaxou*. Amo mamãe, porém ela faz com que seja impossível relaxar.

Suspiro, exausta só de pensar.

– Então – diz tia Nic hesitante –, você disse isso à sua mãe?

Dou de ombros.

– Um pouco aqui e acolá. Mas ela não quer ouvir. Ela não ouviu Shannon e não quer me ouvir. E isso nos deixa estagnadas.

– Mas sua mãe foi ao terapeuta com Shannon naqueles últimos meses – pondera tia Nic.

– E isso enlouqueceu Shannon ainda mais – digo, numa voz suplicante. – É como se o terapeuta houvesse lhe dado um vislumbre

do que seria viver uma vida sem ser o troféu da mamãe, e isso lhe deu esperanças. Mas mamãe não queria saber disso. Ela só queria que o analista consertasse Shannon, como se *Shannon* fosse o problema.

Tia Nicole sorri, abatida.

– E onde seu pai se encaixa nisso tudo? – ela pergunta. – Isto é, ele também era o responsável por Shannon. Ele não leva nenhuma culpa?

Balanço a cabeça com força.

– Não estou culpando. Isto é, sei que parece que estou, mas não estou, não. Não acho que Shannon também estivesse culpando alguém, não de verdade. Sei que ela estava numa fase de “que se dane” por um tempo, mas amava mamãe e queria muito também ser amada.

Os olhos de tia Nic se enchem de preocupação.

– Ah, Summer... se há uma coisa que eu sei é que a sua mãe idolatrava o chão em que a Shannon pisava.

– Ela queria que mamãe a amasse *incondicionalmente* – ênfase. – Mamãe jamais conseguirá isso. Tentei conversar com ela ontem, e ela me deu um gelo. Mas que droga, eu ainda estou me sentindo culpada! – Balanço a cabeça devagar. – Sabe, você acaba pagando um preço muito alto quando usa a culpa para obter o que quer.

Tia Nicole põe a mão no meu rosto.

– Lamento tanto, meu bem – diz, numa voz baixa que não passa de um sussurro. – Acho que foi um erro lhe dar o diário. Acho que isso tudo é muito, muito difícil...

– Não! – insisto. – Tudo bem ser difícil. Tristeza também não é um problema. E raiva também. Eu queria tanto que Shannon soubesse disso. Mamãe não deveria ter aprendido a esta altura? Depois de tudo pelo que passou com Shannon, por que ela ainda usa a culpa para lidar comigo?

Tia Nicole me segura pela mão.

– Ela *aprendeu*, Summer. Talvez não o suficiente, mas é diferente com você do que foi com Shannon. Olhe para você. Você é confiante e independente. Não se importa com o que as outras pessoas pensam. Não quer se conformar. Isso veio de algum lugar, sabe.

Dou um sorriso com o canto da boca.

– Não da mamãe. Sou assim *apesar* dela, não por causa dela. Por que mamãe é tão inflexível?

Tia Nicole dá um sorriso torto.

– Já conheceu a sua avó? Sabe, uma senhora de cabelos grisalhos, mais ou menos desta altura?

Sorriso de verdade e faço que sim com a cabeça.

– Bem, se a genética influencia na personalidade, então a sua mãe definitivamente herdou a rigidez dela – disse. – Além disso, a nossa infância foi um pouco... hum... um pouco difícil. – Tia Nic continua num tom mais suave: – Nada horrível, mas seu avô bebia um pouco demais e perdia empregos com frequência.

Surpresa, fito-a de olhos arregalados.

Ela mexe a cabeça.

– Vovô está bem agora. Ele melhorou muito. Sabe, às vezes você não quer ser um controlador intolerável, mas a vida exige que você seja. Se vovó não estivesse no comando durante todos aqueles anos, quem sabe qual teria sido nosso fim? Ela controlava tudo. E sua mãe, bem... ela era a mais velha, portanto...

– Mamãe nunca me contou nada disso – digo.

Tia Nic morde o lábio inferior.

– Muitas vezes, sua mãe foi mais uma mãe para mim do que uma irmã. Se a vovó tinha de dobrar o turno, ou trazer roupa para lavar em casa, ou qualquer coisa assim, era sua mãe quem se certificava de eu ter escovado os dentes e ter roupas limpas para usar na escola no dia seguinte. E isso não me incomodava em nada. Claro, ela era mandona, mas saber que alguém estaria no comando era a melhor coisa do mundo para mim.

Contraio as mãos.

– Eu nem sabia que o vovô bebia.

Tia Nic morde os lábios.

– Há anos ele não bebe uma gota sequer. Ele parou de beber mais ou menos quando começamos o ensino médio. Vovó tinha finalmente

lhe dado um ultimato, e acho que ele se convenceu de que ela falava sério. – Ela dá um tapinha no meu joelho. – As coisas melhoraram muito depois disso, mas àquela altura, a função da sua mãe já estava entranhada nela.

Balanço a cabeça.

– Por que ela não me conta essas coisas? Eu a entenderia muito mais se ela fosse franca comigo.

Tia Nic aperta a minha mão.

– Ela não queria sobrecarregar as meninas dela com a bagagem que carregava. Ela queria que a vida de vocês fosse perfeita.

Meu queixo treme.

– Honestidade é melhor que perfeição.

Tia Nic concorda, com sabedoria.

– Você tem razão. E a honestidade tem um jeito de sempre se fazer valer.

– Eu queria que você tivesse falado essas coisas para a Shannon.

Ela me lança um olhar reservado.

– Shannon não era nada madura comparada a você – ela diz. – Tentei conversar com ela algumas vezes, especialmente depois que ela descobriu sobre o caso do seu pai, porém, ela me repeliu. Ela simplesmente não estava pronta para lidar com isso.

Tia Nic passa o braço ao redor dos meus ombros e eu aninho a cabeça na curva do seu pescoço. Ela enrola uma mecha do meu cabelo e o odor de rosas permeia o ar.

Ela ainda não disse nada para responder à pergunta cuja resposta mais me interessa: ela sabe se Shannon cometeu suicídio? Ela sequer suspeita disso?

No entanto, não vou perguntar. Ainda não sei se estou pronta para essa resposta.

Respiro fundo e suspiro, desejando poder voltar no tempo e guiar minha irmã quando ela mais precisava de ajuda.

Vinte e seis

Estou no banheiro depois de ter chegado do trabalho, enrolando o cabelo molhado em uma toalha, quando ouço o celular tocando.

Aperto o cinto do roupão felpudo e me apresso para o quarto para atender.

– Alô?

– Olá... hum, Summer?

– Sim, sou eu.

– Ah! Meu Deus, a sua voz é igual à de Shannon.

Seguro o aparelho com mais força.

– Aqui é a Eve. A amiga de Shannon da época da escola.

Fico de boca aberta e congelada por um tempo.

– Ah... oi. – Fecho a porta do quarto, depois, vou até a cama e me sento. Quando finalmente consegui juntar coragem para ligar para ela na noite anterior, foi a secretária eletrônica que atendeu. Falando sério, foi um alívio. O que eu teria dito se ela atendesse? Como invadir a vida de alguém dizendo amenidades a princípio para, em seguida, começar a cavoucar perguntas de cunho pessoal sobre o passado dela? Acho que estou para descobrir. – Obrigada por me ligar – agradeço.

– Sem problemas. – A voz dela é suave e gentil, como a da mãe dela.

Silêncio constrangedor.

– Hummm... – digo, e depois percebo que tenho de ir direto ao ponto. – Eve, a minha irmã escreveu um diário no verão antes de morrer.

– Ah!...

– Eu não sabia disso até poucas semanas atrás. Minha tia o guardava e me entregou no...

– Summer, eu sinto tanto por não ter mantido contato com a sua família – diz Eve de repente, parecendo estar à beira de lágrimas.

– Tudo bem...

– Não, não está tudo bem – ela diz. – Shannon era a minha melhor amiga. A sua mãe era como uma segunda mãe para mim. Eu lhe enviei cartões por alguns anos, mas nunca soube bem o que escrever, e...

– Não tem problema mesmo, Eve. Não foi por isso que...

– Mas eu preciso falar. E preciso dizer isso à sua mãe. Pessoalmente. Vou pegar um avião para ver a minha mãe no começo de agosto. Acha que posso dar uma passada aí? Se isso for aborrecer a sua mãe, pode me dizer. Mas eu gostaria muito que ela soubesse que nunca deixei de pensar em Shannon. Ou nela.

Eu me endireito, um pouco impaciente. Aquele telefonema deveria ser sobre o que *eu* preciso. Mas isso não parece uma idiotice? Como se as pessoas da vida de Shannon fossem personagens de um livro... Personagens secundários. É assim que penso nelas quando leio o diário. Fico vermelha de tanta vergonha.

– Claro, pode vir quando quiser – digo a Eve. – Tenho certeza de que minha mãe adoraria revê-la. Estou lendo algumas coisas no diário de Shannon que acho que mamãe desconhece. Posso lhe fazer algumas perguntas a respeito?

Pausa. Em seguida, um cauteloso “sim”.

– Sei que você e Shannon se afastaram lá pelo fim – digo.

– E lamento tanto por isso também. – Eve me interrompe.

– Tudo bem – digo, com firmeza. – Não mencionei isso para que se sintam mal. Só toquei no assunto porque não sei quanto você sabia dos

últimos meses de vida dela.

Outra pausa.

– Eu sabia – diz Eve.

– Você sabia que ela saía às escondidas para se encontrar com Chris?

– Sim. Eu o detestava, e Shannon acreditava que era porque eu estava... não sei... que eu sentia inveja ou algo assim. Nenhuma de nós saiu muito com rapazes antes disso. Todos os rapazes eram apaixonados por Shannon, mas acho que, para eles, ela estava muito além das suas possibilidades, por isso tinham medo de se aproximar. Eu, por outro lado, só era esquisita e estudiosa demais.

Solto uma risada nervosa.

– De qualquer modo, quando Chris começou a paquerá-la, ela se apaixonou muito depressa – continua Eve. – Eu lhe disse que achava que ele não prestava, porém, ela não queria me ouvir. E logo depois ela começou a andar com uma garota chamada Jamie.

– Você também era amiga de Jamie?

– Não. – Mesmo pelo telefone, consigo ouvir o desgosto na voz de Eve.

– Shannon e Chris ainda estavam juntos quando ela morreu? – pergunto.

Pausa.

Fico confusa. Talvez Eve não tenha ouvido a minha pergunta.

– Shannon e Chris...

– Não sei. Havia alguns boatos...

Engulo em seco.

– Que tipo de boatos?

– De que... que Chris saía... também saía com outras garotas enquanto estava com ela.

Engulo em seco novamente.

– No diário dela, tudo indica que ele seja um cafajeste, porém, ela continuava a defendê-lo.

– Ela só estava apaixonada – diz Eve. – Entendo isso. Ele era bem bonito. Ela estava pronta para algo diferente, e ele era... diferente.

Bato o indicador de leve no aparelho.

– Ela sentia sua falta – digo. – Isto é, ela escreveu bastante a seu respeito, mesmo vocês não se vendo muito naquele verão.

Pausa.

– Ela escreveu sobre mim? – pergunta Eve, com voz emocionada.

– Escreveu. Parece que vocês duas tinham uma grande amizade.

Eve funga do outro lado do telefone.

– Ela gostava muito de você – digo. – Ela sabia que você era uma amiga de verdade. Ela só estava... lidando com muitas coisas.

– Eu sei – diz Eve.

Outra pausa desconcertante.

– Você sabia que ela estava indo a um psicólogo? – pergunto.

– Não – diz Eve, parecendo genuinamente surpresa. – Mas fico contente por isso. Havia muitas coisas com as quais ela precisava lidar na época. – Ela pigarreia.

– Você acha que teriam se aproximado de novo se ela não...

– Ah, tenho certeza que sim. Éramos como irmãos. E tínhamos tantos planos. Dividiríamos o dormitório da faculdade. E depois nos inscreveríamos na Cruz Vermelha!

Contraio os lábios com firmeza.

Eve pigarreia novamente.

– Bem, aqueles últimos meses... eles foram uma aberração. Eu sabia que Shannon daria a volta por cima. Na verdade, fizemos compras com nossas mães poucos dias antes de... antes de... de ela falecer. Conversamos e choramos e nos abraçamos. Ela sentia muito, eu sentia muito, e consideramos tudo águas passadas. Mal podíamos esperar pelo início do último ano letivo.

Meu coração deu um pulo. Eve faz Shannon parecer tão esperançosa, tão otimista. No entanto, Eve não sabe de tudo; foi mais para o fim do diário que Shannon escreveu: *Quero me matar*. Se foi mesmo suicídio, Eve não fazia a mínima ideia.

E isso é um bom sinal... certo?

Eve dá mais uma fungada.

– Essa foi a última vez em que a vi, a última vez em que falei com Shannon. Sinto tanta saudade dela...

Mordo o lábio inferior, para fazer o queixo parar de tremer.

Também sinto a falta dela.

Vinte e sete

– “S... U... B... Subimergir”.

Dou um gritinho de alegria. Foi um golpe de gênio formar uma palavra a partir de imergir. Essa é a minha melhor rodada no Scrabble.

Gibs e os seus pais trocam olhares.

O meu olhar passa de um a outro.

– O que foi? – pergunto.

– Submergir, é sem a letra I – explica o pai dele, à guisa de desculpas. – B-M, e não B-I-M.

Fico de queixo caído de decepção.

– Vocês estão de brincadeira.

Eles balançam a cabeça em sincronia.

– Mas posso consultar o dicionário, se quiser – sugere Gibs.

Levanto a palma de uma mão e recolho as minhas agora inúteis pedrinhas S, U e B.

– Não, não, sei que vocês são superinteligentes e sabem isso de cabeça – murmuro, de brincadeira.

Fico observando as minhas pedrinhas de letras e considero as minhas opções, com relutância acrescento o B e o U acima do M de *imergir*, dando um suspiro exagerado.

– *Bum* é uma excelente palavra – diz a mãe de Gibs, e todos rimos da sua boa vontade.

Inspiro profundamente, saboreando o cheiro salgado da brisa do mar misturado com o aroma de camarão ao vapor que comemos no jantar cerca de uma hora antes.

Os últimos quatro dias foram incríveis, nadar com Gibs na arrebentação, passear de caiaque, juntar conchinhas na areia, assistir a filmes divertidos no sofá aconchegante até as duas da manhã e ver os fogos de artifício do 4 de Julho na praia, correr com Gibs e os pais na areia, e, agora, perder miseravelmente no Scrabble após o jantar no deque da casa de veraneio deles. Por maior que tenha sido nossa diversão, a esta altura, estou bem certa de que faço parte da “caixinha” de amigos do Gibs. O que quer que eu estivesse esperando que acontecesse para que passássemos para a categoria de casal não está acontecendo. No entanto, sabe que por mim está tudo bem? Aceito o Gibs como amigo em vez de qualquer outro garoto do planeta como namorado.

É a vez dele de jogar, e ele coça a cabeça ao estudar suas letras. Alguns segundos depois, acrescenta um P e um S ao meu *bum*. Fico olhando para ele, incrédula.

– *Bumps?* – pergunto.

– É um termo de esqui – responde ele. – E se pronuncia “bâmps”.

A família volta a trocar olhares.

– Eu me rendo! – gemo, escondendo o rosto nas mãos. – Meu ego não sobreviverá a outra rodada.

– Tudo bem – diz Gibs, levantando-se do seu lugar no chão. – De qualquer forma, prefiro dar uma caminhada na praia a jogar Scrabble.

Os pais dele e eu olhamos para o mar.

– Olhem, o sol já está se pondo – comenta a mãe dele, empurrando uma mecha de cabelo enrolado para trás da orelha.

– Então... Alguém se habilita?

– Claro. – A mãe dele e eu respondemos simultaneamente.

– Hummm... Pensando bem – ela diz –, talvez papai e eu fiquemos para terminar o jogo.

Levanto-me e limpo as mãos na parte de trás do shorts.

– Desculpem-me, mas não poderei ajudá-los na soletração – digo.

Eles riem de leve enquanto Gibs e eu seguimos para a escadaria de cedro que sai do deque à praia.

A essa altura, já estou acostumada às passadas largas do Gibs, por isso dou uma trotada para alcançá-lo assim que chegamos à areia. Os braços dele oscilam enquanto ele se encaminha para a água. O rabo de cavalo está mais crespo por causa da umidade do mar e balança a cada passo.

– Tentar acompanhar seu passo equivale a tentar acompanhar um cão galgo – digo, alguns passos mais atrás, puxando o meu rabo de cavalo que se desfazia com a brisa.

Ele se vira com um sorriso e estica a mão. Olho para ela hesitante antes de segurá-la. Dou um gritinho quando ele me puxa para mais perto, depois, relaxo os dedos para soltar a mão dele.

Contudo, ele não solta a minha. Em vez disso, continua apertando-a.

Ele observa o horizonte enquanto andamos nas espumas das ondas. A água fica batendo nos nossos tornozelos.

– Veja – digo, apontado com a mão livre para um esquiador na água. – Um bump.

Ele ri.

– BÂMP. Pronuncia-se bâmp. Mas esse cara não é um. *Bump* é um termo de esqui na neve. E não descreve o esquiador, mas as ondulações feitas na pista.

Mostro a língua para ele, que continua segurando a minha mão.

– Quem é que sabe esse tipo de coisa? – pergunto-lhe, e ele dá de ombros. – Conte-me uma coisa que você desconheça.

Ele olha para o céu.

– Hummm... não posso. Pelo visto, sei tudo.

Jogo água nele com o pé. Minha mão começa a ficar à vontade na dele.

– Estou falando sério – insisto. – Conte alguma coisa que você não saiba.

Ele olha de soslaio para mim, depois de volta para o mar.

– Não sei muitas coisas.

– Por exemplo?

– Como... o nome do meio da Britney Spears.

– Ah, eu sei, eu sei. – Levanto a mão livre. – É Jean.

– Bem, veja só – diz Gibs. – Eu conheço a definição de *bumps* e você sabe o nome do meio da Britney Spears. No fim, existe simetria neste mundo.

– Mais uma – peço, dando um salto. – Conte mais uma coisa que você não sabe e eu sei.

As sobrancelhas dele se juntam.

– Como preparar estrogonofe de carne?

Faço uma careta.

– Sei fazer de caixinha. Isso conta?

– Por mim, tudo bem.

Ainda de mãos dadas.

Gibs para de repente, finalmente soltando a minha mão. Ele se vira para mim, mas não faz contato visual.

– Aqui vai uma coisa que eu não sei – diz ele, afundando os dedos dos pés na areia molhada.

Longa pausa.

– Hum? – incito-o.

Uma onda quebra nos nossos pés.

Ele esfrega as mãos.

– Não sei como dizer a uma garota que eu a amo.

Pausa ainda maior.

– Ainda mais – continua ele – quando temos mais dois dias potencialmente constrangedores juntos na praia.

Procuro o olhar dele, mas ele não me olha. Ai, meu Deus. Ele está pronto, no fim das contas.

Rio do constrangimento dele.

– Não pode ser – digo, ainda incerta se estou entendendo bem essa guinada extrema e sensacional da nossa situação.

Ele dá de ombros.

– Pode ser, sim.

– Então... sou eu a garota?

– Hummm. Correto.

Concordo com a cabeça, toda contente.

– Puxa. Isso foi muito mais romântico do que pensei que você seria capaz de fazer.

Imagino que certa tagarelice seja o ideal para superar meu impulso de pular e me jogar nos braços dele.

Ele pressiona os lábios, ainda olhando para a areia.

– Por que sinto como se estivesse sendo avaliado?

Dou uma risadinha para ele.

– Ei, não tem problema, não. Você, definitivamente, tirou nota máxima.

Os olhos azuis escuros tremulam em minha direção, depois se desviam novamente.

Pensativa, esfrego o queixo.

– Só para ter certeza: você, vejamos... me ama?

Gibs afunda as mãos nos bolsos do shorts jeans, aperta os olhos e balança a cabeça bem devagar.

– Sou um idiota – murmura.

– Apaixonado – esclareço.

Gibs se joga na areia e cobre o rosto com as mãos. Sento-me ao seu lado e afasto-lhe as mãos.

– Está tudo bem. Também estou a fim de você. Eu só não achava que você estava nesse ponto.

Uma brisa sopra no seu cabelo quando ele me encara.

– Estou bem *neste* ponto – diz ele.

E, então, ele me beija.

Os nossos últimos dois dias na praia definitivamente são bem discretos. Nem eu nem Gibs queremos fazer demonstrações públicas

de afeto, e Deus bem sabe que não queremos que os pais dele tenham motivo para começar a dizer que casal lindo nós somos. Por isso, seguimos com a programação: Scrabble, sessões de cinema até tarde no sofá, *bodyboarding* nas ondas... Tudo aquilo que fizemos no restante da semana.

Mas, meu Deus, aquele beijo...

Os lábios salgados estavam tão suaves e úmidos. O jeito com que ele segurou meu rosto foi tão íntimo. O modo como ele manteve meu rosto junto ao dele mesmo depois de o beijo ter terminado e ficou olhando para a minha boca, como se ele tivesse se deparado com o Santo Graal... Meu Deus, foi tão intenso.

Por que pareceu tão natural? Não deveria ser preciso mais do que um beijo para deixar para trás um ano de vibrações de apenas amizade? Não deveria existir um tanto de garganta apertada, olhares esquivos, gagueiras, enquanto lidássemos com a estranheza da coisa toda?

Nada daquilo, porém, foi estranho. Num minuto ele era meu amigo, no seguinte, ele me beijava.

E tudo parecia tão certo.

Estamos arrumando as coisas para ir embora, e os pais de Gibs vão até o carro com a primeira leva de bagagem. Gibs e eu estamos na cozinha, eu com a cabeça no armário de suprimentos entregando-lhe o que sobrou dos alimentos para ele guardar numa caixa. Pelo canto do olho, vejo-o dar uma olhada para ter certeza de que os pais saíram. Ele vira rápido e me segura pela cintura.

Dou um gritinho e me viro de frente, depois derreto num beijo.

Outro beijo perfeito, longo e langoroso; úmido e suave. Distanciamo-nos, mas continuo segurando-o pelo pescoço e ele me abraça pela cintura.

– Então... quer se casar? – pergunto, e nós dois rimos.

– Passei meses beijando-a na minha imaginação – diz ele.

Não pode ser. Eu também.

– Beijar pessoalmente só pode ser encarado como uma melhora.

– Pode crer. – E ele me beija de novo.

– Puxa, Gibs – brinco. – Estou começando a achar que você quer ser o meu namorado ou algo assim.

Ele franze o nariz e sorri para mim.

– Tudo bem.

Mordo o lábio.

– Podemos fazer isso? Toda essa coisa de namorar?

Ele faz que sim.

– Acho que podemos, sim.

Dou uma risadinha.

– Não sei, não, Gibs. Arranjos de flores para o baile podem ser necessários. Recados longos e melosos nos livros de turma um do outro, fotos no Facebook, com a gente trocando olhares... Coisas assim.

Ele fita o espaço enquanto pensa a respeito, ainda me segurando nos braços.

– Tudo bem para mim – anuncia ele, por fim.

Caio na risada.

– Até parece!

– Tudo bem, mesmo – protesta ele, brincando, depois aperta os olhos, encabulado. – Confesso, talvez as fotos no Facebook sejam um pouco demais. Só quero estar com você. Definitivamente, quero beijá-la mais. Muito mais, na verdade.

Inclinamo-nos para nos beijar de novo, mas ouvimos a porta da frente se abrir e nos afastamos, apressados. Entretanto, nossos olhos ainda estão cravados um no outro.

Um detalhe a respeito dos olhos de Gibs: eles parecem dois lagos brilhantes à meia-noite, nos quais eu mergulharia nua sem ficar fria, nem molhada. Eu apenas flutuaria no seu calor sedoso.

– Os alimentos estão prontos? – pergunta a mãe dele, animada.

Ah, é mesmo, os alimentos!

Vinte e oito

— Olá, Shannon.

Sorrio sonolenta ao acariciar o diário que puxei de debaixo do colchão.

Sinto-me um tanto desleal. Passei vários dias sem tocá-lo e, para ser bem sincera, nem pensei muito nele enquanto estive na praia. Será que há algum problema em Gibs ser mais importante do que Shannon? Não sei bem, pois ainda estou tentando descobrir onde ela se encaixa na minha vida.

Bem, de qualquer forma, agora que estou de volta, estou ansiosa para me comunicar com ela de novo. Estou exausta pela longa viagem de volta para casa e, mesmo depois de uma chuveirada, ainda sinto uns grãosinhos de areia entre os dedos dos pés. Vou ter de tomar outro banho amanhã de manhã, antes de ir trabalhar. Puxa, mal consigo manter os olhos abertos e, mesmo de olhos abertos, é difícil pensar em outra coisa além de Gibs e dos seus beijos úmidos e salgados. Contudo... quero ver o que se passa com minha irmã.

Eu queria muito poder contar a ela sobre Gibs. Fico imaginando se ela gostaria dele. Shannon nos consideraria um casal legal? Ela aprovaria a minha decisão de não contar nada para mamãe, para impedir que ela comece a escolher o enxoval? E falando em namorado... será que ela finalmente readquiriu o juízo e deu o pé naquele Chris?

Abro o diário.

Segunda-feira, 5 de julho de 1993.

Que diferença um dia faz.

Ontem eu estava no topo do mundo. Passei o dia todo com Chris, Jamie e algumas outras pessoas, tomando sol e nadando o dia inteiro, depois soltando fogos de artifício à noite. Chris e eu namoramos sob a luz das estrelas. Ahhhh, eu o amo tanto... E não importa o que o doutor Deadhead diga, Chris também me ama, e sei que nosso futuro juntos será tão brilhante quanto os fogos de artifício que iluminaram o céu enquanto nos beijávamos.

Meu Deus! Por favor, diga-me que nunca vou ficar tão doente de amor a ponto de ser brega desse jeito. São passagens do diário como essas que me dizem que eu jamais seria amiga de Shannon na escola. Como ela pode ser tão incrível e ao mesmo tempo tão imatura? Continuo a ler:

Falando no doutor Deadhead, ainda bem que o consultório dele estava fechado hoje, porque, caso contrário, eu me sentiria tentada a lhe contar o que aconteceu hoje de manhã. (Brinco com ele, dizendo que ele é um espião russo, pois tem “maneiras” de me fazer falar.)

Jamie passou a noite aqui em casa depois que voltamos do lago (eu a fiz entrar sem que mamãe soubesse, para que ela não tivesse um ataque), e depois fomos para o shopping logo cedo, para que eu conseguisse voltar a tempo do meu turno na piscina, à uma da tarde.

Bem, estávamos lá, só passando o tempo, andando pelas lojas, quando Jamie tentou me convencer a comprar um perfume para ela.

Eu me neguei e, dessa vez, falei sério. Trabalho duro, cozinhando debaixo daquele sol de quarenta graus para gastar meu salário com ela. Quando penso nos jeans, camisetas e brincos que ela me convenceu a lhe comprar... Meu Deus, como sou tonta. Além disso, ela nem se mostra muito agradecida. Assim que compro o que ela me pede, já começa a implorar por outra coisa.

Nunca toquei nesse assunto com o doutor Deadhead, mas sei o que ele diria e, claro, ele teria razão.

Por isso, dessa vez, não deixei que ela me convencesse. “Não”, eu lhe disse, como se ela fosse uma menininha de dois anos de idade que não podia comer mais um biscoito. “Não, não e não.” Quando percebeu que eu falava sério, o que ela fez?

Acertou: ela pegou o frasquinho de perfume e o colocou na bolsa, flanando para fora da loja como se fosse a dona do lugar. Ela disse que esse é o truque para roubar em lojas: manter a cabeça erguida, praticamente DESAFIANDO algum funcionário que recebe salário-mínimo a perceber a sua presença.

Quase morri, implorei que ela devolvesse o perfume. Contudo, ela só riu da minha cara. Só Jamie mesmo para fazer eu me sentir uma “careta” por me opor aos seus roubos.

Pior ainda, encontramos-nos com o senhor Kibbits bem do lado de fora da loja, e eu nunca senti tanta culpa na minha vida. Ele foi ótimo, abraçou-nos, perguntou como estava indo o nosso verão. Fiquei lá, parada, gaguejando e tremendo como uma folha ao vento.

Jamie, claro, foi fria como o gelo. Até tirou o perfume da bolsa para usá-lo enquanto conversávamos com ele! Pensei que meu coração fosse explodir.

Ela chorou de tanto rir quando o senhor Kibbits finalmente se afastou, e disse que eu parecia ter uma bomba presa ao tornozelo.

Isso costumava funcionar comigo, Jamie agindo como se não fosse nada, com qualquer idiotice que fazia até eu concordar que não era lá grande coisa mesmo.

Esses dias já eram.

Claro, eu ainda a adoro, e acho que sou uma boa influência para ela (Deus do céu, que coisa mais maternal para dizer!), mas, fala sério, tudo o que parecia ser legal, já não me parece tanto assim. Pior, está mais para algo criminoso.

Com isso, não disse uma palavra nos quinze minutos seguintes, ELA, porém, se atreveu a ficar brava COMIGO. Ela saiu de perto, e

eu imaginei que voltaria logo, mas não. Ela me deixou plantada no meio do shopping! Dá para acreditar nisso? Na ÚNICA vez em que nos leva de carro, ela me abandona!

Ainda bem que alcancei o senhor Kibbits e inventei uma desculpa para precisar de uma carona para casa.

Ele conversou comigo, aconselhando-me a confiar nas pessoas certas e não permitir que as pessoas se aproveitem de mim, portanto, concluí que ele devia desconfiar o que tinha acontecido, ou pelo menos fazia ideia de que, se Jamie estava envolvida, devia haver algum problema no meio. E o que eu podia dizer? Não consegui encará-lo.

E, no fim, recebi ao menos UM TELEFONEMA da Jamie para ver se eu estava bem? Eu poderia ter sido esquartejada por um serial killer. NENHUM TELEFONEMAZINHO!

Tentei me consolar com o Chris, mas ele e o pai estavam ocupados à noite com um câmbio de carro, ou algo assim, portanto, cá estou eu, deitada na cama, escrevendo no meu diário.

Jamie deve ir à piscina amanhã durante o meu turno, e tenho certeza de que vai agir como se nada tivesse acontecido. Ela é assim. Diz que quando uma coisa passou, passou. Siga em frente.

Fácil para ela falar isso. Não foi ela quem teve de arrumar carona para voltar para casa.

Apoio o diário sobre o peito. Como eu queria esganar a Shannon agora! Uma coisa é se rebelar contra mamãe e papai, mas outra coisa muito diferente é ser uma idiota total.

Droga! Eu estava tão cansada quando peguei o diário, mas agora que a adrenalina está correndo à solta, estou inquieta. Abro-o novamente.

Segunda-feira, 12 de julho de 1993.

Acho que finalmente o doutor Deadhead entendeu.

Ele me convenceu a deixar papai e mamãe assistirem à sessão de hoje, e podíamos passar por espectadores em uma ópera.

Fiquei sentada, parada e calada, sendo muito educada, SEM DIZER NADA. Foi um tormento.

O pobre doutor Deadhead está acostumado a me ouvir disparar como uma metralhadora, mas minha língua ficou absolutamente presa quando eles entraram na sala.

Mamãe passou alguns minutos fazendo seu discurso sobre a família maravilhosa que éramos, bem relacionados na comunidade, amigos pessoais do PREFEITO, sabe, ele até foi jantar em nossa casa na semana anterior, blá-blá-blá-BLÁ.

Quando o doutor Deadhead comentou que “as aparências pareciam importantes” para ela, mamãe ficou tensa e na defensiva, dizendo que não havia nada de falso ou inventado em sua vida, e seria um crime ser um cidadão exemplar e receber o prefeito para jantar? Ela certamente não queria parecer ARROGANTE, apenas pensou que o doutor Deadhead queria entender nossa vida, e, na verdade, ela é a mulher menos pretensiosa e mais pé no chão que ele conheceria e, a propósito, Shannon já se curou da sua fase rebelde?

O doutor Deadhead foi o senhor Diplomacia, dizendo que CLARO, nós éramos uma família exemplar, que ótimo que éramos amigos do prefeito, mas que talvez, apenas talvez, muita energia estivesse sendo empregada para mostrar ao mundo que as coisas estavam muito boas, sem reconhecermos os problemas reais que tínhamos.

Ufa!

Ele não mencionou nada específico, só mencionou por alto “maneiras para que os membros da família pudessem tentar atender às suas necessidades se achassem que seus sentimentos fossem considerados inaceitáveis”, e mamãe garantiu que ela aceita TODOS os nossos sentimentos, que nossa família é praticamente uma fábrica de sentimentos, que ela é toda sentimentos e, a propósito, Shannon já se curou da sua fase rebelde?

Quando o doutor Deadhead lhe perguntou sobre a infância dela, mamãe disparou a falar como, sem querer ofender, esse papo

psicológico a irritava e que relevância tinha a infância dela nos meus “problemas”, e, a propósito, Shannon já se curou da sua fase rebelde?

O doutor Deadhead disse que entendia como mamãe se sentia, mas, se conseguíssemos levantar as questões que nos deixavam incomodados, essas questões seriam mais administráveis e isso seria muito bom.

Mamãe, porém, não arredou pé da sua posição defensiva, e papai não disse quase nada. Contudo, quando o doutor Deadhead disse que só queria nos ajudar a sermos mais felizes, foi papai quem ficou com os olhos marejados.

Então, foi assim que as coisas aconteceram no consultório do doutor Deadhead hoje. Durante o jantar, mamãe disse num tom esnobe: “Bem, ele certamente captou NOSSA essência”.

E ela achou que estava sendo sarcástica.

Fecho o diário e o abraço de encontro ao peito. *Foi papai quem ficou com os olhos marejados.* Fico me perguntando se não lhe dei o devido crédito. Talvez ele consiga se aprofundar mais do que imaginei. Quero dizer, ele se dispôs a ir a uma sessão de terapia, pelo amor de Deus! Quem haveria de acreditar nisso?

Então entendo: tudo por Shannon. Ele estava disposto a fazer tudo por Shannon, inclusive romper seu relacionamento com a vadia da igreja e voltar para o iglu de mamãe. Sinto uma punhalada no peito. Meu Deus, ele amou tanto a Shannon. Por que sinto ciúme? É ridículo. Isto é, ele também está aqui por mim, assim como esteve por ela. Agora, porém, ele só está deixando a vida passar. Sim, claro, ele me ama e blá-blá-blá, mas foi Shannon quem o fez chorar.

Por outro lado, talvez eu possa relaxar um pouco, mostrar-me um pouco mais vulnerável, abrir a minha porta só um tantinho, assim, quem sabe...

Quem sabe papai também se mostre disposto a fazer qualquer coisa por mim.

Vinte e nove

— Como é ter uma família normal?

O gira-gira range lentamente quando uma brisa quente de verão nos movimenta um pouco.

No dia seguinte ao voltarmos da praia, Gibs partiu para seu projeto de Habitat para a Humanidade e sugeriu um piquenique para hoje, no seu primeiro dia depois de ter retornado. Puxa, senti tanto a falta dele. Estamos sentados no gira-gira, comendo uvas e sanduíches de geleia e pasta de amendoim que trouxemos de casa para o almoço. Crianças estão nos balanços e nos escorregadores enquanto as mães as observam dos bancos e se ocupam em espantar os mosquitos dos seus braços.

— Normal? – pergunta Gibs.

— É. O contrário de anormal. É tudo tão claro no diário de Shannon, como nossa família é um desastre total. Tudo não passa de negação, fingimento... uma confusão, sabe?

Gibs dá de ombros.

— Toda família tem seus problemas.

Balanço a cabeça.

— Não a sua. Seus pais são incríveis. Eles são tão inteligentes e divertidos. E reais.

— Comparando-os com os seus, imaginários?

Um garoto espertinho e magricela sai em disparada e empurra uma das barras do gira-gira, escapando antes que pudéssemos reclamar.

Na verdade, ele nos faz um favor. A brisa está bem gostosa.

– Sabe o que quero dizer – digo. – Você pode conversar com seus pais. Eles prestam atenção no que você diz. Eles o aceitam pelo que você é. Como deve ser *isso*?

Gibs enfia uma uva na boca.

– Nós temos problemas.

– Diga um – desafio-o. – Cite um problema da família Brown.

Ele fica olhando para o céu azul.

– Minha mãe tem propensão a ficar deprimida.

Engulo em seco. Eu não esperava ouvir um problema de verdade.

– É mesmo? – pergunto.

Ele faz que sim, ainda olhando para além de mim.

– Ela lida com o problema, mas às vezes pode ser difícil.

Peso algumas palavras na cabeça antes de fazer minha pergunta seguinte:

– Ela toma medicação ou algo assim?

– Ela já experimentou alguns, mas só toma remédio como último recurso. Basicamente, ela se exercita, faz dieta, se mantém ocupada, escreve um diário...

– Ela também escreve um diário?

Gibs concorda com a cabeça.

– Ela escreve muito bem. Acho que o outro lado de ela ser tão talentosa é que toda essa criatividade e empatia a deixam sintonizada com *tudo*. Ela nunca consegue relaxar. E sente as coisas com muita intensidade. Fico triste por ela sentir tanto o peso das coisas, mas, ao mesmo tempo, isso é parte de quem ela é.

Seguro levemente a barra enferrujada.

– Eu não fazia ideia. Ela não *parece* deprimida.

Gibs come mais uma uva.

– Ela costuma ficar bem. E, mesmo quando não está, dá um jeito. Acho que a maioria das pessoas faz isso, pelo menos as que conseguem seguir em frente; elas lidam com os problemas e tocam a vida.

Ele afunda o calcanhar na areia e faz o gira-gira parar.

– Isto está me deixando tonto – diz ele.

Dou uma risada, um pouco aliviada por ele mudar de assunto.

– Você me convenceu a andar de *parasailing* na praia, mas não aguenta um simples gira-gira?

Ele contrai os lábios num sorriso, do jeito que ressalta ainda mais as suas covinhas.

– Você é adorável... – digo, inclinando-me na direção dele.

Ele também se aproxima e nos beijamos com as mãos dadas ao redor da barra enferrujada do gira-gira.

– Summer? Gibson?

Gibs e eu olhamos para cima, surpresos. Semicerramos os olhos contra a luz do sol e vemos Leah Rollins e Kendall Popwell.

– Oi – falo, acenando com uma mão, enquanto com a outra protejo o rosto do sol. – O que estão fazendo aqui?

– Treino da equipe de líderes de torcida – diz Leah, indicando com a cabeça a direção do centro de recreação, poucos metros adiante. Ela nos olha, intrigada. – Então, vocês agora estão juntos?

– Isso é... uma notícia a ser anunciada? – pergunto, de brincadeira.

– Claro – ela responde mas seu sorriso é amigável. – Se vocês dois usassem o Facebook como pessoas normais, nós estaríamos a par desse tipo de coisa.

Retribuo o sorriso.

– Bem, considere-se informada.

Leah se volta para Gibs.

– Já conseguiu tirar todas as farpas das mãos?

Curiosa, olho para ele.

– Falta pouco – diz ele, com simpatia.

– E as bolhas! – diz Leah, levantando as mãos para mostrá-las. – Devo ter uma dúzia de bolhas.

– Por que está com bolhas? – pergunta Kendall.

É. É isso o que eu também gostaria de saber.

– Habitat – responde Leah. – Gibs e eu participamos de um projeto do Habitat para a Humanidade no fim de semana. Faz parte do nosso

voluntariado para o BI.

Minhas sobrancelhas se unem enquanto vasculho o rosto de Gibs, procurando alguma reação. Não há nenhuma.

– Luvas – diz ele simplesmente para Leah. – Você tem de usar luvas de trabalho quando martela.

– E só *agora* você me diz.

Eles continuam jogando conversa fora por mais alguns minutos, mas o nó no meu estômago está subindo até a garganta. Sinto o sangue pulsando nos meus ouvidos.

– Summer?

Pisco com força.

– O que foi?

– Perguntei se ainda está trabalhando na floricultura da sua tia – diz Leah.

– O quê? Ah, sim, estou.

– Hummm. Bem... ei, foi ótimo encontrar vocês. É melhor eu ir para o treino – diz.

– Luvas – diz Gibs para ela quando as duas começam a se afastar. – Não se esqueça de levar luvas da próxima vez.

Elas riem de leve.

Meu olhar fica cravado em Gibs depois que elas se vão.

Ele não percebe de pronto, mas seu olhar recai sobre o meu, depois se desvia e volta para mim.

– *O que foi?* – pergunta ele.

– Leah estava com você no projeto de Habitat para a Humanidade? – pergunto.

Ele parece confuso.

– *Comigo?*

– É – digo, num tom gélido.

– Ela estava *lá* – explica ele. – Não estava *comigo*.

– Por quê? – exijo saber, sentindo-me incrivelmente mesquinha, mas não conseguindo me refrear. Um novo nó queima meu estômago.

– Por que ela estava lá?

– *Por quê?* – repete Gibs, parecendo confuso de verdade. – Acha que tenho controle sobre quem se oferece como voluntário para o Habitat?

– Você tem controle sobre o fato de me contar – falo, com o queixo trêmulo.

Ele fecha os olhos e depois os abre.

– Por que eu deveria lhe contar? Por que se importa? Quer saber quem são os outros quarenta voluntários que também estavam lá? Quer a lista dos nomes?

– Nem uma palavra sequer – murmuro, com amargura. – Você não me disse nem uma palavra a esse respeito.

Ele ergue as mãos para o alto.

– Olha só. Primeiro, esta é a primeira vez que nos vemos desde que voltei, e segundo, desde quando você me pergunta alguma coisa a respeito do meu trabalho voluntário?

– Perguntei sim! – protesto.

Gibs revira os olhos.

– Mal toquei no assunto desde que voltei do Habitat. E desde quando se importa com isso? Sejam honestos, as *minhas atividades* não têm sido o centro das nossas conversas ultimamente. Não é fácil competir com Shannon.

Escondo o rosto nas mãos, pulo do gira-gira e começo a correr, espiando por entre os dedos.

– Summer!

Ouçoo os passos de Gibs atrás de mim, por isso acelero.

– *Summer!*

Chego ao carro no estacionamento, entro e tranco a porta. Gibs está correndo em minha direção, os braços se movendo rapidamente enquanto os tênis surram o chão.

Os pneus cantam quando acelero, saindo do estacionamento.

Gibs se perde em meio a uma nuvem de poeira, ficando cada vez menor no meu espelho retrovisor, enquanto me afasto rapidamente.

Mal consigo enxergar entre as lágrimas ao sair do parque cantando pneus.

“Desacelere, idiota. Quer que mamãe e papai percam as duas filhas em acidentes de carro? E pare de descontar as suas frustrações no pobre do Gibs. Sabe com quem tem de falar. Cresça e resolva isso.”

Seco uma lágrima e tiro o pé do acelerador. “É você, Shannon?” Meu Deus, isso é ridículo. Nunca fui uma pessoa espiritual, contudo, ela... parece estar aqui. E mais, essa é uma sensação boa. Shannon faz com que eu sinta como se houvesse alguém ao meu lado. Mesmo me estapeando na cabeça para ver se crio algum juízo.

Dou uma olhada no relógio do painel. Planejei passar a hora do almoço com Gibs, mas, graças ao meu ato de diva de cinema, tenho tempo de sobra. Só preciso estar de volta à floricultura dali a trinta e cinco minutos...

“Sabe com quem tem de falar. Cresça e resolva isso.”

Respiro fundo, dou uma guinada para a esquerda e sigo para o escritório do papai.

– Querida... oi.

Papai está tão concentrado no computador que leva uns minutos para perceber que eu estava no escritório. Ele se levanta quando me vê e ajeita a gravata.

Sinto-me pouco à vontade. Estive muitas vezes no escritório dele, mas não me lembro de um dia ter aparecido sem avisar.

– Desculpe aparecer de repente...

– Alguma coisa errada? – pergunta ele, com uma pontada de urgência na voz.

– Não, não...

Sua expressão relaxa, e ele estica a mão em direção a uma cadeira.

Sento-me e aspiro o conhecido cheiro de couro. Era ali que eu me sentava tomando refrigerante quando era pequena, observando papai em seu computador ou distribuindo ordens num tom preciso e

tranquilo ao telefone, cercado por fotos escolares emolduradas de mim e da Shannon.

A tensão volta para o rosto dele.

– Você esteve chorando – observa ele.

Fico vermelha, mas emocionada por ele ter percebido.

– O que aconteceu? – pergunta ele, inclinando-se sobre a escrivaninha.

Olho de relance para a porta, para me certificar de tê-la fechado. Ouço vozes do lado de fora, porém, elas estão baixas. Temos bastante privacidade.

Uno as pontas dos dedos.

– Pai, desculpe aparecer de repente, mas sinto que se eu esperar até mais tarde, vou perder a coragem...

Seu rosto continua calmo, porém, o que quer que ele estivesse segurando, parte-se ao meio. Dou uma espiada: um lápis. O som me sobressalta.

– Querida, você está bem? – pergunta ele sério, com o maxilar travado.

– Sim, estou. Estou bem. É que... descobri uma coisa. – Olho de soslaio para ele, porém logo desvio o olhar. “Diga de uma vez, Summer.” – Descobri sobre o seu caso.

As palavras seguintes ficam pairando no ar, densas e pesadas.

Seus olhos se enchem de pesar.

– Eu sinto muito, meu amor – diz ele, num sussurro. – Isso foi há muitos anos e não significou nada.

Balanço a cabeça.

– Tudo bem. Não estou dizendo isso para que se sinta mal. – Odeio vê-lo tão triste.

– Tia Nic? – pergunta ele baixinho, e dou de ombros.

Acho que tecnicamente, sim, descobri através dela, mas não acho que papai vá suportar se eu trazer Shannon para esta conversa.

Não sei o que espero que papai faça. Se enrole em posição fetal? Comece a socar o peito? Entretanto, ele se senta bem ereto.

– Pode perguntar o que quiser – diz.

Fico sentada muda. Tenho um milhão de perguntas, mas não encontro nada para dizer.

– Não significou *nada* – repete papai. – Fui um idiota. Nunca vou me perdoar por fazer minha família passar por isso. E jamais repetirei tal coisa.

Engulo em seco e pisco, para afastar as lágrimas que se formaram repentinamente nos meus olhos, porque... porque acredito nele. É muito bom acreditar nele.

– Sei que é difícil viver com a mamãe... – digo, porém minha voz sai entrecortada.

– Sua mãe é a pessoa mais forte que conheço – diz papai, com firmeza.

Abro a boca para falar, mas papai ainda não havia terminado.

– Sei que não tenho deixado claro para você o que sinto pela sua mãe. Acho que ponho energia demais tentando fazer o que é certo: ganhar nosso sustento, chegar em casa cedo para o jantar, ajudar nos afazeres domésticos. Mas sei que deveria dizer em voz alta quanto a amo. – Seus olhos ficam marejados. – Dizer isso a *vocês duas* com mais frequência.

Tento falar, mas a minha voz fica presa. Pigarreio e começo de novo.

– Sei disso, pai. Eu também amo você.

As sobrancelhas dele se unem.

– A ironia é que o adultério foi o que estragou minha infância. Jurei nunca fazer isso com minha família.

Olho para ele, desconfiada. Nunca conheci o pai dele, pois ele morreu antes de eu nascer, mas sempre deduzi que ele e a vovó Stetson tivessem sido felizes.

– Seu avô teve diversos casos extraconjugais – diz papai, afrouxando a gravata quando o rosto enrubesceu. – Foi horrível para a minha mãe. Para todos nós. Cresci com a sensação de que deveria ficar de olho nela

a cada segundo, para garantir que ela estivesse bem. Ela costumava ficar deprimida, e os casos... a afetavam demais.

Uau! Toda essa informação esteve sempre ao meu alcance. Por que meus pais nunca me disseram nada? Por que nunca perguntei? *Minha família nunca fala de nada importante...*

– A vovó Stetson sempre me pareceu tão bem – digo, lembrando dela jogando *bridge* no Arizona ou passeando no carrinho de golfe com as amigas.

– Ela está bem – enfatiza papai. – Mas, quando meu pai era vivo, especialmente quando eu era garoto, havia sempre muita... confusão.

Olho pela janela do escritório, a luz da tarde começando a se infiltrar pela persiana.

– Todos os homens traem? – pergunto, com os olhos rasos de novo.

Papai se inclina, aproximando-se.

– Não. *Não*.

Começo a chorar, ele se levanta e me abraça. O abraço é estranho e rígido no começo – eu fico me afundando na poltrona de couro enquanto seus braços me envolvem, hesitantes –, mas, aí, eu me endireito e retribuo o abraço.

Seu abraço é tão forte que quase me deixa sem fôlego. Contudo, depois que retribuo o gesto, nós dois respiramos fundo e relaxamos. Ficamos assim por um bom tempo, só nos abraçando.

Trinta

– **T**em certeza...

Na verdade, aquela era uma pergunta e não uma afirmação. Sorri abatida para tia Nic.

– Sim, tenho certeza.

Estive bem absorta desde que voltei do almoço. Já são quase cinco horas e aquela é a quinta vez que minha tia me pergunta se estou bem. Acho que sutileza não é meu forte.

– Por que não vai para casa? Eu fecho a loja – ela diz.

– Não me importo em ficar. – “O que mais tenho para fazer?”

Ela segura meus ombros.

– Eu fecho. Pode ir.

Sorrio agradecida, vou para o fundo da loja apanho minha bolsa e aceno da porta, deixando o sino tinindo atrás de mim.

Que estupidez a minha pensar que Gibs estaria do lado de fora da floricultura, com um buquê de margaridas nas mãos!

Entro no carro e fico lá sentada. Deixo a cabeça pender sobre o volante e começo a chorar.

Puxa, como estou cansada de chorar. E deixe-me ser bem clara: costumo passar semanas, meses até, sem chorar. Foi Shannon quem me deixou assim.

Dou um salto, assustada, quando ouço uma batidinha na janela. Levanto a cabeça e vejo Gibs, com seus olhos suaves e doces. Faço um

gesto para que ele entre no carro.

Ele entra e se senta no banco do passageiro, estica-se e me abraça apertado.

– Desculpe – diz ele ao meu ouvido.

Balanço a cabeça vigorosamente.

– Sou eu quem tem de se desculpar. Puxa, Gibs, só faz duas semanas que estamos juntos e já me transformei numa namorada psicótica.

Ele sorri para mim quando nos afastamos um pouco.

Minhas sobancelhas se juntam.

– Não quero ser a minha mãe. Não quero ser uma princesa do gelo. Mas Deus bem sabe que também não quero ser uma pessoa instável, insegura, pegajosa e ridícula. Você merece mais. Talvez eu não esteja pronta para isso.

Gibs cobre meus lábios com um dedo.

– Sem denominações, sem rótulos, sem psicanálises, ok? As pessoas discutem. As pessoas se irritam. Pare de ser tão dura consigo mesma.

Procuro seu olhar.

– Se tivesse sido qualquer outra garota que não a Leah Rollins...

Ele ri da minha expressão séria, e eu retribuo a risada.

– Sabe, ela meio que roubou meu namorado no nono ano... – digo, na minha melhor imitação de patricinha.

Ele sorri, mas logo fica sério.

– Não gosto da Leah Rollins. Gosto de *você*.

Engulo em seco, estreitando os olhos ainda úmidos.

– Desculpe por ter ficado tão absorta em mim mesma durante todo o verão. É que... algumas coisas que fiquei sabendo, sobre o meu pai, todos esses segredos...

– Não vou esconder nada de você – diz Gibs, com firmeza. – Prometo.

Entrelaço os dedos nos dele.

– Também prometo.

– Acredite em nós, ok? – diz ele. – Não vamos fugir quando a situação estiver difícil. Vamos superá-la.

Faço que sim com a cabeça.

– É esse o truque?

Ele balança a cabeça.

– Nada de truques. *Esse* é o truque.

Mordo o lábio.

– Quer que eu pare de falar da Shannon?

Ele balança a cabeça de novo.

– Quero partilhar tudo com você.

Respiro fundo.

– Fui ao escritório do meu pai depois que saí do parque. Disse a ele que sabia do caso.

Gibs acena com a cabeça, incitando-me a continuar.

– Ele me contou que o pai dele traía a vovó... e que ele o odiava por isso. Ele se odeia por ter feito a mesma coisa com a família.

Gibs assente mais uma vez.

– Bom – fala, com tranquilidade. – Estou contente que tenha conversado com seu pai.

– Eu também. É como se Shannon estivesse nos forçando a sair da zona de conforto. Mas estou mais à vontade fora da minha zona de conforto do que pensei ser possível.

Gibs sorri para mim.

– Está quase no fim, sabe – digo. – O diário, quero dizer. Depois podemos conversar sobre... não sei... paredes ou calos ou qualquer outra coisa.

Ele abaixa a cabeça e ri.

– Estou interessada. Juro – digo.

– Não está, não – diz ele, reprimindo o riso.

– Tudo bem. Não estou. Mas posso fingir interesse, por você.

– Nada de fingimentos, lembra? Venha comigo da próxima vez que construirmos uma casa e verá por si só como é divertido.

– Vai levar luvas de trabalho para mim?

– Sim. Levo as luvas.

– Muito bem. – Estendo a mão e ele a aperta. – É um trato.

Leio mais uma passagem antes de dormir.

Segunda-feira, 19 de julho de 1993.

Disse ao doutor Deadhead que detestava dizer “eu disse”, mas foi o que eu disse.

Ele concordou comigo, dizendo que meus pais parecem duros de se abrir. Contudo, era o que ele esperava, e que prestou mais atenção em MIM do que NELES enquanto eles estavam na sala.

Por que não chorei, ele se perguntou, quando meu pai começou a chorar? Isto é, com que frequência eu o vejo chorar? Uma vez a cada nunca? Portanto, não foi intenso vê-lo chorar?

Sim, claro que foi. Por isso, de repente, sou uma insensível só porque não chorei ao vê-lo chorar? E assim, do nada, percebi que SIM, é isso exatamente o que eu sou, e ISSO me fez chorar. Portanto, lá estava eu chorando até não poder mais no consultório do doutor Deadhead porque NÃO CHOREI quando, ao que tudo indicava, eu deveria ter chorado. Fico para morrer quando não faço o que deveria fazer. Acho que disse isso em voz alta, porque o doutor Deadhead repetiu: “Você fica para morrer?”.

Sim, respondi, sim, sim, sim, sim. Não suporto desapontar as pessoas. Prefiro morrer a desapontá-las.

Abaixo o diário enquanto o meu coração acelera. Quero me matar.

Engulo em seco e levanto o diário de novo.

Em seguida, o doutor Deadhead parou de fazer anotações e me observou atentamente.

“Você já pensou em se machucar?”, perguntou ele.

Ponderei bastante, ainda mais depois de saber com que atenção ele ouvia o que eu dizia, pois eu queria dar a resposta certa, e logo

deduzi que a resposta certa seria a honesta e, honestamente, quem é que não pensa em fazer mal a si mesmo de vez em quando?

Por isso, respondi que sim.

Logo ele começou a fazer umas anotações, dizendo que precisava me encaminhar para um psiquiatra, e eu perguntei: “Mas você não é psiquiatra?”. Ele respondeu que não, que era psicólogo, e eu me aterrorizei imaginando que sou um caso tão perdido que preciso de uma junta médica para dar um jeito em mim.

Nem sei como, vi-me chorando por causa da Jamie ter roubado e me deixado no shopping e por causa dos boatos do Chris estar saindo com outras meninas, mas eu não acreditava nos boatos porque confio totalmente nele e nunca estive tão feliz na minha vida, e ele e eu namoramos lá no lago na noite anterior e foi tudo tão mágico...

“Mas se está tão feliz”, perguntou o doutor Deadhead, “por que está chorando?”.

Respondi que não sabia... Talvez por ele ter subtraído pontos meus da minha última consulta por eu não ter chorado quando deveria.

O meu horário já estava no fim e eu lhe disse que não poderia ir à consulta seguinte, pois estaria numa excursão do Clube Beta, e em seguida eu começaria os treinos de líder de torcida, além de o Chris ter me prometido me levar para acampar (é melhor o bobo não quebrar a promessa pela quarta vez!). Além do mais, as aulas logo recomençariam, e, apesar de eu ser grata por tudo o que ele fez por mim, talvez fosse melhor eu parar com as sessões e tocar a vida.

Ele pareceu preocupado e disse que precisaria falar com mamãe, mas achava que estávamos fazendo grandes progressos e que eu deveria continuar.

Grandes progressos? Eu só fazia chorar nessas sessões (ou levava bronca por NÃO chorar quando deveria), e de que adiantou toda aquela choradeira? Agora, ainda vou ter de arranjar um horário para um psiquiatra na minha agenda já lotada?

Depois dessa sessão, disse à mamãe que queria parar com a terapia, que só queria tocar a vida de novo. Ela disse que falaríamos sobre isso mais tarde.

Mas suspeito que mamãe esteja tão pronta quanto eu para abandonar o doutor Deadhead.

“Por favor, Shannon”, penso ao esconder o diário debaixo do colchão antes de dormir, “por favor, não deixe de ver o doutor Deadhead. Por favor, deixe-o ajudá-la”.

E, em seguida, porém, pego o diário de novo e abro no dia que acabei de ler. Meus olhos ficam pregados na data: 19 de julho de 1993. Meu Deus, fiquei tão envolvida no diário de Shannon que quase esqueci que o presente dela é o passado. *Mas suspeito que mamãe esteja tão pronta quanto eu para abandonar o doutor Deadhead.*

Ela está *mesmo* prestes a abandonar o doutor Deadhead. Ela está prestes a deixar tudo para trás.

Trinta e um

— **E**stou quase acabando.

Tia Nic olha para mim de relance da mesa de trabalho.

— Está quase acabando de conferir os recibos? — pergunta ela casualmente, enfiando um galhinho de gipsófila num vaso de rosas vermelhas.

Balanço a cabeça.

— Estou quase acabando o diário da Shannon.

Ela prende o meu olhar, deixa de lado a gipsófila e me pega pela mão.

— Você está bem?

Faço que sim, abaixando a cabeça quando os cílios tremulam.

— Só faltam mais algumas páginas. Acho que, a esta altura, eu deveria lê-lo até o fim. Mas não quero terminar de ler. — Minha garganta fica apertada.

Tia Nic me abraça.

— Sinto muito, querida — diz, com a voz trêmula. — Sinto muito que isso tenha sido difícil para você. Eu nunca deveria ter lhe dado esse diário.

Balanço a cabeça e a apoio em seu ombro.

— Fico feliz que o tenha feito. Sinto como se conhecesse a minha irmã agora.

Tia Nic empurra meus ombros, para me encarar.

– Só se lembre de uma coisa, meu amor, já lhe disse antes: o último verão da vida dela não conta toda a história.

– Eu sei – aceno com a cabeça. – Eu entendo. Mas sabe o que é o melhor? Ela está começando a se entender. Dá para saber isso pelo diário... Ela está começando a se entender.

Cruzo os braços diante do peito, estremeendo um pouco.

– Tudo o que venho lendo... deveria ser um começo e não um fim. Não quero que o diário acabe. Não quero que *ela* chegue ao fim.

Tia Nic enxuga os olhos.

– Eu sei, meu bem – sussurra ela. – Eu sei disso.

– A vida é uma droga, não é?

Tia Nic sorri em meio às lágrimas.

– A sua vida vai ser incrível, meu amor. Shannon ficaria muito feliz em saber que a irmãzinha tem um futuro tão promissor adiante.

Sorrio de volta.

Os olhos de tia Nic se iluminam.

– Vai almoçar com o Gibs hoje?

– Vou. Vamos comer hambúrguer.

– Então... quando é que a sua mãe vai ficar sabendo que vocês dois formam um casal? – pergunta ela, travessa.

– Só somos amigos – digo-lhe, mas fico vermelha quando ela me encara, revelando que sabe de tudo. – *Só amigos* – repito, rindo ao falar.

Tia Nic faz uma carranca fingida.

– Bem, se essa é a sua versão, acho que vou ter que engolir. Mas não sei por que você está fazendo tanto mistério. Sua mãe o considera absolutamente adorável, sabe...

– É, mas ela é velha demais para ele.

Ela ri.

– Só me prometa que poderei cantar no seu casamento.

– Tanto faz – murmuro, de brincadeira. – Contanto que me dê a decoração de flores de presente.

Trinta e Dois

Estico os braços, inspiro profundamente e estreito os olhos contra a luz amarela pálida do sol que invade as persianas do meu quarto naquela manhã preguiçosa de domingo.

Eve me enviou uma mensagem de texto ontem à noite, para me lembrar que está na cidade por alguns dias e para confirmar se ela e a mãe poderiam passar em nossa casa hoje à tarde. Respondi que não havia nenhum problema. Ainda não contei nada para mamãe, mas, quando chegar a hora, ela vai ficar sabendo.

Pego o diário de Shannon embaixo do colchão uma vez mais e abro na passagem seguinte.

Terça-feira, 3 de agosto de 1993.

Conhece o significado da palavra “embaraçoso”?

Mamãe e eu fomos às compras no shopping hoje com Eve e a mãe dela, na costumeira extravagância que fazemos todos os anos antes do início das aulas, de rodar o shopping inteiro e parar para comer na praça de alimentação.

Sorriso. Esse é o passeio de compras que Eve mencionou ao telefone. Esta anotação vai ter um final feliz.

Mamãe e a senhora Brice ficaram enlouquecidas com o frango agridoce sem gosto, que mais se parecia com almôndegas engorduradas com xarope de bordo com prazo de validade vencido.

Lembro-me de como ficávamos animadas, Eve e eu, com esses passeios. Na noite anterior, ela dormia aqui em casa e passávamos horas fazendo uma lista. Pulseiras de borracha ou anéis de dedo do pé? Botas Doc Martens ou tênis? Camisetas ou polos? Nós chamávamos isso de Compras Poderosas.

Isso foi antes. Agora é diferente. Nada de dormir na casa da amiga, nem de listas. Só eu e mamãe nos encontrando com Eve e a mãe dela na entrada da Macy's, seguindo-se uma infinidade de sorrisos falsos e beijos no ar. Nossas mães nos arrastaram pelos corredores, de loja em loja; Eve e eu agíamos com falsa alegria, mas sem nem olhar uma para a outra.

No fim, depois de umas duas horas e de algumas compras, lá fomos nós nos empanturrar de almôndegas engorduradas na praça de alimentação, e eu pensei que, graças a Deus, aquilo estava para terminar. Nossos passeios de compras costumavam durar o dia inteiro, mas cada minuto se arrastava como se fosse uma hora. Mesmo mamãe e a senhora Brice pareciam prontas para acabar com toda aquela alegria.

Então... hora de ir embora, certo?

Errado.

Mamãe e a senhora Brice anunciaram de repente que queriam dar uma olhada em panelas wok, ou para cozinhar no vapor, ou algo relacionado à comida. Eu disse que também iria, mas mamãe não deixou, dizendo que só levaria um minuto, e que Eve e eu deveríamos continuar sentadas, à espera delas na praça de alimentação.

E lá ficamos nós pela meia hora seguinte. Nos primeiros minutos, ativemo-nos a uma conversa neutra: o tanto de leitura que as aulas de Inglês Avançado requereriam, se haveria ou não projeto nas aulas de Química Avançada, esse tipo de coisa. Eu disse que lamentava não ter passado muito tempo com ela na excursão do Clube Beta, uma vez que ela ficou no grupo A, e eu, no B.

Foi aí que a coisa mais estranha aconteceu. Foi como se nós duas ficássemos sentimentais ao mesmo tempo.

Ela disse: “Shannon, estou com saudades de você”, e eu disse: “E eu de você”. E ficamos molengas e lamurientas como dois bebês chorões.

Pedi desculpas a Eve por ter me afastado, mas a verdade era que eu me sentia julgada por ela, e ela disse que não, nunca quis me julgar, que só não queria que eu me magoasse. Eu contei a ela como Chris e eu estávamos ÓTIMOS. Ela sorriu e disse que ficava feliz em saber disso, porém não me convenceu muito. Tanto faz.

Contudo, foi tão bom senti-la próxima de mim de novo. Ela e Chris vão aprender a gostar um do outro no fim das contas. Ela vai ceder quando vir que cara maravilhoso ele é. E logo, logo, ela também vai encontrar um cara perfeito para ela! Eu disse para ela que esse seria o nosso projeto do outono.

Último ano, LÁ VAMOS NÓS!

P.S.: Acabei cedendo e mantive o meu horário com o doutor Deadhead ontem. Ele disse que estava orgulhoso de mim, que progredimos muito e que meu futuro seria brilhante. E, quando eu sorri, ele disse que aquela era a primeira vez que me via sorrir. Sorrir de VERDADE. Um sorriso GENUÍNO. Um sorriso vindo do coração. E eu disse: “O que posso dizer? Você é o responsável por isso”.

Sorrio, pensando em Shannon e Eve se abraçando e chorando na praça de alimentação do shopping.

Mamãe e a senhora Brice devem ter armado para que Shannon e Eve ficassem um tempo sozinhas, para fazerem as pazes. Acho que a mania de controlar da minha mãe vem a calhar de vez em quando. Bem “de vez em quando” mesmo!

Último ano, LÁ VAMOS NÓS!

Ocorre-me, só naquele instante, que o meu último ano também está chegando. Isto é, claro que eu sabia disso... mas o diário de

Shannon meio que me desorientou. Estou seguindo a história dela tão atentamente que perdi a noção da minha.

Sorrio ante a colocação típica de uma líder de torcida e à pontuação: *Último ano, LÁ VAMOS NÓS!*

– Último ano, lá vou *eu* – digo em voz alta, sentindo-me uma tola esperançosa.

Um nó se forma no meu estômago.

Puxa, Shannon... como eu queria que você tivesse tido o seu último ano. Eu queria tanto isso...

Ao menos você estava feliz.

A não ser pelo fato de não estar de verdade. Não por muito tempo. Os músculos do meu estômago se contraem quando viro a página devagar, sabendo que estou próxima dos seus últimos dias de vida:

Sábado, 7 de agosto de 1993.

Adivinha o que fiz hoje à noite?

Vá em frente... Tente adivinhar.

Ah, deixa para lá, você nunca vai adivinhar.

Fiz scrapbooking com a minha avó! Essa não é a coisa mais “careta” que você já ouviu?

Mas nos divertimos a valer.

Eu devia ir a uma festa com a Jamie, mas mudei de ideia no último minuto. Nós duas saindo juntas sempre envolve o meu carro, a minha gasolina, o meu dinheiro, as minhas bijus para ela usar... blá-blá-blá-blá-blá.

Por isso, quando ela perguntou se eu queria ir a uma festa com ela e eu disse que não, ela ficou PASSADA. Não? O que ela faria? Como iria para lá? De quem “emprestaria” as roupas? (E se esqueceria de devolver.) Na casa de quem ela entraria às escondidas para passar a noite? (Pois os pais dela a trancavam para fora se não chegasse na hora estipulada.)

Claro que ela não podia dizer nada disso, então, tentou me deixar enciumada. Era melhor eu estar lá, disse ela, para ficar de olho no meu namorado.

“Mas o Chris nem está na cidade”, respondi. “Ele foi a uma exposição de carros com o pai.”

“É o que você pensa”, ela insinuou.

“É o que sei”, respondi.

Contudo, ela continuou tentando me fazer mudar de ideia. Por que eu não queria ir? O que eu faria em vez disso, meias de tricô para os órfãos com a minha amiga puritana Eve?

Isso também não funcionou (e, meu Deus, sinto tanta vergonha pelas vezes em que funcionou), por isso Jamie começou a chorar. Ela disse que eu era a sua melhor amiga, sua única amiga, e sempre fui um bom exemplo para ela, e por que, oh, meu Deus, por que eu estava jogando ela para escanteio?

As lágrimas me atingiram. “Está bem, está bem, eu vou”, disse para ela. No começo, ela ficou toda agradecida: “Obrigada, obrigada, você é a minha melhor amiga no mundo!”.

Entretanto, apenas alguns minutos mais tarde, ela me ligou de novo com a atitude arrogante de sempre, dizendo-me quais roupas e quanto dinheiro eu teria de lhe “emprestar”.

Por isso, eu disse que, no fim, não poderia mesmo ir. Ela ficou tão furiosa que bateu o telefone na minha cara.

E vovó e eu ficamos no porão, a noite inteira, colando fotos de família num papel de scrapbook e comendo marshmallow com biscoitos. Sim, ela me enlouqueceu com o seu detalhismo, mas o que posso dizer? Essa é a vovó. Pelo menos, ela não me usa.

Nunca mais vou me deixar ser usada.

Graças a Deus, Shannon começava a enxergar quem Jamie era. Viro a página para a anotação seguinte.

Terça-feira, 10 de agosto de 1993.

Alguma coisa está acontecendo com a Jamie.

Ela me ligou de manhã praticamente sem ar, dizendo que precisava me ver AGORA. Menti para ela, dizendo que estaria

ocupada o dia inteiro com um “evento familiar”. (Feliz por ter me ensinado a mentir bem, Jamie?)

“Hoje à noite, então”, ela disse.

“Puxa, desculpe”, disse eu. “Estarei ocupada à noite, também.”

Então, ela começou a chorar de novo. Ela soluçou e chorou e me disse que precisava me ver, ela tinha de me ver. Ela tinha novidades. URGENTES. (Bocejo...)

Ela me pareceu tão frenética que quase senti pena dela. Contudo, quando me lembro de quanto permiti que ela mandasse em mim, não consigo reprimir um sorriso ao vê-la se retorcer por eu estar com as cartas do jogo.

No fim, acabei concordando, eu tentaria encontrá-la. Portanto, acho que a verei amanhã.

Fico me perguntando qual é a grande novidade.

Certo, eu também fico me perguntando. Viro a página do diário. Prendo a respiração. Cá estou eu, de volta ao ponto em que tudo começou.

Quarta-feira, 11 de agosto de 1993.

Quero me matar.

Respiro fundo. Ainda faltam algumas páginas para o fim. Não sei bem como essa história vai terminar – ou sequer se Shannon vai me contar –, mas sei que não quero descobrir sozinha.

Pego o celular e ligo para o Gibs.

Trinta e três

Segurando o diário de Shannon, desço as escadas ainda com a calça de flanela do pijama e uma camiseta, para esperar pelo Gibs. Fico na entrada por um minuto, para esconder o diário dentro da bolsa, depois, ansiosa demais para ficar parada, vou até a cozinha, onde mamãe está sovando massa de pão no balcão central.

– Olá, querida – diz, sem levantar a cabeça.

Eu me apresso e encosto-me ao balcão na direção dela, tão perto que nossos narizes quase encostam. Percebo um senso de inevitabilidade a respeito das palavras que vão jorrar da minha boca. Não há volta.

– Mãe, Shannon era feliz? – pergunto, com voz trêmula. – Quero dizer... mais para o fim. Ela foi feliz?

Mamãe congela e me olha, acusatória.

– Por que tanta conversa a respeito de Shannon ultimamente? Por que está fazendo isso comigo, Summer?

Levanto as mãos no ar, estupefata.

– Por que tudo tem que ser a seu respeito? Estou perguntando sobre *Shannon*.

O queixo de mamãe empina para a frente.

– Como pode não ser uma acusação contra mim você insinuar que Shannon não era feliz? Eu era a mãe dela – ela põe uma mão sobre a boca. – Fui uma boa mãe – acrescenta, com amargura. – E sou uma

boa mãe para você também. Isso não significa que eu possa tornar a sua vida perfeita. Mas deveria *bastar*. Deveria ser o bastante para me dar um pouco de paz.

Seu lábio inferior tremula e, de repente, ela parece tão pequena e vulnerável que estendo a mão instintivamente por sobre o balcão para tocá-la. Ela ergue as mãos enfarinhadas, em um sinal de “pare”.

– Tenho sido muito paciente com você – diz entre dentes cerrados.
– Sei que tem a idade que Shannon tinha quando ela morreu e que, por isso, vai ter curiosidade a respeito dela. Tudo bem! Vamos procurar álbuns de fotografias. Vamos assistir a vídeos caseiros. Mas não sugira que fui uma mãe ruim para ela, Summer. Isso é mais do que posso suportar.

Ela trava o maxilar e volta a sovar a massa de pão, batendo e virando-a insistentemente.

– Não foi isso o que eu quis dizer, mãe. Nunca quis...

– Acho que esta conversa terminou – diz mamãe numa voz contraída, ainda sovando a massa.

Balanço a cabeça devagar, depois, antes de sair derrotada, bato no tampo do balcão com o punho, levantando uma nuvem de farinha que rapidamente se dissipa.

Mamãe nem parece notar.

Corro para o carro de Gibs, parado na entrada da minha casa, antes mesmo de ele terminar de estacionar.

Ele desliga o motor, e eu entro do lado do passageiro.

Respiro ofegante, com a boca aberta, olhando fixamente para a frente.

– Acho que Shannon se suicidou.

Ele fica parado um segundo, depois se vira para mim.

– Ela diz isso, Gibs. Quase terminei de ler o diário e ela diz: “Quero me matar”.

As sobrancelhas dele se erguem.

– Assim que comecei a ler o diário... – continuo. – Sabe, comecei a folheá-lo... E essa foi a primeira coisa que li. Eu sabia desde que comecei a ler que a morte dela pode ter sido suicídio. Agora, cheguei a essa página. O diário está quase no fim; *a vida dela* está quase no fim e ela diz que quer se matar.

Começo a chorar, e Gibs aperta a minha mão.

– Não quero continuar lendo – digo a ele. – Não quero saber.

Ele afrouxa a mão, mas mantém os dedos entrelaçados.

– Mas não saber... toda essa especulação... nada pode ser pior do que isso – diz ele. – Não é?

Balanço a cabeça.

– Saber seria pior. Se eu soubesse de verdade que poderia ter tido uma irmã a vida inteira, mas não tive porque ela cometeu uma estupidez covarde por algum motivo imaturo e idiota... isso seria pior.

A ironia me atinge um pouquinho depois. Eu nunca teria uma irmã. Lembro do que Gibs me disse quando eu lhe falei sobre Shannon: “Se você tinha de estar aqui, é como se Shannon tivesse de morrer para que isso acontecesse”.

Choro baixinho, e Gibs aperta minha mão um pouco mais.

– Acho que você precisa confiar um pouco na sua irmã – diz ele.

Dou uma fungada e esfrego os olhos.

– Às vezes, no diário, ela é tão incrível, sabe? Engraçada, real e perceptiva. Outras vezes, porém, ela é essa garotinha apaixonada sem juízo e ridícula, o tipo de garota para quem reviro os olhos na escola. E se a tola acabou ganhando no fim? E se ela teve um momento *drama-queen*⁷ que acabou definindo sua vida? E se ela se matou por causa disso? – Apoio a cabeça no encosto e olho para cima. – Eu não suportaria isso. Ficaria fura com ela. E o que eu faria com toda essa frustração? Deixaria que ela me consumisse pelo resto da vida, uma vez que Shannon não está aqui para levar uma bronca?

Gibs afaga meu cabelo.

– Tudo o que você teme são coisas pelas quais você está passando agora. Saber pode ser pior do que ficar imaginando o pior?

Penso nas palavras dele um minuto, viro a cabeça e fico olhando pelo vidro da janela.

Depois, volto-me para ele de repente e balanço a cabeça, com vigor.

– Vou terminar de ler o diário.

Ele sorri, e seus olhos azuis estão incrivelmente calorosos e carinhosos.

Inspiro profundamente, prendo o ar por um segundo, depois solto-o.

– Você pode ler comigo?

Ele faz que sim.

– Vamos em frente.

Pego o diário de dentro da bolsa e abro na última anotação.

7 Uma gíria que em português quer dizer “rainha do drama”, uma pessoa muito dramática. (N.T.)

Trinta e quatro

Passarinhos cantam e um cortador de grama ronca ao longe, enquanto, sentada ao lado de Gibs em seu carro, leio em voz alta:

Sexta-feira, 13 de agosto de 1993.

– Ela morreu no dia 16 de agosto – digo, melancólica. – Ela escreveu isto aqui três dias antes de morrer.

Recomeço a ler:

Peguei a minha grade de horário na escola.

Olho de relance para Gibs. Ela passa de “Quero morrer” para “Peguei a minha grade de horário na escola”? Continuo a ler.

Todos dizem que o primeiro ano do colegial é o mais difícil, mas vou ter umas aulas de matar neste ano, todas elas da turma avançada, o que vai me levar a fazer projetos, relatórios, redações – AARGH!

Tudo bem. Aceito todo tipo de distração que puder arranjar. De nada adianta entrar em detalhes. Tenho certeza de que todos na cidade já estão falando a respeito, e eu estou tocando a vida normalmente, como se não tivesse NADA a dizer sobre o assunto, portanto...

EM FRENTE!

Vou pegar carona com a Evie, mas tenho horário marcado com o doutor Deadhead na segunda-feira, logo após a escola, por isso vamos em carros separados no primeiro dia e nos encontramos na secretaria.

Olho de lado para Gibs de novo, mas não é necessário dizer nenhuma palavra. “Se ao menos Shannon tivesse pego carona com a Eve naquele dia... se não tivesse horário marcado com o terapeuta... se... se... se...”

Acho que vou usar o suéter azul petróleo para ir à escola na segunda-feira. É um pouco pesado e pinica, mas é o meu suéter arrasa-quarteirão. O que é uma idiotice, levando-se em conta que ele não vai estar na escola, mas a Jamie vai.

Meus olhos saem de foco, enquanto tento processar essas palavras. Depois, recaem novamente sobre o diário.

Dizem que viver bem é a melhor das vinganças.

Mas quer saber de uma coisa? Não quero vingança. Ok, talvez um pouquinho. Mas o que quero de verdade é paz. Quero a minha vida antiga de volta, aquela que eu levava antes de começar a sair com eles. Eu queria poder fazer o relógio voltar para trás.

Ou talvez não. Meu coração está partido em um milhão de pedaços, mas sou mais esperta do que costumava ser. Sinto como se tivesse passado boa parte da vida como uma boneca de porcelana protegida atrás de uma redoma de vidro. É seguro, mas é chato.

Bem, uma coisa eu posso afirmar: certamente não tenho estado entediada ultimamente. Ha, ha.

Bem, as lágrimas voltaram pela quadragésima vez hoje, e eu absolutamente me RECUSO a desabar no choro de novo, por isso vou sair para correr.

Mamãe não sabe o que está acontecendo, mas tem se mostrado toda preocupada e atenta, por isso acho que consigo arrancar dela mais uma voltinha pelo shopping. (Carinha de sorriso.)

*Não quero parecer uma criança birrenta, mas o que posso dizer?
Fazer compras sempre levanta meu astral.*

Passo o dedo pelo papel e mordo o lábio inferior. Um momento de silêncio paira no ar enquanto folheio as últimas páginas em branco do diário para que Gibs entenda o que não consigo dizer em voz alta: é isso, acabou. Aquelas foram as últimas palavras que Shannon escreveu no diário. Nunca mais ela partilhará seus pensamentos comigo. Fecho os olhos bem apertados e seguro o diário contra o peito.

– É isso – sussurra Gibs. E eu concordo com a cabeça.

O gato de um vizinho brinca nas nossas roseiras. O cortador de grama ainda está ligado. O barulho dos carros entra e sai da minha mente: as pessoas vão à igreja, ao parque, estão tocando a vida...

– Agora já sabe que ela não se suicidou – diz Gibs, com suavidade.

Olho de soslaio para ele.

– Acha mesmo?

Ele confirma.

– É óbvio. Ela só fala no futuro. O que quer que Chris e Jamie tenham feito para magoá-la... ela está tocando a vida.

Faço que sim, mas meus olhos se enchem de lágrimas.

– Espero que tenha sido assim. Mas sabe, ela era meio instável. Na segunda-feira, ela podia estar deprimida de novo.

Gibs balança a cabeça.

– Não acredito nisso. Ela me parece bem forte.

Meus olhos se suavizam.

– Ela era, não era?

Ele faz que sim.

– Ela me lembra muito você.

Sorrio para ele, e Gibs pega a minha mão e a apoia no seu peito.

– Pode ir comigo resolver um assunto amanhã? – peço-lhe. – Não posso ir hoje porque Eve e a mãe dela vêm aqui mais tarde. Mas...

– Claro. O que é?

Respiro fundo.

- Quero falar com o Chris.

Trinta e cinco

— O qu...

A expressão aturdida de mamãe dura só um milésimo de segundo, e depois é substituída pelo seu Sorriso de Anfitriã com marca registrada.

Era com isso que eu contava. Fiquei pensando se deveria ou não falar sobre a visita de Eve e da mãe. Mas isso levaria a um inquérito e à preparação de café, portanto, optei por deixá-las aparecer na nossa porta, sabendo que quaisquer emoções que mamãe tivesse seriam subjugadas pela boa educação.

— Ai, meu Deus! — exclama a senhora Brice. — Summer não lhe disse que viríamos? Ah, Susanne, estou tão embaraçada!

— Não, não! Não seja boba! Entrem, entrem!

Mamãe já assumiu completamente o papel de anfitriã.

— Não, Susanne, não precisamos ficar. Eu só deduzi que Summer iria... — A senhora Brice me lança um olhar aborrecido, mas que se suaviza com um sorriso.

Mamãe está mostrando o caminho até a sala de estar para Eve e para a senhora Brice com um gesto amplo de braço. Uma unha muito benfeita aponta para o sofá.

— Sentem-se, sentem-se!

Mamãe e eu nos sentamos nas poltronas, enquanto elas se acomodam no sofá.

– Bem... – ela diz. – Puxa vida! Quanto tempo faz que não nos vemos?

A senhora Brice abaixa o rosto.

– Susanne, eu me sinto muito mal por não ter mantido contato.

Eve concorda, desviando os olhos azuis claros e ajeitando o cabelo loiro atrás da orelha. Seu rosto ligeiramente sardento lembra o de uma colegial.

– Tolice! – exclama mamãe, jovial. – O tempo parece escorrer pelos nossos dedos, não é mesmo? Mas estamos juntas agora! É isso o que conta.

Ela junta as mãos e se vira para Eve.

– Evie! Conte-me tudo.

Uma pausa constrangedora se segue.

A senhora Brice pigarreja.

– Susanne, você claramente não estava nos esperando. Sinto muito. Não sei no que pensei ao não ligar antes. De verdade, só passamos para dizer olá, mas temos de ir...

O sorriso de mamãe continua atento, como um sargento que acaba de soprar um apito.

– Vocês vão ficar exatamente onde estão! – Ela faz um sim abrupto com a cabeça. – Lamento muito parecer... confusa. Summer consegue sempre me surpreender. Mas esta é uma surpresa maravilhosa! Sinceramente, ter vocês aqui hoje... alegre o meu dia!

– Onde está o senhor Stetson? – pergunta Eve.

– Onde você acha? – responde mamãe, toda jovial. – Jogando golfe, claro! Algumas coisas nunca mudam. Evie, conte-me o que anda fazendo. Sei que se casou. Três filhos, certo?

Eve parece querer ter um botão ejetor de assento, no entanto, consegue retribuir o sorriso de mamãe.

– É verdade... Dois meninos, de oito e dez anos, e minha menininha tem apenas dois. – O sorriso continua estampado em seu rosto, mas as sobrancelhas se mexem, como se estivessem pedindo desculpas.

Mamãe mexe no colar de pérolas.

– A pequena Evie, mãe de três! Está morando em Charlotte?

– Sim, em Charlotte. – Seu olhar continua inquieto. – Meu marido trabalha com computadores.

– Isso mesmo! – comenta alegre mamãe. – Vocês se conheceram na faculdade, não é?

Eve abre a boca, mas nenhuma palavra sai. Seu rosto fica todo enrugado, como uma folha de repolho, e seus olhos se enchem de lágrimas.

– Eu deveria tê-la convidado para o casamento. – Ela deixa um soluço escapar e depois surpreende a todos, levantando-se e indo para perto de mamãe para abraçá-la.

As sobrelhas de mamãe se arqueiam, mas seu sorriso permanece intacto. Ela tenta se levantar, mas o peso de Eve a pressiona contra a poltrona. Mamãe lança olhares nervosos para a senhora Brice e para mim.

– Evie, querida! – O tom de voz de mamãe tenta ser de simpatia, mas não consegue esconder uma pontada de irritação, como se um bandido a mantivesse como refém na mira de uma pistola e ela estivesse tentando fazê-lo voltar a raciocinar para libertá-la.

Os soluços de Evie disparam, parecendo um trem de carga. Seu corpo inteiro sacode enquanto ela se agarra ainda mais a mamãe, chorando em seu ombro. A expressão de mamãe fica cada vez mais desesperada.

– Evie, meu bem... – diz a senhora Brice com gentileza.

– Não! – protesta Eve, com convicção assustadora, seu rosto ainda está escondido no pescoço de mamãe. – Quis abraçá-la por tanto tempo, senhora Stetson! Sinto muito não ter conseguido fazê-lo antes. Eu temia que isso fosse lhe causar mais dor. Sinto tanto por Shannon. Sinto tanta saudade dela.

Mamãe parece prestes a se afogar.

– Eve! – diz a senhora Brice com firmeza. – Sei que está triste, querida, mas a pobre senhora Stetson mal pode respirar.

No entanto, Eve não a solta. Suas costas sobem e descem no compasso dos soluços de choro.

Tenho de admitir, observo toda a cena com a objetividade de um antropólogo: mamãe sendo carregada pela força de um *tsunami*, perdendo seu renomado controle, presa à poltrona, suas habilidades sociais sendo testadas pelo seu mais absoluto desconforto. Minha fascinação não tem limites.

Mas a dor de Eve... é tão pungente, tão intensa. Enquanto ela continua a chorar no ombro de mamãe, e mamãe passa a lhe acariciar sem jeito os cabelos, descubro que meus olhos também estão marejados. Um soluço está preso na minha garganta. Pigarreio e percebo que a senhora Brice também está chorando. Seu rosto está escondido nas mãos e os ombros tremem.

– Já chega, Eve, querida – diz mamãe. Sei que ela não tem a intenção de parecer fria, mas a voz severa é tão dissonante com a nossa torrente de lágrimas que todos os olhos recaem sobre ela. Ela pigarreia e tenta novamente. – Acho que o que todas nós precisamos é de um bom chocolate quente.

Eve se afasta e a encara. E, depois, como se os últimos momentos já não fossem bem bizarros, ela dá uma gargalhada.

Mamãe a fita, sobressaltada. Eve ri ainda mais... É uma gargalhada catártica.

– Costumávamos achar isso tão engraçado – diz Eve, seu rosto ainda tão perto que ela deve sentir a respiração de mamãe.

– O q...?

– Shannon e eu costumávamos rir porque a senhora achava que tudo podia ficar melhor com chocolate quente. Sem acompanhante para o baile? O que vocês precisam é de duas canecas de chocolate quente! O cachorro devorou o projeto de Ciências de vocês? Chocolate quente resolverá seus problemas! Um asteroide destrói o hemisfério Norte? Bem, que tal prepararmos chocolate quente?

Os olhos de Eve cintilam e ela ri um pouco mais. Ela estica a mão, como se quisesse tocar no rosto de mamãe, mas desiste no último

instante.

Porque, agora, quem chora é a minha mãe.

Mordo o lábio. Mamãe não se mostra vulnerável ante quase duas décadas de pesar e dor, mas embarçá-la faz com que ela se transforme em gelatina.

– Eu não sabia que vocês caçoavam de mim – diz, com uma voz irritada.

– Ah, senhora Stetson... Não! Não, senhora Stetson, não foi isso o que eu quis dizer. Nós não caçoávamos da senhora. Adorávamos como a senhora conseguia fazer tudo melhorar com o seu chocolate. Não vê que fonte de conforto a senhora era para nós?

Mamãe faz um gesto de dispensa com a mão.

– Ah, senhora Stetson... – continua Eve, hesitante.

A mão de mamãe ainda gesticula: *tanto faz, que seja...*

Mas que droga. Por que lhe é mais fácil ser fria a demonstrar tristeza?

– Sabe como a chamávamos? – persiste Eve.

Mamãe a fita, enxugando os olhos enquanto pisca para afastar as lágrimas.

– Nós a chamávamos de Sue-nami. Sue, por causa de Susanne. A senhora sempre foi uma força da natureza. Nós nos maravilhávamos.

Observamos atentamente o rosto de mamãe. Isso poderia terminar muito mal.

– Sue-nami? Como *tsunami*, a onda gigante? – pergunta mamãe.

Eve faz que sim, rindo em meio às lágrimas.

E, então, mamãe também começa a rir. A chorar e a rir ao mesmo tempo. Os dedos de Eve se entrelaçam com os de mamãe. As juntas ficam brancas, tamanha a força empregada.

– Vocês não foram as únicas a dar apelidos – diz mamãe, com os olhos cintilantes. – Lembra-se de quando você e Shannon colocaram água sanitária na máquina de lavar porque o sabão em pó tinha terminado?

Uma gargalhada escapa dos lábios de Eve.

– Shannon era Imaculada e eu era Cândia!

Mamãe ri com mais intensidade.

– A sua mãe e eu tivemos de comprar uniformes de líder de torcida para que os nossos Diabos Vermelhos não ficassem cor-de-rosa!

– Sessenta dólares cada um! – intervém a senhora Brice com alegria, rindo com elas.

– Ai, ai... – diz Eve. – E não se esqueça de que quase ateamos fogo na sua cozinha quando assamos nosso primeiro bolo.

– “Assar” é a palavra decisiva – diz mamãe, num tom de bronca fingida. Ela olha para mim para explicar o que havia de engraçado na história: – Elas quase o carbonizaram!

Ela ri com tanta intensidade que está quase caindo sem forças.

– Pelo menos elas não pintaram a sua cozinha! – exclama a mãe de Eve. – Essa foi a minha surpresa de Dia das Mães um ano. Surpresa! A sua cozinha agora é cor-de-rosa!

– Para combinar com nossos uniformes – diz Eve. Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

O sol começa a se pôr e um raio alaranjado entra pelas persianas, colorindo nosso rosto.

– Nunca ouvi essa história do bolo ou a dos uniformes – digo, com suavidade.

Mamãe olha para mim calorosamente.

– Há tantas histórias – diz. – Por onde começar?

Não sei... Pelo começo? Pelo meio? Que diferença faz por onde se começa desde que se comece? Ah, puxa... talvez estejamos começando agora.

Mamãe e eu estamos lavando os pratos quando ouvimos a porta da frente se abrir.

– Alguém em casa? – chama tia Nic no hall de entrada.

Mamãe olha por sobre o ombro.

– Entre, entre – diz. – Por que tanta cerimônia? – Mamãe me cutuca de brincadeira enquanto enxugo uma xícara de porcelana.

Tia Nic se junta a nós na cozinha.

– Louça do jantar? – deduz.

– Chá da tarde – eu a corrijo, fazendo uma mesura. – Tivemos convidados.

Ela puxa uma cadeira e se acomoda.

– Quem?

Estico a mão para pegar outra xícara ensaboada que mamãe está lavando, porém, ela não deixa.

– Vá se sentar com a sua tia – ela diz. – Eu termino.

Sento-me ao lado de tia Nic enquanto mamãe passa a esponja na louça até ela começar a chiar.

– Carole e Eve Brice nos fizeram uma visita – explica mamãe, tentando um tom casual.

Tia Nic pisca, em surpresa.

– Está brincando! Puxa vida, mas faz quantos anos? Qual a idade de Eve agora? Ela deve estar... sei lá... com trinta e poucos?

Silêncio.

Tia Nic e eu trocamos olhares confusos, depois olhamos de volta para mamãe ali na pia. *Squish, squish, squish* na louça.

O olhar de tia Nic procura no meu uma explicação. Dou de ombros.

– Mãe, você ouviu a tia Nic?

Squish, squish, squish.

Contudo, de repente, o barulho para. Mamãe fica imóvel em seu lugar até os ombros começarem a sacudir. Ela abaixa a cabeça e um soluço sai da sua garganta.

– Sue...!

Mamãe se vira em nossa direção, e seus olhos azuis estão brilhantes por causa de lágrimas. A xícara em sua mão escorrega e cai no azulejo, quebrando-se em centenas de pedacinhos. Tia Nic e eu arfamos e

damos um salto. Mamãe levanta a mão, tentando evitar que nos aproximemos.

– Fiquem onde estão – diz entre soluços. – Vocês vão se cortar.

Nós a ignoramos, correndo para envolvê-la nos braços.

– Os cacos! – choraminga mamãe. – Vocês vão se cortar.

– Não nos importamos com os cacos! – diz tia Nic, pressionando o rosto de mamãe em seu ombro.

– Vocês vão se machucar! – insiste mamãe, mas não estamos prestando atenção. Nós só a abraçamos, os dedos de tia Nic entrelaçados nos meus enquanto afago o cabelo de mamãe.

– Tenho de limpar isto – diz mamãe, mas sua voz sai baixa, derrotada. Ela se deixa cair sobre nós, e nós forçamos os braços para segurar seu peso. Os soluços brotam do seu íntimo.

– Está tudo bem – sussurra tia Nic em seu ouvido. – Está tudo bem, Su-Su.

Ficamos assim por um bom tempo. Nossas cabeças de lado, apoiadas no ombro da outra. Nossos braços afagam as costas uma da outra.

– Sinto saudades da minha filha – geme mamãe, depois se sacode com mais um soluço que brota do peito.

– Eu sei. – Tia Nic tenta acalmá-la. – Eu sei.

– A culpa é minha – digo. – Eu não deveria ter procurado Eve. Não quis entristecê-la, mãe.

As costas dela subitamente se enrijecem, e ela se afasta de nós.

– Por que a procurou? – pergunta.

Tento interpretar a sua expressão. Raiva? Acusação? Traição? Levo a mão à boca, tentando encontrar as palavras certas.

– Não sei – digo, olhando para os cacos no chão. – Eu precisava conhecê-la, mãe. Você nunca fala sobre a Shannon, além das coisas superficiais. Quero conhecer minha irmã, mas não quis magoá-la.

Ela segura meu rosto entre as palmas das mãos, frias contra a minha pele.

– Fico contente que a tenha procurado.

Meu rosto se contrai.

– Mas isso fez você chorar.

Mamãe balança a cabeça.

– Chorar não é um problema, meu amor. Minha querida filhinha... – ela diz, e seus olhos borrados pelo choro prendem os meus por um tempão.

No entanto, em seguida, ela abaixa a mão para o colarinho da blusa e diz:

– Devo estar um horror. Deixe-me lavar o rosto.

Os cacos trituram de leve debaixo dos seus sapatos quando ela se encaminha para fora da cozinha.

Tia Nic sorri de repente.

– Não consigo acreditar – diz, e mamãe se vira para ver do que ela está falando. – É a primeira vez que você dá as costas para uma bagunça – diz tia para mamãe.

Mamãe fica encabulada.

– Ai, os cacos!

Ela começa a se apressar de volta para a cozinha, mas tia Nic a expulsa.

– Pode deixar, nós cuidamos disso – ela garante.

Mamãe hesita, mas sorri e sai da cozinha.

Tia Nicole e eu nos abaixamos para catar os cacos espalhados.

– Será que eu devo contar para ela? – pergunto.

Ela olha para mim sem entender.

– Será que devo contar sobre o diário para mamãe? Ela não merece saber?

O olhar de tia Nic fica preso ao meu.

– Não sei o que lhe dizer, meu bem. Sinto muito tê-la colocado nessa situação difícil.

Pego mais um caco do chão.

De repente, aquela já não me parece mais uma posição tão difícil.

Trinta e seis

– Posso ajudá-la?

– Hummm...

Fico olhando para a morena gorducha que acabou de abrir a porta do apartamento com um bebê no colo. Ela está usando shorts e uma camiseta grande demais para o seu tamanho. As sobrancelhas parecem travadas num V eterno, fazendo com que ela pareça estar zangada.

Mesmo quando ela arqueia as sobrancelhas (como faz agora, numa dica para que eu diga alguma coisa), o V permanece no lugar.

Caramba! Por que não imaginei que outra pessoa que não fosse o Chris pudesse atender à porta?

– Hum... – repito. – Estou procurando por Chris Ferguson. Ele está?

Ela estreita o olhar.

– Ele frequentou a Chapel Heights High School, certo? – pergunto, afastando uma mecha de cabelo para trás da orelha.

– E daí?

– Sou aluna do último ano na Chapel Heights. Bem, serei no outono. Estamos fazendo uma pesquisa com os ex-alunos. Pensei que talvez ele estivesse disposto a responder a algumas perguntas.

Ela vira a cabeça de lado.

– Chris! – ela grita.

Ficamos paradas um minuto, o bebê esticando a mãozinha rechonchuda em minha direção.

– Chris! – ela grita mais uma vez.

Puxa, o pobre bebezinho tem de ficar olhando para aquela carranca o tempo inteiro!

Ouçoo passos vagarosos se aproximando da porta.

E, então, eu o vejo.

Ele me olha sem interesse. Inclino-me ligeiramente para a frente, observando-o com atenção. Ele tem uma barriguinha, o cabelo loiro está sujo, e ele está ficando calvo. Suas feições são simétricas e até agradáveis, imagino que teve uma beleza potencial há alguns anos. Contudo, hoje, ele está na média, como aquele cara da recepção que você nem nota quando vai falar com a pessoa do escritório que realmente resolverá seu problema. O tipo de homem que ninguém percebe.

O que Shannon viu nele?

Agora é ele quem está fazendo aquela coisa de levantar a sobrancelha, à espera de uma explicação.

A morena se vira e desaparece dentro do apartamento com o bebê.

Respiro fundo.

– Sou a irmã de Shannon Stetson.

Uma ligeira centelha de surpresa passa pelo seu olhar. Ele fica em silêncio um segundo, depois, fecha a porta atrás de si e se aproxima de mim no hall, fazendo-me recuar.

– O que você quer? – pergunta ele, com voz baixa.

Tenho de levantar a cabeça para fitá-lo. Não percebi quanto ele era alto até sentir a sua respiração no meu rosto. Sinto os joelhos tremularem ligeiramente.

– Você namorou a Shannon antes de ela morrer... certo?

Ele me observa por um instante, depois concorda quase que imperceptivelmente.

– Mas vocês terminaram? – continuo. – Pouco antes de ela morrer?

Ele sustenta meu olhar.

– Ok – diz ele.

Não sei o que isso significa.

– Por que vocês terminaram?

Ele esfrega o queixo.

– Por que está aqui?

– Eu só... Não sei. Ela escreveu um diário antes de morrer. Eu o estou lendo. Ela escreveu a seu respeito.

Seu maxilar se contrai. Dá para saber que há palavras quicando em sua mente.

– Ela era uma boa garota. – É o que ele acaba dizendo. – Não tenho nada mais a dizer.

Respiro fundo.

– Vou me encontrar com Jamie mais tarde – deixo a mentira escapar tão rápido que nem me lembro de tê-la formulado na cabeça antes.

Chris parece... O quê? Bravo? Em pânico?

– Mas que diabos? – diz, esfregando o queixo novamente. – Por que está cavoucando essa história?

Acho que agora preendi a atenção dele.

– Jamie me disse que...

– Jamie engravidou *de propósito*.

Fico de queixo caído um microssegundo. Fecho a boca e sugo o lábio inferior.

– Certo – digo, tentando parecer calma, até mesmo entediada. – Shannon descobriu que Jamie estava grávida e depois...

– Jamie estava sempre atrás de mim – diz Chris, quase cuspiendo as palavras. – Ela era uma praga.

Mordo o lábio inferior, forçando meu rosto a continuar impassível. Afasto uma mecha de cabelo que o vento levou para o meu rosto.

– Ela fingiu ser amiga de Shannon só para ficar comigo – continua Chris, cerrando os punhos. – Eu disse a Shannon que a garota só traria problemas.

– E mesmo assim... você e Jamie acabaram juntos. – Essa foi a frase mais afável que consegui formular. Não queria que ele ficasse na defensiva.

– *Uma vez* – diz Chris, de olhos arregalados. – Baixei a guarda só uma vez. E isso bastou. – Ele enfia as mãos nos bolsos com o rosto rubro. E balança a cabeça bem devagar.

– Certo. Então, você contou para Shannon que Jamie estava grávida. – Estou tentando parecer tão casual que há quem poderia pensar que estou discutindo sobre o tempo.

Os olhos de Chris piscam para mim.

– Jamie contou para ela – murmura ele, com a indignação ainda evidente na voz. – Shannon nunca mais quis falar comigo.

Engulo em seco.

– Depois disso, Jamie teve o bebê e...

Uma veia no pescoço dele lateja.

– Ela lhe disse que teve o meu filho?

– Hummm...

Chris me encara, cheio de suspeitas.

– O que Jamie lhe disse?

Sinto meu rosto queimar.

– Nada... nada. Ainda não conversei com ela. Vou me encontrar com ela mais tarde, lembra?

Ele balança um dedo na minha frente.

– Bem, não acredite em nada do que ela disser. Aquela louca é uma mentirosa.

Olho para ele, ansiosa.

– Então, ela não teve o bebê?

Ele me fita, desconfiado.

– Está armando alguma para cima de mim?

Droga. Cruzo os braços diante do peito, mudo de posição e fico olhando para os meus tênis.

– Não, eu só...

– Olha aqui, não sei o que você sabe ou o que você não sabe, ou por que diabos apareceu na minha porta, mas eu já disse tudo o que tinha para dizer. – Ele se vira e abre a porta.

– Espere... – Meus olhos se enchem de lágrimas. – Você a amava?

– Se eu amava Jamie?

Fico de queixo caído de novo.

– Não. Shannon. Você amava a Shannon?

Minha irmã, seu idiota.

Ele dá de ombros.

– Shannon? Claro.

Ai, meu Deus. Ele soa como se estivesse comentando sobre o seu time de futebol preferido.

Cerro os dentes.

– Porque ela o amava, sabia?

Ele abaixa o olhar.

– *Ela amava você* – repito, com a voz trêmula.

Ele coça a nuca.

– É. – Ele parece confuso. – A gente era criança, sabe?

Imbecil. Esse cretino estúpido com quem Shannon queria se casar, passar o resto da vida ao seu lado, estava transando com a melhor amiga dela pelas costas e fazendo pouco caso de Shannon, como se ela fosse a garota que lhe servia de trás do balcão da sorveteria.

– Você pelo menos foi ao enterro dela? – Sugo o lábio inferior, para que ele pare de tremer.

A raiva trespassa o rosto dele, mas logo sua expressão se suaviza.

– Fiquei arrasado quando ela morreu – murmura ele. – Ainda mais porque nunca pude me explicar... – suspira. – Acho que não havia nada para explicar. Mas eu senti muito. Quis muito que ela tivesse me deixado dizer quanto eu lamentava.

Uma lágrima rola pelo meu rosto e eu respiro fundo.

– Você acha que ela atingiu aquela árvore de propósito?

Seus ombros enrijecem.

– De propósito? Quer dizer, por causa do...

Ele nem consegue entender alguém estar tão arrasado, traído, a ponto de querer morrer.

– Não – diz enfaticamente, mas é óbvio que ele estava pensando naquilo pela primeira vez.

Cretino. Será que ele perdeu sequer uma noite de sono por causa da morte de Shannon?

Cruzo os braços diante do peito, tremendo, mesmo no calor úmido de trinta graus. O que quero dele? Uma vida de arrependimentos?

Não sei, mas não posso suportar que ele reduza Shannon a apenas uma inconsequência, uma coisa à toa.

– Eu queria tanto ter estado aqui para proteger minha irmã de caras como você.

Chris planta uma mão no quadril e sacode o dedo na minha direção de novo.

– Como já disse, não sei por que veio me procurar, mas o passado é passado. E basta.

Ele se vira, abre a porta com um floreio, depois a fecha num baque atrás de si.

E basta.

As solas de borracha dos meus tênis ressoam no concreto dos degraus do edifício. *Tum, tum, tum*. Chego ao térreo e corro para o carro do Gibs, no estacionamento.

Ele sai do carro quando me aproximo. Eu me deixo cair em seus braços, chorando.

– Idiota. Cretino – murmuro.

– O que ele disse? – pergunta Gibs, empurrando meus ombros para poder me olhar nos olhos.

Balanço a cabeça, apertando os olhos e fazendo mais lágrimas rolarem.

– Ela não significou nada para ele. Um namorico! Ele nunca nem pensou que ela pudesse ter acabado com o carro de propósito.

– Ele disse isso?

Faço que sim.

– Entre outras coisas. Lembra da Jamie, a “melhor amiga”?

O olhar de Gibbs pede para que eu continue.

– Ele a engravidou. Chris a engravidou! Foi isso que magoou tanto a Shannon.

Gibbs solta o ar, devagar.

– Tudo não passou de mais um caso de verão para ele – digo, amarga. – Shannon foi apenas uma menina bonitinha com quem ele podia passar o tempo. Contanto que tivesse o que queria, estava feliz. E, depois, quando se entediasse... iria para a garota seguinte.

Gibbs entrelaça os dedos nos meus.

– Acho que a maioria dos rapazes dessa idade só consegue fazer isso mesmo.

Balanço a cabeça.

– Por que ela não podia ter conhecido alguém como você?

Seus lindos olhos azuis escuros se mostram carinhosos. Normalmente quando o elogio, ele abaixa a cabeça, mas, desta vez, seus olhos ficam presos aos meus.

– Obrigado – diz, com suavidade.

Uma brisa bagunça meu cabelo.

– Ela queria casar com ele – digo, revirando os olhos ante tanta estupidez. – Shannon era tão inteligente, mas queria passar o resto da vida ao lado desse cara idiota e superficial. Se ao menos ela tivesse dado ouvidos a mamãe.

Gibbs me observa atentamente, depois um sorriso muito leve nasce em seus lábios.

Abaixo a cabeça e dou uma risada. Estou tão pasma quanto ele pelo que acabei de dizer.

Trinta e sete

— Com licença...

Eu não tinha planejado parar na sala do senhor Kibbits. É dia de matrícula na escola e vou até o refeitório para buscar a minha grade de horário. Foi enquanto eu estava na fila de N a Z, sorrindo à vontade para os rostos familiares pelos arredores, que decidi aparecer na sala dele. Estou contente por não ter pensado nisso antes. Não faço ideia do que vou lhe dizer. Nem sabia se ele estaria lá.

Mas ele está.

— Summer! — diz alegre, levantando o olhar da escrivinha ao perceber que estou parada na soleira da porta. Seu cabelo parece ter sido recém-cortado, emoldurando o rosto de aparência jovem. A gravata está frouxa. — Entre, entre! — diz, olhando de relance para o pedaço de papel que estou segurando. — Algum problema com a sua grade de horário?

Balanço a cabeça.

Ele sorri.

— Não achei mesmo que fosse isso. Entre e sente-se.

Ele indica com a cabeça a cadeira diante da escrivinha, depois se levanta e gesticula para que eu me aproxime.

Sento-me enquanto ele junta os papéis em uma pilha sobre a mesa e a coloca de lado. Ele cruza os braços, recosta-se para trás casualmente e me fita nos olhos.

– Então... como tem passado?

Puxo uma mecha de cabelo.

– Bem. Eu só queria dar um alô.

Ele faz uma pausa e observa meu rosto.

– Acabou de ler o diário da Shannon?

Abaixo o olhar e fito meus dedos.

– *Ela* não terminou – digo, com suavidade. – A vida simplesmente... a deixou em suspenso, entende?

Ele faz uma pausa e concorda.

– Acho que é isso o que acontece com todos no fim. Num dia estamos aqui, no outro, não mais. – Ele pigarreia. – Não quis parecer insensível – esclarece.

– Sem problemas – insisto. – Sei que é uma droga ela ter morrido tão jovem, mas acho que estou começando a aceitar. Num dia estamos aqui, no outro, não, e a vida continua.

Olho de soslaio para ele.

– Sabia que o namorado da Shannon engravidou a melhor amiga dela?

O senhor Kibbits fica corado e olha para o colo.

– Houve boatos.

– Jamie teve o bebê?

Ele ajeita o nó da gravata.

– Não. Ela frequentou a escola naquele outono.

– Aborto?

Ele volta a corar.

– Não sei, Summer. Talvez tenha sido um aborto espontâneo. Nunca conheci Jamie muito bem e acho que ela abandonou a escola antes mesmo de se formar. Mas ela frequentou as aulas boa parte do ano e ficou claro que não estava grávida. Qualquer que tenha sido o motivo, a gravidez dela não durou muito.

– E Chris? – insisto. – Ela e Chris ficaram juntos?

Ele balança a cabeça vigorosamente.

– Acho que nunca namoraram.

Claro. Ela só estava com o filho dele no ventre. Jamie não significou nada para Chris. Pela primeira vez, sinto uma pontada de pena dela.

Respiro fundo, depois o encaro.

– Acha que Shannon atirou o carro de propósito naquela árvore?

Dá para ver que o senhor Kibbits quer desviar o olhar, mas se força a sustentar o meu. Ouço o tique-taque do relógio, enquanto os segundos se arrastam.

– Não – responde ele por fim, com a voz firme. – Shannon era uma garota muito inteligente e ajuizada. Tinha a vida inteira pela frente. – Ele faz uma pausa. – Ela não... deu indícios de nada desse tipo no diário, deu?

Seguro o papel com mais força.

– Ela descobriu que Jamie estava grávida pouco antes de morrer. E estava muito magoada.

As sobrancelhas do senhor Kibbits se unem.

– Mas uns dias depois de saber de tudo, ela escreveu sobre pegar a grade de horário na escola... assim como estou fazendo agora – continuo. – Tenho certeza de que ainda estava magoada, mas a passagem que escreveu foi... não sei explicar... foi factual.

No relógio, passam-se mais alguns segundos.

– Ela não teria vindo buscar a grade de horário, não teria agido de modo tão pragmático, se estivesse planejando... – Minha voz se perde no meio da frase.

O senhor Kibbits concorda rapidamente, como se estivesse tentando convencer tanto a si próprio quanto a mim ao mesmo tempo.

– Isso mesmo. Ela estava tocando a vida.

– Essa foi a última anotação do diário – digo. – Na quarta-feira daquela semana, ela soube do que aconteceu com Jamie. Ela escreveu: “Quero me matar”. Mas, dois dias depois, estava escrevendo sobre a grade de horário, que aulas teria, planejando caronas com Evie. O senhor a viu naquela semana? Nos dias que antecederam sua morte?

– Não – diz ele baixinho. – Bem que eu queria. Eu não sabia que ela estava passando por momentos tão difíceis. Não sabia de nada disso, de todo modo. Os boatos sobre Jamie só começaram a se espalhar depois que as aulas recomeçaram, portanto... eu não sabia. Eu queria ter podido ajudá-la.

Volto o olhar para ele.

– Já sei a respeito do meu pai.

Ele me avalia por um segundo.

– Eu sinto muito – ele diz.

Passo o dedo no queixo.

– Todas as ilusões dela evaporaram no ar naquele verão – digo, mais para mim do que para ele. – Ela descobriu o caso do meu pai, percebeu que mamãe só se importava com as aparências, teve o coração dilacerado...

O senhor Kibbits pega um lápis e o bate na mesa, num ritmo discrepante ao tique-taque do relógio.

– A vida nunca é tão certinha – diz. – Shannon teve alguns problemas, porém estava lidando com eles. Se ela tivesse vivido mais, teria enfrentado *novos* problemas, e lidado com esses também. Como todos nós. – Ele solta o lápis. – A vida é assim.

Ele se inclina em minha direção.

– Sinto muito que você tenha ficado sabendo dos problemas dela. Lamento muito que ela tenha sofrido tanto antes de morrer. Mas a vida dela não foi apenas tumulto e sofrimento, Summer. Eu a conheci. Acredite em mim: ela era feliz.

Cruzo os braços.

– Até onde posso afirmar, a vida dela nunca teve tantos sobressaltos até aquele verão. Talvez tenha sido demais para ela. Talvez ela não quisesse viver a menos que a sua vida fosse perfeita. Talvez ela não acreditasse que *merecesse* viver sem uma vida perfeita.

Tique-taque. Tique-taque.

– Sabe o que eu acho? – A voz do senhor Kibbits vem de longe, enquanto ele volta a bater o lápis. – Acho que ela estava

amadurecendo, ficando mais sábia e mais forte. Acho que ela teria sido uma adulta e tanto.

Tique-taque. Tique-taque.

– Eu queria ter podido ajudá-la – falo.

O senhor Kibbits sorri para mim.

– E ela, certamente, gostaria de poder ajudar *você*.

Engulo em seco o nó que se forma em minha garganta. Fecho os olhos e, quando os abro novamente, eles recaem sobre o papel que estou segurando...

1ª aula: Espanhol II, sala 108, Dawson

2ª aula: Redação, sala 222, Brantley

3ª aula: Sociologia, sala 206, Parkinson

Intervalo

4ª aula: Anatomia, sala 417, Raleigh

5ª aula: Estatística Geral, sala 303, Portman

6ª aula: Sala de estudo, sala 136, Bell

Olho para o senhor Kibbits.

– Aqui está o meu horário – digo, entregando-lhe o papel. – Quer dar uma olhada e me passar algumas dicas sobre os professores?

Seu rosto se ilumina. Ele pega o papel e finge um ar de extrema concentração.

– Meu Deus, seria melhor *você* ser ensinada por macacos!

Nós rimos.

– Brincadeira – diz. – Apesar de a professora Parkinson ser um pouco entediante. Dizem, na sala dos professores, que diversos alunos entraram em coma durante as aulas dela. Mas *você* não ficou sabendo por mim...

Ele me devolve o papel, e nós sorrimos.

– Sinto muito não estar na sua aula de Inglês – digo. – As aulas avançadas estão além da minha alçada.

Ele bate o lápis na mesa de novo. Agora em sintonia com o tique-taque do relógio.

– Também sinto muito. Não acredito que você saiba o quanto é capaz, mas vai descobrir.

Faço que sim com a cabeça.

– Obrigada por conversar comigo – digo.

Ele também concorda com a cabeça, mas acaba levantando o indicador.

– Sabe... Só é preciso a recomendação de um professor para transferi-la da turma normal para a avançada em Inglês – diz. – E se, por acaso, fosse eu o professor a fazer essa recomendação, então, eu praticamente poderia garantir em que turma de Inglês avançado você será alocada.

Fico vermelha, mas sorrio.

– Esforce-se um pouco, Summer – diz o senhor Kibbits. – Acredito que você faria um excelente trabalho na minha turma. O que me diz?

Dou de ombros.

– Acho que eu adoraria as suas aulas.

Ele concorda.

– Então, está feito. Mas descanse este fim de semana. Vou fazê-la estudar bastante.

– Acho que aguento – sorrio.

Ele retribui o sorriso.

– Também acho isso.

Afasto uma mecha de cabelo para trás do ombro.

– Obrigada. Mesmo.

– Não há de quê. Mesmo. Acredito que terá um ano maravilhoso.

Sorrio e me levanto. Estico o braço para lhe dar a mão, mas me sinto pouco à vontade de repente. Um aperto de mãos? Quando foi que comecei a apertar as mãos das pessoas?

Mas o senhor Kibbits toma a minha mão e dá um aperto caloroso.

– Você vai ter um ano maravilhoso – ele repete.

E assim, do nada, acredito nele.

Trinta e oito

— **A**cho que a encontrei.

Fecho a porta de entrada atrás de mim e me junto a Gibs na varanda. Meus pais e eu terminamos de jantar há uma hora, mas o aroma de bistecas ainda está no ar.

— Encontrou quem?

Gibs acena para mim e eu o sigo até os degraus da varanda. Ele se senta no mais alto e puxa um papel do bolso do jeans.

Dou uma espiada. É a impressão de uma página da internet... Uma página cheia de endereços.

— Uma lista das Jamie Williams em um raio de cento e cinquenta quilômetros – explica Gibs.

— Ah – falo. – Ei, adivinha? Parei para conversar com o senhor Kibbits hoje, quando fui buscar a minha grade de horário. Ele disse que posso entrar na turma dele de Inglês avançado este ano.

Gibs parece confuso, mas sorri.

— **Q**ue ótimo! É exatamente onde você deve estar. Bem, como eu dizia, procurei na internet...

— Infelizmente, fiquei com a Parkinson em Sociologia – continuo.

— Mas, puxa, estou entusiasmada com as aulas do senhor Kibbits. **Q**ue ideia a minha de ter aspirações em turmas avançadas, hein?

Gibs se aproxima de mim, olhando-me com curiosidade.

– Muito bem – diz. – Olha aqui, Jamie Williams é um nome bem comum, mas filtrei a busca...

Levanto a mão, para interrompê-lo.

– *O que foi?* – pergunta Gibs, mais confuso do que nunca.

– *Quais são as suas aulas?* – pergunto-lhe.

– O quê? Aulas? Não sei... meu horário está no carro. Mostro para você depois. Bem, como eu ia dizendo, das diversas dúzias de Jamie Williams nesse raio de cento e cinquenta quilômetros, pois imagino que ela não fosse se aventurar para muito além disso, encontrei três que...

Levanto a mão de novo.

Gibs fecha os olhos por um segundo.

– *O quê?* – pergunta ele, a confusão se misturando à irritação.

Com suavidade, afasto uma mecha de cabelo do rosto dele.

– Obrigada – digo, com sinceridade. – Obrigada por tentar encontrá-la.

Ele arqueia a sobrancelha.

– *Mas...?*

Um esquilo passa correndo pelo gramado, saindo debaixo de um dos arbustos da mamãe para subir em uma árvore. Um pássaro vermelho canta em desaprovação, abre as asas e alça voo.

Pego o papel das mãos de Gibs, dobro-o e o deixo de lado.

– Acho que eu não aguentaria se encontrasse Jamie e ela agisse da mesma forma que Chris, quase que dizendo: “Shannon *quem?*”. – Olho para as minhas mãos. – Não sei o que eu esperava. Isto é, sei que eles eram praticamente “crianças”, mas Shannon sempre foi maior que tudo para mim, e tê-la reduzida pelo olhar vago de Chris... Além disso, Jamie não era uma amiga de verdade. Ela foi só um desvio na vida de Shannon.

Gibs esfrega o queixo.

– Mas foi ela quem contou para Shannon que estava grávida. Ela poderia lhe dizer o que...

Afasto mais um mosquito da frente do rosto e me inclino para trás, apoiando os cotovelos na varanda.

– Acho que não faz sentido transformar a vida de Shannon em um mistério sombrio e profundo – digo, observando os vaga-lumes que começaram a brilhar na noite fresca. Ou talvez eles estivessem ali o tempo todo, e só consegui vê-los agora, com o entardecer, quando a luz deles se faz ver. – Sei o que preciso saber. Acho que está na hora de seguir em frente.

Gibs considera minhas palavras e concorda.

– É um bom plano.

Sorrio ao observá-lo mais de perto.

– Sabe – digo em tom de brincadeira –, não consigo deixar de pensar que apesar de Shannon ter me superado em praticamente todos os aspectos, meu gosto para namorados é infinitamente melhor.

Ele inclina a cabeça e a aproxima de mim. Meu rosto encosta no dele e nos beijamos. Envolve-me a nuca com as mãos. Grilos cricrilam mais alto quando nos abraçamos.

Biii!

Levantamos a cabeça, alarmados. Tia Nic acaba de estacionar na entrada. Ela acena entusiasmada ao sair do carro.

– Não parem por minha causa – diz, aproximando-se.

Gibs se põe de pé.

– Oi...

– Olá, Gibson – cumprimenta-o tia Nic. – Não se levante. Eu só estava no bairro e pensei em trazer o pagamento da Summer. – Ela pisca para mim, e eu afundo o rosto nas mãos.

– E-eu estava de saída – gagueja ele.

– Não precisa.

– Não, verdade – insiste ele. – Preciso ir para casa. – Ele inclina a cabeça para mim de modo formal. – Summer. Senhora...

– Pode me chamar de Nicole, lembra? – diz-lhe tia Nic. – Ou Nic. Nic é legal.

Ele engole em seco.

– Muito bem, então. Até mais, senhora... Até mais.

Gibs abaixa a cabeça e desce os degraus, correndo. Dou uma risadinha e aceno quando ele entra no carro e vai embora.

Tia Nic me fita e diz:

– Ai, meu Deus! – Ela se senta ao meu lado. – Você... Danadinha! Vocês são um casal! Ai, ai... Eu *sabia!*

Dou uma risada e enrolo uma mecha de cabelo no dedo.

– Aliás, ele é adorável – ela acrescenta.

Franzo o nariz.

– Acha mesmo?

– Claro! Já contou à sua mãe que vocês estão de namoro?

Reviro os olhos.

– De *namoro...* – repito com zombaria, fazendo tia Nic rir. – Mamãe está no rol dos que sabem o que precisam saber. Você vai ficar calada a menos que queira ser condenada à morte.

– Por quê? – ela pergunta, com um biquinho exagerado. – Sua mãe ficaria animadíssima. Ela convidaria Gibs para jantar, ou prepararia piqueniques para o almoço de vocês, e sairia com a mãe dele para almoçar, e...

– É por tudo isso mesmo.

– Bem, é melhor parar com os beijinhos na varanda ou o segredo logo, logo será revelado.

Sorrimos enquanto uma leve brisa mexe nossos cabelos.

– Acabei de ler o diário – digo com suavidade.

Tia Nic apoia uma mão nas minhas costas.

– Está contente por ter lido?

Faço que sim. Os vaga-lumes estão saracoteando à toda agora, dançando no ar como confetes de neon.

– Sabia que ela havia terminado com o Chris antes de morrer?

– Hummm – diz tia Nic. – Sua mãe me contou. Ela não sabia muita coisa, mas estava feliz por Shannon finalmente enxergar a verdade.

– Então, você não conversou com a Shannon sobre o rompimento?
– pergunto, com cautela.

Tia Nic balança a cabeça.

– Bem que eu queria. Tio Matt e eu estávamos na praia na semana anterior à morte dela. Chegamos tarde no domingo à noite e, então, na manhã seguinte...

Respiro fundo o ar perfumado da noite.

– Foi bom saber que Shannon não era perfeita. Faz eu me sentir um pouco menos decepcionante.

Tia Nic esfrega minhas costas.

– Por que você acha isso? – pergunta. – Você é a pessoa mais corajosa que conheço. Foi por isso que lhe dei o diário de Shannon.

Sorrio para ela.

– Obrigada. Vou dar o diário para mamãe e papai também.

Ela faz uma pausa e depois concorda com seus olhos calorosos.

– Assim eles poderão ler se quiserem, ou guardá-lo... O que decidirem – digo. – Mas a escolha tem de ser deles. Sei que parte do que está escrito pode assustá-los, mas... acho que Shannon entendeu o defeito primordial da nossa família.

– E qual seria? – pergunta tia Nic.

– Que o que temos aqui – digo, imitando Luke Jackson de *Rebeldia indomável*, abarcando a casa com um gesto amplo de braço –, é uma falha de comunicação.

Tia Nic dá risada.

Também rio, e apoio o queixo na mão.

– Não quero mais ter falhas de comunicação – digo.

Tia Nic respira fundo.

– Bem – diz, com os grilos cricrilando ao fundo –, acho que você e Shannon formam um bom time.

Trinta e nove

Entro em casa, o cheiro de alho das bistecas ainda paira no ar. Passo pela cozinha, onde mamãe esfrega panelas, e aceno com casualidade, depois vou para a sala. Está passando o noticiário e papai está sentado em frente ao computador.

– Oi, pai – digo.

– Oi, meu bem.

Sento-me na poltrona reclinável e a giro na direção dele. Papai se vira de frente para mim.

– Posso fazer uma pergunta? – digo.

Ele sorri.

– Manda ver.

Inclino a cabeça.

– Como você e mamãe lidaram com a morte de Shannon?

Ele parece um pouco surpreso, depois passa as mãos pelos cabelos.

– A sua mãe me fez seguir em frente. Ela *nos* fez seguir em frente.

Eu jamais teria conseguido sem ela.

Procuro o seu olhar.

– Você é como sua mãe – diz-me ele. – Forte. E inteligente.

Uma brisa repentina de perfume Shalimar invade a sala. Papai e eu olhamos para a porta e vemos mamãe entrar.

– Summer, esqueci de perguntar durante o jantar: você se lembrou de buscar sua grade de horário na escola?

Faço que sim.

– Tudo certo. Estou pronta para começar o último ano na segunda-feira.

Meus olhos passam dela para papai, para captar a reação deles. Papai parece saudoso; mamãe, imperturbável. Ela começa a olhar a correspondência.

Preparo-me para o que vai acontecer e continuo:

– Estou prestes a alcançar Shannon – digo. – Essa foi a última coisa que ela fez. Ir ao primeiro dia de aula do último ano letivo.

Mamãe e papai trocam olhares, depois mamãe olha para mim com certa premência.

– Summer, você vai se sair bem – diz, decidida. – Você vai para a escola na segunda-feira e terá um dia maravilhoso. E terá um ano maravilhoso. E vai tocar o restante da sua vida.

Concordo com a cabeça.

– Eu sei. Não sou supersticiosa, nem nada assim. Sei que será apenas um dia como outro qualquer. Mas... tenho pensado muito em Shannon ultimamente. – Olho fixamente para mamãe. – Conte-me sobre o último fim de semana dela – digo, com gentileza. – Bem onde estamos agora: o último fim de semana antes do começo do último ano escolar dela. Como foi?

Mamãe fica com o queixo ligeiramente caído. O pêndulo do relógio do vovô oscila monotonamente.

– Por favor, conte-me – peço. – Se eu souber, não vou ficar imaginando.

Os olhos azuis-claros de mamãe se arregalam. De repente, ficam úmidos. Papai entrelaça os dedos.

– Não ouve nada de memorável naquele fim de semana – ela diz, olhando pela janela. – Shannon estava um pouco triste. Ela teve uma paixonite por um garoto qualquer durante o verão... – Seus lábios se curvam. – Acho que, no fim das férias, ela percebeu que aquilo não era nada. Mas, mesmo assim... foi duro para ela.

– Ela tocou no assunto com você? – pergunto.

– Você fala desse tipo de coisa comigo? – pergunta mamãe, na defensiva. – Adolescentes não falam com os pais.

– Ela falou comigo.

A voz de papai sai baixinha, a ponto de mal ouvirmos suas palavras, mas nossos olhos recaem sobre ele imediatamente.

– Ela falou comigo sobre ele – repete papai.

Eu me inclino mais para perto.

– O que ela disse?

Ele abre a boca, depois a fecha. Em seguida, volta a abri-la... E um soluço escapa.

Inclino-me para abraçá-lo. Ele me segura com força, e eu me pergunto se não vai quebrar as minhas costelas.

– Randall – diz mamãe, mas a sua voz é suave.

– Ela o amava – diz papai em meio às lágrimas, ainda me abraçando.

– Ela não o amava... – protesta mamãe.

– Amava, sim – repete papai. – Tentei avisá-la, mas ela... ela era só uma criança. Ele partiu o coração dela, claro. Ela chorou comigo, pouco antes de morrer.

– O que você disse a ela? – pergunto.

– Eu disse que sentia muito, que ela merecia coisa melhor. Que ele não era nada, que ela teria ainda um milhão de namorados.

Os soluços de choro dele agora estavam incontrolláveis. O rosto de mamãe fica todo crispado. A correspondência cai de suas mãos, que começam a tremer.

– Não foi nada – insiste ela, chorando. – Foi só uma paixãoite sem sentido.

– Foi algo pra ela – diz papai com firmeza, afastando-se de mim e esfregando as mãos no rosto. – Significou alguma coisa para ela.

Um longo momento fica suspenso no ar.

– Mesmo assim – diz papai, com a voz mais firme dessa vez –, ela estava bem. Ela estava superando. Eu disse a ela para ir ao shopping com sua mãe. Fazer compras sempre a animava.

Mamãe se aproxima de nós.

– Compramos quatro pares de sapatos – ela diz, sorrindo em meio às lágrimas. – Foi uma extravagância, mas decidimos que nós duas poderíamos usá-los, pois tínhamos o mesmo tamanho, então, que importância tinha aquilo?

Mamãe para perto da minha poltrona. Papai a fita, com carinho.

– Esses sapatos ainda estão nas caixas no meu armário – ela diz.

– Shannon e sua mãe eram muito próximas.

Mamãe dá um sorriso fraco em meio às lágrimas.

– Ela era dura comigo – diz mamãe. – Assim como você, Summer. Ela me fazia pisar em ovos. Nem sempre foi assim, porém, só mais para o fim. De repente, ela passou a questionar tudo, fazendo-me justificar tudo o que eu dizia ou fazia. Era exaustivo.

Ela ri de leve, e papai ri com ela.

– Minhas meninas conseguiram mesmo me colocar no meu lugar – ela diz, esticando o braço para encostar a mão fria no meu rosto.

– Nós amamos você – digo, depois coro, constrangida. – *Eu amo você*. E sei que Shannon também amava.

O rosto de mamãe fica crispado novamente.

– Ela amava mesmo – diz, enfaticamente. – Ela *me* amava. As minhas duas filhotas me amam.

Faço que sim.

– E como não amar? Você é tão “amável”.

O riso escapa dos seus lábios, e papai e eu nos juntamos a ela, todos nós rindo em meio às lágrimas.

– Ei, adivinha? – digo depois de alguns instantes, olhando para os rostos corados e os olhos úmidos. – Gibbs e eu... Vejamos... Qual foi o termo ridículo que a tia Nic usou? Nós *estamos de namoro*.

As sobrancelhas de mamãe se erguem.

– Ah, estamos começando a partilhar essas coisas com a mamãe, é?

Adoro o brilho do olhar dela.

– Acho que estamos, mas não comece a escolher o enxoval, está bem? Fique fria, mãe, eu imploro.

Ela me dá um tapinha na perna.

– Estou ficando fria o verão inteiro, Summer! Acha que uma mãe não percebe essas coisas?

Faço uma pausa e olho de relance para o retrato em aquarela de Shannon na parede. O cabelo está esvoaçante na imagem, o vestido branco também, os pés estão descalços na areia da praia enquanto ondas batem em seus tornozelos.

– Não quero ter segredos – digo com suavidade, depois engulo em seco para continuar. – Tenho uma coisa que quero que vocês vejam...